



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Matheus Avila Machado

A produção acadêmica sobre tradução indireta no Brasil: um estado da arte

Florianópolis
2024

Matheus Avila Machado

A produção acadêmica sobre tradução indireta no Brasil: um estado da arte

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof.^a Vanessa Lopes Lourenço Hanes, Dr.^a

Florianópolis
2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Avila Machado , Matheus

A produção acadêmica sobre a tradução indireta no Brasil:
um estado da arte / Matheus Avila Machado ; orientadora,
Vanessa Lopes Lourenço Hanes, 2024.

110 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. estado da arte. 3. tradução
indireta. 4. estudos da tradução brasileiros. 5. Estudos
Descritivos da Tradução . I. Lopes Lourenço Hanes, Vanessa .
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

Matheus Avila Machado

A produção acadêmica sobre tradução indireta no Brasil: um estado da arte

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 26 de março de 2024, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Cynthia Beatrice, Dr.^a
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Prof. Ebal Sant'Anna Bolacio Filho, Dr.
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof.^a Sheila Maria dos Santos Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Insira neste espaço a
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a
assinatura digital

Prof.^a Vanessa Lopes Lourenço Hanes, Dr.^a
Orientadora

Florianópolis, 2024.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à minha orientadora Profa. Dra. Vanessa Lopes Lourenço Hanes que com tanto zelo e paciência me guiou durante toda essa jornada acadêmica.

Agradeço também minha família, em especial minha mãe Mara Luzia Avila e minha irmã Gabriela Avila, por sempre acreditarem em mim e por me incentivarem a ir além.

Agradeço à minha namorada Dyandra Ramos por ser a minha fortaleza e por tornar os meus caminhos mais bonitos.

Ao meu grande amigo de longa data Matheus de Liz Salamon por todos os conselhos e auxílio técnico que só um profissional das exatas poderia oferecer.

A todos os meus alunos da E.E.B Professor Armando Ramos de Carvalho por me proporcionarem momentos tão leves e por me darem a certeza de que escolhi a profissão certa. Que a educação abra para eles tantas portas quanto abriu para mim.

Ao programa de bolsa de pós-graduação do FUMDES por todo o suporte financeiro que tornou viável a minha formação.

Aos professores Profa. Dra. Cynthia Beatrice, Prof. Dr. Ebal Sant'Anna Bolacio Filho e Profa. Dr.^a Sheila Maria dos Santos, por terem aceitado fazer parte da minha banca. Também ao Prof. Dr. Werner Ludger Heidermann por ter feito parte da minha banca de qualificação.

À Universidade Federal de Santa Catarina e todos os seus professores e funcionários, em especial todos aqueles que fazem parte da PGET, por ofertarem uma educação gratuita e de qualidade.

RESUMO

Mesmo sendo um recurso antigo (Berman, 2013), a tradução aparece como um campo de pesquisa relativamente novo. É uma prática específica desta área, a tradução indireta, que pode ser conceituada como uma tradução derivada de outra tradução (Pym, 2011), tem se tornado mais relevante dentro dos estudos tradutórios, crescendo como uma subárea nos Estudos da Tradução. Este trabalho tem como principal objetivo contribuir com o avanço da pesquisa acerca da tradução indireta ao identificar e mapear as produções acadêmicas sobre este tema no âmbito dos Estudos da Tradução que foram desenvolvidas no Brasil e, com base neste mapeamento, elaborar um panorama geral para melhor compreender a abordagem deste fenômeno tradutório no país até o momento, seguindo a abordagem dos Estudos Descritivos da Tradução proposta por autores como Toury (1995), Lambert e Van Gorp (2011) e Even-Zohar (2013). Para isto, foram selecionadas produções acadêmicas nacionais utilizando a ferramenta de busca do Google Acadêmico, compreendendo materiais que traziam o termo “tradução indireta” ou “traduções indiretas”, ou no seu título, ou no corpo do texto. Observou-se que no Brasil a tradução indireta ocorre principalmente na falta de domínio da língua original do material fonte, tendo que se recorrer a línguas de maior circulação. Verificou-se também que, mesmo de maneira tímida, ela se faz presente em diferentes frentes acadêmicas e tem potencial para crescimento como temática de futuras pesquisas; e que, ainda que malvista por alguns pesquisadores, os estigmas carregados pela tradução indireta estão sendo eliminados com o tempo.

Palavras-chave: tradução indireta; estado da arte; estudos da tradução brasileiros; estudos descritivos da tradução.

ABSTRACT

Translation is a longstanding resource (Berman, 2013), but a relatively new field of research. And a specific practice in this area, called indirect translation, which can be defined as a translation derived from another translation (Pym, 2011), is becoming more relevant within Translation Studies, growing as a subarea in this field. The main objective of this study is to contribute towards the development of research on Indirect Translation by identifying and mapping academic Brazilian studies about this topic in the area of Translation Studies using Descriptive Translation Studies, an area developed by authors such as Toury (1995), Lambert & Van Gorp (2011) and Even-Zohar (2013). Based on this map, this study also provides a general overview to better understand the approach to this translation phenomenon in Brazil up to this date. To do this, studies were selected using Google Scholar as a search tool, resulting in a corpus including studies that use the terms “indirect translation” or “indirect translations”, either on their title or within the text. Results show that, in Brazil, indirect translation occurs mainly due to the lack of proficiency on the language of the source material, which leads to the use of languages of greater circulation. In addition, indirect translation is gradually becoming more present in different academic fronts, showing potential as a research topic for the future; furthermore, although frowned upon by some researchers, stigmas attached to indirect translation are disappearing over time.

Keywords: indirect translation; state of art; Brazilian translation studies; descriptive translation studies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Anúncio do livro “A Morte de Ivan Ilitch”	47
Figura 2 – Lista de motivos para comprar o livro "Noites Brancas"	47

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Modelo para condensação dos resultados da pesquisa: tradução indireta no Brasil	50
Quadro 2 – Trabalhos que abordam a tradução indireta como temática principal (termo “tradução indireta”)	53
Quadro 3 – Trabalhos que abordam a tradução indireta como temática principal (termo “traduções indiretas”)	54
Quadro 4 – Trabalhos que abordam a tradução indireta como temática transversal (termo “tradução indireta”)	62
Quadro 5 – Trabalhos que abordam a tradução indireta como temática transversal (termo “traduções indiretas”)	71

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	A CONCEITUAÇÃO DA TRADUÇÃO INDIRETA.....	16
2.1	A QUESTÃO TERMINOLÓGICA.....	18
3	A TRADUÇÃO INDIRETA COMO PRÁTICA.....	21
4	A TRADUÇÃO INDIRETA COMO SUBÁREA DE ESTUDO.....	27
4.1	TRADUÇÃO INDIRETA, LÍNGUAS FRANCAS E A EXPANSÃO DA INTERNET.....	30
4.2	TRADUÇÃO INDIRETA: ÔNUS E BÔNUS.....	31
4.2.1	A Violência Epistemológica e a Tradução Indireta	33
4.2.2	A Democratização do Acesso ao Conhecimento	37
5	A TRADUÇÃO INDIRETA NO BRASIL.....	39
5.1	A ARTE DE RECRIAR: UM BREVE PANORAMA SOBRE O CONCEITO DE TRADUÇÃO NO BRASIL	39
5.2	TRADUÇÃO INDIRETA: UMA RECRIAÇÃO TALVEZ NÃO TÃO BEM VISTA	41
6	APRESENTAÇÃO DO ESTADO DA ARTE	49
6.1	A TRADUÇÃO INDIRETA COMO TEMA PRINCIPAL (TERMO “TRADUÇÃO INDIRETA”).....	50
6.2	A TRADUÇÃO INDIRETA COMO TEMA PRINCIPAL (TERMO “TRADUÇÕES INDIRETAS”).....	54
6.3	TRADUÇÃO INDIRETA COMO TEMA TRANSVERSAL (TERMO “TRADUÇÃO INDIRETA”).....	55
6.4	TRADUÇÃO INDIRETA COMO TEMA TRANSVERSAL (TERMO “TRADUÇÕES INDIRETAS”).....	64
7	ANÁLISE DOS DADOS LEVANTADOS	74
7.1	ACHADOS NO TÍTULO	74
7.2	ACHADOS COMO TERMO TRANSVERSAL.....	83
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
	REFERÊNCIAS	101

1 INTRODUÇÃO

Mesmo a tradução sendo, conforme coloca Berman (2013), um recurso antigo dentro da literatura, a pesquisa em tradução é uma área relativamente nova no âmbito dos estudos literários, e ainda mais nova quando consideramos a disciplina dos Estudos da Tradução em si, a qual passou por um crescimento exponencial das suas produções acadêmicas a partir da década de 1960. Este crescimento tem tornado possível mais recentemente contextualizar e teorizar a utilização das traduções ao longo da história, bem como o seu impacto na sociedade.

Da mesma forma, uma prática específica da tradução, a tradução indireta (vista de uma maneira geral como “a tradução de uma tradução”, mas cuja conceituação será problematizada mais adiante) tem ganhado espaço dentro dos estudos tradutórios (Pieta, 2014). Esse crescimento do foco acadêmico nas traduções indiretas é atrelado principalmente ao uso mais frequente desse tipo de tradução, indo inclusive para além do contexto literário, como afirmam Rosa, Pieta e Maia (2017, p. 26, tradução nossa):

A tradução indireta de textos não literários se tornou muito mais frequente devido à demanda de se traduzir documentos pela língua franca (em organizações internacionais, por exemplo). O mesmo pode ser afirmado quando se trata da tradução indireta de textos literários.¹

Entretanto, apesar do crescimento da utilização da tradução indireta como alternativa para a produção de materiais traduzidos, e do aumento das pesquisas sobre as traduções indiretas, elas ainda não gozam de um espaço próprio dentro dos Estudos da Tradução. Esse fato acaba dificultando as reflexões teóricas acerca das traduções indiretas, criando uma demanda por pesquisas que lancem luz sobre as suas terminologias, conceitos e metodologias, bem como acerca de suas aplicações.

Considerando este contexto, a necessidade de se entender melhor como as traduções indiretas acontecem no Brasil e no mundo, e de se compreender como este fenômeno tem sido abordado no âmbito acadêmico nacional e internacionalmente, são fatos que justificam a importância de se estudar essa subárea dos Estudos da Tradução, justamente para que as suas características possam ser mais bem evidenciadas e o seu potencial explorado mais a fundo.

No que tange à motivação pessoal para a escrita deste trabalho, a tradução indireta despertou interesse quando a temática foi abordada brevemente em uma aula inaugural sobre história da tradução. Ao buscar sobre o tema, porém, notou-se à primeira vista um número

¹ “*ITr of non-literary texts has become more frequent due to the increasing need to edit documents via the linguae francae, e.g. in international organizations. The same could be held true for ITr of literary texts*”. Todas as traduções são de minha autoria, salvo indicação contrária.

relativamente baixo de resultados mais acessíveis sobre este fenômeno, algo de certa forma surpreendente, dada a sua importância e relação direta com a história literária de países como o Brasil. Esta pesquisa tem, portanto, como maior motivação servir como um ponto de partida para pesquisadores que, assim como o autor naquele primeiro contato, não estão familiarizados com a subárea da tradução indireta ou que buscam entender melhor esta prática permeada por tantos preconceitos, talvez assim contribuindo para que mais pesquisas sobre este tema sejam possíveis.

Assim sendo, o presente estudo visa contribuir com o avanço da pesquisa acerca da tradução indireta ao identificar e mapear as produções acadêmicas sobre o tema no âmbito dos Estudos da Tradução que foram desenvolvidas no Brasil nos últimos anos e, com base neste mapeamento, elaborar um panorama geral dessas pesquisas para melhor compreender a abordagem deste fenômeno tradutório no país até o momento. Para tanto, será analisado de que forma os conceitos de tradução indireta estão representados nas pesquisas dentro dos Estudos da Tradução brasileiros, para que ao final se possa apontar, a partir da análise das produções já existentes, possibilidades e demandas para a ampliação dos estudos sobre a subárea da tradução indireta nos Estudos da Tradução nacionais.

Para direcionamento de suas reflexões, este estudo adota algumas questões norteadoras envolvendo esse tipo de tradução, embora se compreenda que as mesmas provavelmente são respondidas aqui, em uma pesquisa de mestrado com suas limitações espaciais e temporais, somente de modo parcial. São elas: Qual tipo de tradução indireta é praticada no Brasil? Qual o lugar da tradução indireta nos Estudos da Tradução no Brasil? Que pesquisas e estudos acadêmicos têm sido desenvolvidos sobre tradução indireta? De que forma a tradução indireta tem sido representada neste campo disciplinar? Em qual ou quais conceitos de tradução indireta os estudos desenvolvidos no país se embasam?

A hipótese inicial desta pesquisa foi de que seriam encontradas poucas produções acadêmicas especificamente sobre a tradução indireta no Brasil, não tratando dessa forma de tradução como temática principal, mas sim mencionando-a obliquamente em outros contextos tradutórios. Além disso, acreditava-se que a prática da tradução indireta seria majoritariamente tratada como algo a se evitar, diante da posição de maior prestígio da sua contraparte, aquelas que são denominadas traduções diretas. Devido à falta de pesquisas sobre o tema, presumiu-se que a conceituação da tradução indireta nos estudos nacionais encontrados se daria de forma equivocada ou limitada, e com esta abordagem tradutória aparecendo por vezes com outras nomenclaturas, o que por si só não é necessariamente negativo, conforme será exposto em seções posteriores.

Tendo em mente o objetivo geral de mapear e analisar as produções acadêmicas sobre a subárea da tradução indireta nos Estudos da Tradução nacionais, e buscando responder, ainda que parcialmente, às perguntas de pesquisa elencadas acima, este estudo se propõe a fazer um levantamento de cunho bibliográfico e documental-descritivo. A tradução indireta será, portanto, considerada aqui primordialmente enquanto subárea acadêmica, embora a prática da tradução indireta perpassasse, inevitavelmente, alguns momentos da reflexão proposta. Por conta disso, têm-se como objetivos específicos: entender a visão geral dos pesquisadores sobre a tradução indireta; identificar em quais contextos no Brasil este tipo de tradução é utilizado; detectar em que tipo de obra a tradução indireta é o meio mais comum.

Com relação à estruturação do texto, optou-se por uma separação em títulos e subtítulos, totalizando oito capítulos principais. O primeiro é uma apresentação geral em que se expõe a temática da pesquisa e os caminhos que ela tomará a fim de cumprir com os objetivos propostos. O segundo capítulo é uma conceituação geral da tradução indireta para que se possa entender o objeto de pesquisa e as suas questões terminológicas. O terceiro e quarto capítulo abordam, respectivamente, a tradução indireta como prática e como subárea de estudo. A tradução indireta como prática, apesar de importante para situar a pesquisa, aparece antes justamente para que o foco maior posteriormente recaia sobre a tradução indireta como área de estudo, por tratar-se do objeto principal da pesquisa. Ainda neste quarto capítulo, é desenvolvida uma problematização das questões que envolvem a tradução indireta, como por exemplo a sua relação com as línguas francas e com a manutenção de línguas dominantes e dominadas. No quinto capítulo é apresentada uma breve discussão sobre a tradução indireta no cenário nacional, junto a uma conceituação com base em autores brasileiros. O sexto capítulo traz os dados coletados sobre as produções acadêmicas referentes à tradução indireta no Brasil sendo subdividido entre as produções que possuem o termo tradução indireta no título e produções em que o termo aparece no corpo do texto. No sétimo capítulo é apresentada uma análise detalhada dos materiais trabalhados, abordando tanto as produções que utilizam “tradução indireta” ou “traduções indiretas” no título quanto no corpo do texto. No oitavo e último capítulo são apresentadas as considerações finais da pesquisa com base na análise dos materiais levantados.

Parece válido detalhar desde o início os passos metodológicos seguidos para o desenvolvimento do estado da arte proposto, e a base teórica sobre a qual foi construído. A fim de desenvolver esta pesquisa, realizou-se inicialmente uma pesquisa documental-descritiva que utilizou como instrumentos de coletas de dados fontes documentais referentes à produção acadêmica (teses, dissertações, artigos, capítulos de livros e outros) sobre a tradução indireta

ou que toquem esta temática, ainda que obliquamente. Gil (2002) coloca que as pesquisas descritivas objetivam a descrição de um determinado fenômeno, bem como estabelecem relações entre variáveis, e por isso se destaca aqui a importância de descrever as categorias que permeiam a subárea da tradução indireta possibilitando um conhecimento sistematizado que pode ir além dos dados quantitativos, mas, ao mesmo tempo, evitar um viés puramente qualitativo.

Na área da tradução, o campo de saber que pareceu melhor contemplar o tipo de análise aqui proposta foi aquele chamado de Estudos Descritivos da Tradução. Autores como Toury (1995) discorrem sobre a importância deste tipo de estudo. Ele afirma:

Descrever, explicar e prever fenômenos relativos a um objeto é assim o principal objetivo de tal disciplina. Além disso, estudos criteriosamente realizados com base em *corpus* bem definidos, ou conjuntos de problemas, constituem o melhor método de testar, refutar e, principalmente, modificar e corrigir a própria teoria, na qual as pesquisas são realizadas (Toury, 1995, p. 1).²

Ao analisar obras com base em um arcabouço descritivo, torna-se viável não apenas a análise do texto em si, mas também de todo o contexto em que ela foi escrita, pois o autor, o tradutor, e a obra ocupam uma posição dentro de um sistema que está em constante mudança, visto que é influenciado diretamente por fatores socioculturais que se alteram. Segundo este entendimento, o tradutor vem a ser um porta-voz da cultura à qual pertence. Rosa (2010) ainda comenta sobre outro aspecto dos Estudos Descritivos da Tradução:

Ao se considerar a interdependência da tradução como produto, processo e função e ao relacionar regularidades evidenciadas por uma descrição acompanhada do contexto sociocultural que as restringem, os Estudos Descritivos da Tradução também pretendem entender e explicar estas regularidades descritas. A identificação de relações de sequência, correlação ou causa entre caráter e contexto das variáveis também é realizado, com o objetivo de produzir formulações mais refinadas de leis teóricas probabilísticas, capazes de prever o que se passa com uma tradução dada uma série de circunstâncias (Rosa, 2010, p. 5).³

Mais do que encontrar diferenças, um estudo descritivo visa também buscar regularidades que ajudem a explicar fenômenos dentro de uma certa área de estudo. Ao se estudar trabalhos produzidos sobre a mesma temática — no caso deste trabalho, sobre a

² *Describing, explaining and predicting phenomena pertaining to its object level is thus the main goal of such a discipline. In addition, carefully performed studies into well-defined corpus, or sets of problems, constitute the best means of testing, refuting, and specially modifying and amending the very theory, in whose terms research is carried out.*

³ *By considering the interdependency of translation as product, process and function, and by relating regularities uncovered by such a description with features of the sociocultural context constraining them, DTS also aspires to both understand and explain the described regularities. The identification of relations of sequence, correlation or cause between profile and context variables is also carried out with the purpose of producing more refined formulations of probabilistic theoretical laws, capable of predicting what translation may be under a given set of circumstances.*

tradução indireta — poderão ser observados padrões nos textos analisados, auxiliando em uma compreensão geral do estado da arte no Brasil.

Com base nesta perspectiva descritivista, realizou-se busca *online* por materiais para um mapeamento das produções sobre a tradução indireta no Brasil, sendo utilizado o portal Google Acadêmico, por compilar os trabalhos acadêmicos nacionais disponíveis em formato digital, ao menos em sua maioria. Inicialmente a pesquisa utilizaria outras bases de dados, como o Portal da CAPES, por exemplo, porém optou-se pelo Google Acadêmico justamente por esta base de dados concentrar um maior número de materiais provenientes de diferentes fontes. Para a seleção destes materiais alguns critérios foram elencados, os quais serão descritos a seguir.

Primeiramente, optou-se por trabalhar exclusivamente com conteúdo *online* e em domínio público, o que, felizmente, no Brasil não constitui um problema já que a esmagadora maioria da produção acadêmica nacional está disponibilizada virtualmente de forma gratuita. Foram, portanto, utilizados apenas materiais em formato digital e *online*, em função das restrições de tempo e deslocamento necessárias para a obtenção de materiais físicos em diferentes lugares.

Decidiu-se logo no início que seria enriquecedor para o presente estudo considerar dois contextos de pesquisa: um deles no qual a tradução indireta fosse, definitivamente, o objeto principal, o que poderia ser atestado pela presença do termo no título das pesquisas publicadas; e outro contexto no qual a tradução indireta fosse mencionada de forma transversal, no conteúdo dos textos, mas sem ser necessariamente seu principal objeto.

A partir daí, foi adotada uma janela cronológica de dez anos para os trabalhos que mencionam o termo “tradução indireta”, considerando pesquisas publicadas entre 2012 e 2022. Já para os trabalhos em que “tradução indireta” aparece como título, não se fez necessário adotar uma janela temporal. A opção pela utilização da janela temporal — ou da sua não utilização — será melhor pontuada posteriormente no momento de apresentação dos dados levantados.

Diante da polissemia do termo, as palavras-chave inicialmente elencadas para a busca no Google Acadêmico incluíram “Tradução Indireta”, “Traduções Indiretas”, “Tradução de Segunda-Mão” e “Tradução Intermediada”; porém, durante o período em que esta dissertação foi escrita, “Tradução de Segunda-Mão” e “Tradução Intermediada” não retornaram nenhum resultado em que os termos citados apareciam como título, optando-se consequentemente pela busca e catalogação apenas dos materiais com a presença do termo “Tradução Indireta” ou “Traduções Indiretas”, tanto no título quanto no corpo do trabalho. Esta opção pareceu válida também pela predileção do termo no cenário atual dos estudos na área. Devido ao tempo mais restrito da pesquisa, não são consideradas produções acadêmicas em que os termos “tradução”

e “indireta” ou “traduções” e “indiretas” apareçam de forma separada no título ou no corpo do trabalho.

A partir desta sistematização da produção acadêmica sobre a temática em estudo, propõe-se aqui o desenvolvimento de uma análise dos achados, buscando estabelecer relações entre as publicações, indicando o que há em comum entre elas ou quais as diferenças, e traçando assim um panorama da representação da tradução indireta na literatura acadêmica produzida no Brasil em tempos recentes.

Pressupõe-se que este levantamento das produções científicas, além de retratar o que tem sido produzido no âmbito acadêmico, pode também servir de base futura, para expandir o entendimento sobre a subárea tradução indireta no campo disciplinar. Assim, após tabulação e análise comparativa dos achados, são sugeridas possibilidades de ampliação das investigações relacionadas com a temática em questão, elencando-se demandas de pesquisas sobre a tradução indireta em âmbito nacional notadas no processo de desenvolvimento deste estudo.

2 A CONCEITUAÇÃO DA TRADUÇÃO INDIRETA

Apesar de ser popularmente definida como “a tradução de uma tradução”, não se tem estabelecido no âmbito acadêmico mundial um conceito consensual para a tradução indireta. Alguns pesquisadores relevantes da atualidade, como Pieta (2014), citam um conceito produzido por Gambier (1994) sobre a retradução para lidar com a temática, porém é importante ressaltar que a tradução indireta e a retradução também podem ser percebidas (e particularmente no Brasil costumam ser percebidas) como campos distintos nos Estudos da Tradução. Essa questão terminológica será mais bem discutida na próxima seção deste trabalho.

Gambier, em seu artigo “*La retraduction, retour et détour*”, de 1994, apresenta a seguinte definição da retradução:

A retradução seria uma nova tradução, em uma mesma língua, de um texto já traduzido, na sua íntegra ou em parte. Ela estaria ligada à noção de reatualização dos textos, determinada pela evolução dos receptores, de seus gostos, de suas necessidades, de suas competências. (2020, p. 302).

Pode ser válido aqui problematizar a citação de Pieta, justamente pelo risco que se corre ao misturar dois conceitos tão distintos que são a retradução e a tradução indireta. Como será melhor exemplificado posteriormente, uma retradução é toda nova tradução de uma mesma obra, como idealizou Berman (2016), autor no qual Gambier baseou os seus conceitos, e que afirma:

Toda tradução feita depois da primeira tradução de uma obra é então uma retradução. É preciso retraduzir porque as traduções envelhecem e porque nenhuma é a tradução: assim vemos que traduzir é uma atividade submetida ao tempo e uma atividade que tem uma temporalidade própria: a da caducidade e do inacabamento (Berman, 2016, p. 262).

As retraduições, como colocado acima, teriam uma função histórica de renovar traduções justamente por fatores mutáveis como o avanço da língua e da sociedade. As traduções indiretas não se encaixariam nesse conceito, por dependerem de um outro fator. É o que concebeu Toury (1995), ao apresentar uma definição de tradução indireta que, apesar de dialogar com a de Gambier, expande o conceito e delimita o que pode ser considerado como tradução indireta, trazendo à tona a questão da utilização de línguas intermediadoras no processo e, assim, conceituando traduções indiretas como “[...] traduzir com base em uma língua que não a de origem” (1995, p. 58)⁴. Pode ser destacado aqui que, enquanto Gambier e Berman focam na renovação de uma tradução produzida pelo que chamam de “retradução”, Toury destaca a

⁴ “*Translating from a language other than the ultimate source language*”.

língua intermediadora, um ponto chave para definir se uma tradução foi produzida indiretamente.

Em uma abordagem mais atual, Pym (2011, p. 80) concebe a tradução indireta como o “[...] processo histórico de traduzir utilizando uma versão intermediadora”.⁵ Esta colocação motiva um ponto de análise interessante, pois aqui não se fala da utilização de uma língua como intermédio, mas sim de uma versão, sendo importante essa distinção para destacar que, para alguns autores, as traduções não precisam trabalhar com mais de duas línguas para serem consideradas como indiretas, bastando apenas terem passado por um material que serviu como intermédio. Um exemplo que pode ser usado para ilustrar esta questão é o da obra *Revelationes* de Santa Brigitte: produzida originalmente em sueco por volta do século XIV, o material ganhou uma tradução em latim e posteriormente foi traduzido novamente para o sueco com base nessa versão latina, sendo considerada uma tradução indireta na visão de Pym.

Um fato significativo a ser considerado aqui é o que Rosa, Pieta e Maia (2017, p. 20) apontam ao afirmar que:

Muitos estudos têm as Traduções Indiretas como algo já definido e não se preocupam em conceituá-la. Já outros estudos trazem apenas definições mais abertas. Como resultado, são poucas as publicações que retratam o conceito de uma maneira mais definida. Por conta disso, estudos que definem esse conceito são poucos e dispersos.⁶

Como é possível deduzir a partir das colocações acima, no geral não existe um consenso entre os autores mais proeminentes dos Estudos da Tradução na atualidade sobre a definição do que é uma tradução indireta, sendo o maior problema justamente a discordância em pontos chave desse conceito como o número de línguas que precisam ser envolvidas no processo (e se, de fato, se faz necessário utilizar mais do que uma língua para essas traduções serem consideradas indiretas), que tipo de materiais poderiam intermediá-las, e até se o texto mediador pode ou não já ter tido um público que o leu, conforme será melhor explanado posteriormente. Diante desta variedade de concepções, é importante citar o conceito pelo qual o autor do trabalho aqui desenvolvido se baseia para distinguir o que é uma tradução indireta.

Na concepção do autor da presente pesquisa, a tradução indireta é um método tradutório pelo qual se obtém um produto final com base na utilização de um intermédio que possibilite esta tradução, sendo este geralmente uma língua. Assim, toda tradução que deriva de uma intermediação seria uma tradução indireta, justamente por se opor ao método de tradução direta,

⁵ “the historical process of translation from an intermediary version”.

⁶ “Many studies take ITr for granted and do not provide any definition of this concept. Other studies provide only de facto (not explicit) definitions. As a result, publications offering explicit definitions of the concept in question are few and far between”.

em que se traduz a partir do material fonte (tido como original). Ainda para o autor, as traduções indiretas estão intrinsecamente conectadas com a consolidação cada vez maior de línguas francas e da manutenção da oposição entre línguas dominantes *versus* línguas marginalizadas, pois a tradução feita de maneira indireta só acontece pelo desconhecimento da língua na qual foi escrito o material original, justamente por essa língua ter uma baixa circulação devido à falta de prestígio e de interesse em se aprendê-la. Esta problematização a respeito da relação entre tradução indireta, línguas francas e a manutenção de culturas dominantes e culturas dominadas será discutida posteriormente no trabalho.

Para que o conceito da tradução indireta possa ser melhor entendido como uma tarefa tradutória que utiliza um material mediador e até para demonstrar os diversos usos e nuances deste tipo de tradução, serão posteriormente abordadas no trabalho duas situações práticas em que a tradução indireta se faz presente, sendo elas a sua relação com a literatura e com o audiovisual, para que a conceituação previamente trabalhada fique mais clara, e também para justificar a abordagem mais ampla desta pesquisa, cuja análise será desenvolvida considerando trabalhos voltados a diferentes modalidades de tradução indireta.

2.1 A QUESTÃO TERMINOLÓGICA

Um detalhe a se destacar na citação de Gambier previamente apresentada é que em nenhum momento o autor menciona o termo “tradução indireta”, chamando o fenômeno ao qual se refere de “retradução”. Apesar de possuir um conceito similar, a retradução tratada por Gambier geralmente é associada a traduções da mesma obra, geralmente na mesma língua. Toury, no artigo “*Translating English Literature via German and Vice Versa: A Symptomatic Reversal in the History of Modern Hebrew Literature*”, de 1988, fala sobre traduções feitas utilizando uma terceira língua como mediadora, mas o termo que utiliza para se referir a elas também não é “tradução indireta”, e sim, “tradução intermediada” (em inglês, “*intermediated translation*”).

Rosa, Pieta e Maia (2017) apontam que esse é um dos principais problemas da consolidação dos estudos nessa subárea: a falta de uma base sólida no que se refere à sua terminologia. É curioso que esta mesma autora, que defende uma nomenclatura sólida e uniforme, adota a retradução como opção conceitual, a qual acaba por, obviamente, gerar desencontros terminológicos aparentemente desnecessários, pelo menos no contexto brasileiro, no qual a retradução é entendida como conceito divergente da tradução indireta.

Conforme já indicado acima, Pym (2011) tenta delimitar o termo, aceitando apenas

“tradução de mediação” como expressão paralela, concordando com o conceito de Toury segundo o qual a tradução precisa passar por um processo de intermédio para ser considerada indireta.

Ringmar (2007) também utiliza a mesma delimitação terminológica, acrescentando que o termo “tradução indireta” se tornou o mais utilizado e aceito por utilizar palavras cognatas em diversos idiomas (inglês e francês, por exemplo), além de ser um antônimo para “tradução direta”, o que facilitaria a diferenciação dos dois conceitos.

Verificando-se produções acadêmicas nacionais que têm como temática a tradução indireta, notou-se outras opções utilizadas em menor escala para se referir ao mesmo fenômeno, as quais incluem: tradução intermediada, tradução de segunda-mão e tradução mediada (Leal, 2017).

Ao discorrer sobre a terminologia, Rosa, Pieta e Maia (2017) também defendem a utilização do termo “tradução indireta”, justificando:

- Ao contrário, por exemplo, dos termos “Tradução Pivô” ou “Tradução de Retransmissão”, que descrevem a ação do tradutor como produtor do texto de mediação, o termo descreve a Muito mais significativa (Pym, 2011, p.80) ação do tradutor trabalhando com base no texto mediador;
- Ao contrário, por exemplo, dos termos “Tradução de Retransmissão” ou “Retradução”, o termo possui um antônimo simples (Tradução Direta);
- Soa com um bom termo guarda-chuva que engloba vários hipônimos (Rosa; Pieta; Maia, 2017, p. 115)⁷.

Para as referidas autoras, a pluralidade de termos se dá pela falta de conceituação do que exatamente seria a tradução indireta, principalmente por este ser um campo de estudo que ganhou um foco maior apenas nos últimos vinte anos. Essa ausência de uma definição também é sentida quando se considera o caráter desse tipo de tradução, pois não se estabeleceu ainda se a tradução indireta em si é o processo tradutório ou o próprio produto final. Accácio (2010) defende que os dois casos são possíveis:

A TI é um procedimento (e um resultado deste) de transpor textos, tendo como base uma tradução já existente, em alguma língua, do texto-fonte. Sua existência, porém, está ligada antes ao texto-fonte, do qual não foi traduzido, ao invés da tradução a partir da qual foi realizada (Accácio, 2010, p. 99).

Os termos utilizados para tratar sobre a tradução indireta também rendem discussões no que se refere à sua finalidade. Para Dollerup (2000), há dois tipos de traduções com processos

⁷ “- Unlike, for example, “pivot” or “relay” translation, which describe the action of the translator producing the mediating text, it describes the Much more significant (Pym, 2011, p. 80) action of the translator working from the mediating text;

- Unlike, for example, “relay” or “retranslation”, it has a straightforward antonym (i.e., direct translation); It seems a convenient umbrella term to encompass various hyponyms.”

similares, mas com finalidades diferentes, sendo elas: a tradução indireta (ou tradução intermediária), que serviria apenas como material de consulta e nunca como um produto para o “consumo” de terceiros; e a tradução de retransmissão, feita com a função de ser lida por outras pessoas. Com relação a esta terminologia, Rosa, Pieta e Maia (2017) apontam que o foco do termo “tradução de retransmissão” está no processo de se trabalhar no texto intermediário, enquanto o termo “tradução indireta” trata da ação de se trabalhar a partir do texto intermediário.

3 A TRADUÇÃO INDIRETA COMO PRÁTICA

Diante da posição marginalizada da tradução indireta dentro dos Estudos da Tradução, é de se imaginar que a sua utilização seja rara ou até inexistente, porém há demandas prementes que motivam a existência desse fenômeno. Durante o curso da história, as traduções indiretas foram utilizadas por uma série de razões, conforme apresenta Washbourne (2013):

a) Falta de conhecimento de uma das línguas do processo ou falta de tradutores “por fatores geográficos, políticos, normas de aprendizagem da língua, recursos lexicográficos, etc.” (Washbourne, 2013, p. 611)⁸ para que essa versão aconteça de maneira direta;

b) Falta de acesso ao material original;

c) Distanciamento linguístico entre as línguas envolvidas no processo, por exemplo: “traduções do chinês para línguas europeias são qualitativamente diferentes de traduções intra-europeias” (2013, p. 611)⁹;

d) Prestígio das línguas envolvidas: “de línguas periféricas ou semiperiféricas por meio de línguas centrais” (2013, p. 612)¹⁰;

e) Questões de licenciamento e direitos autorais, colocando o exemplo: “[...] os textos fonte albaneses do trabalho de Ismail Kadare não possuem direitos autorais internacionais, então um novo texto fonte garante a sobrevivência do trabalho e é uma medida de controle autoral” (2013, p. 612)¹¹;

f) Custo.

O autor traz ainda uma série de variações da utilização da tradução indireta através da história, citando alguns exemplos:

a) Tradução para uma língua franca e uma nova autoria: “*Sappho* de Odysseas Elytis traduzido para o grego moderno e depois do grego para o italiano com Elytis como autor principal” (Washbourne, 2013, p. 612)¹²;

b) Autotradução para uma língua franca, seguida de uma tradução indireta: “*Obabakoak* de Bernardo Atxaga traduzido do basco para o espanhol e depois para outras línguas europeias: uma *fonte pivô*” (2013, p. 612)¹³;

c) Tradução para uma quarta língua com base na triangulação da segunda e terceira

⁸ due to geography, politics, language learning policy, lexicographical resources, etc.

⁹ Chinese into “European” translation is qualitatively different from “intra-European” translation.

¹⁰ from peripheral or semi-peripheral through central languages.

¹¹ [...] the Albanian source texts of Ismail Kadare’s work has no international copyright, so a new source text ensures the work’s survival and a measure of authorial control.

¹² Odysseas Elytis’ *Sappho* into modern Greek, then Greek> Italian with Elytis as principle author.

¹³ Bernardo Atxaga’s *Obabakoak*, Basque>Spanish, then to other European languages: a ‘pivot source’.

língua: “*Ferdydurke* de Witold Gombrowicz foi primeiramente traduzida pelo autor e um time de colaboradores para o espanhol (1947), depois para o francês e alemão (década de 60); depois, a partir dessas duas (ou talvez três) línguas, para o inglês” (2013, p. 612)¹⁴;

d) Tradução indireta intergenérica: “o poema *Israfel*, de Edgar Allan Poe foi traduzido para prosa por Mallarmé, depois para poesia por Artaud e, finalmente, para a língua portuguesa por Herberto Helder” (2013, p. 613)¹⁵.

Além dos motivos apontados, a tradução indireta também tem um forte apelo no que se refere às línguas dominantes, principalmente quando tratamos do mercado editorial. No Brasil, por exemplo, é possível notar que nos últimos anos as editoras têm investido em traduções diretas de obras clássicas, porém essas versões por vezes ainda têm sido produzidas a partir de textos que utilizam línguas de maior circulação, caracterizando assim uma tradução indireta, conforme mencionado na citação a seguir:

A nova tradução das *Mil e Uma Noites*, por Mamede Mustafa Jarouche, representa antes uma exceção, do que a regra para a tradução da literatura dessa língua. Nagib Mahfuz, prêmio Nobel de 1988 e um dos grandes nomes da literatura egípcia e islâmica, escreveu seus romances em árabe. No Brasil, sua famosa *Trilogia do Cairo* foi traduzida a partir do francês. Orhan Pamuk, prêmio Nobel de 2006 e um dos grandes nomes da literatura turca, escreve seus romances em sua língua materna. No Brasil, sua obra vem sendo traduzida sistematicamente a partir das traduções inglesa e francesa. Em 2008, o autor sueco Stieg Larsson foi o segundo autor mais vendido no mundo. Escritos originalmente em sueco, seus romances foram traduzidos no Brasil (e em vários outros países) a partir das traduções para o inglês (Cardozo, 2011, p. 433).

Em contrapartida, Pieta (2014) aponta que, apesar dessa concepção de que a tradução indireta ocorre apenas com línguas muito diferentes entre si, isso não é regra. A autora fala sobre o caso de traduções português/espanhol, duas línguas próximas tanto geograficamente quanto na sua composição, mas que se utilizavam do francês como língua intermediária até meados do século XIX.

A questão da valorização da língua mediadora também é notada ao longo da história, particularmente ao se considerar textos religiosos, como já citado anteriormente. Quando uma tradução da Bíblia estava sendo realizada, dificilmente ela era feita de maneira direta, como conclui Bellos (2011, p. 172):

Retradução (traduzir um texto que já foi traduzido) não é prática nova na Bíblia. Apenas os targum em aramaico e a Septuaginta em grego foram traduzidas diretamente do Hebreu bíblico. As traduções em Armênio, Copto, Latim antigo,

¹⁴ Witold Gombrowicz' *Ferdydurke* was first translated with the author and a collaboration team into Spanish (1947), then French and German (1960s); then from these two (or perhaps three), into English

¹⁵ Edgar Allan Poe's poem *Israfel* was translated by Mallarmé into prose, then by Artaud into poetry, and finally by Herberto Helder into Portuguese.

Siriaco, Ge'ez, Língua Persa e Árabes do antigo testamento foram feitas com base no Grego; A Bíblia Georgiana provavelmente foi traduzida inicialmente do Armênio (talvez sendo utilizados também o Siriaco e o Grego); da mesma forma que o Gótico Antigo provavelmente utilizou referências das versões em Latim.¹⁶

A escolha de fazer a tradução final se baseando na língua de mediação acontecia principalmente pelo pensamento de que essas eram mais próximas do divino (Bellos, 2011) Mesmo que uma tradução direta fosse possível, pela finalidade e pelo caráter do texto, optava-se por fazer essa versão de uma maneira indireta.

Organizações internacionais de tradução da Bíblia, como a *Wycliffe Bible Translators*, também atuam atualmente com traduções indiretas para a disseminação do seu trabalho. Sendo uma organização baseada nos Estados Unidos, a *Wycliffe* realiza diversas traduções da Bíblia em diferentes países, trabalhando com a população local para traduzir o material do inglês para a língua da região, com fins de evangelização. Até 2025, a organização pretende ter uma tradução da Bíblia iniciada para cada língua existente.

Rosa, Pieta e Maia (2017) apontam também que a globalização é um dos fatores que pode ter influenciado no aumento da utilização das traduções indiretas:

Por conta da globalização, as traduções indiretas supostamente tendem a crescer, visto que com uma rede internacional de relações de poder, a transmissão de textos interculturais tende a ser mediada por sistemas dominantes. Como consequência, traduções indiretas tendem a ser produzidas de uma língua periférica para outra língua periférica através de uma língua central ou hipercentral dentro de um sistema mundial ou sistema regional de tradução. (Rosa; Pieta; Maia, 2017, p. 03)¹⁷

Como dito anteriormente, apesar de possuir um forte laço com a cultura e poder ser utilizada para explicar uma série de relações da sociedade com línguas francas (através da preferência das línguas de intermediação ao longo da história), a tradução indireta ainda não é bem-vista como método tradutório (Accácio, 2010). O próprio termo “tradução de segunda-mão”, tido como um sinônimo em alguns contextos, demonstra o quanto esse tipo de tradução é considerado inferior se comparada com traduções diretas. Isso se dá especialmente por conta do conceito de pureza tradutória, segundo o qual a versão de uma obra não pode destoar das ideias originais de seu autor, algo que acaba se tornando mais difícil quando se trabalha com

¹⁶ “Retranslation (translating a text that is already a translation) is not a modern departure for the Bible. Only the Aramaic targums and the Greek Septuagint were translated directly from biblical Hebrew. The Armenian, Coptic, Old Latin, Syriac, Ge'ez, Persian, and Arabic translations of the Old Testament were done from the Greek; the Georgian Bible was probably first translated from Armenian (though it may have also used the Syriac and the Greek); the Old Gothic likewise, probably with some reference to Latin versions.”

¹⁷ Due to globalization, indirect translation apparently tends to increase, given that within an international network of power relations, intercultural text transfer tends to be mediated by dominant systems. As a consequence, indirect translation tends to be made from a peripheral language into another peripheral language via a central or hypercentral language within the world system or the regional system of translation.

três línguas (ou até mais) dentro das traduções indiretas. Cardozo (2011) vai em contraponto a esta percepção, e afirma que nenhuma tradução é de fato direta, pois sempre se deve levar em conta o contexto no qual uma obra é produzida.

Ainda dentro do conceito de pureza tradutória, pode ser válido abordar a questão do estilo no campo literário, e como muitas vezes se verte o conteúdo de uma obra na sua tradução, mas não o estilo do autor, uma questão tratada por Rubens Figueiredo no prefácio da tradução de “Crime e Castigo”, clássico de Dostoiévski:

Esta observação nos remete à questão do estilo de *Crime e Castigo* e à sua escrita, entrecortada por uma profusão de ressalvas, advérbios, conjunções adversativas e expressões de ênfase de toda sorte [...] no conjunto, deparamos com um texto tão turbulento quanto a fala ou o pensamento dos personagens. Daí provém o insistente recurso à oralidade, à linguagem informal e espontânea, o que denota, por outro lado, a maneira como o romance se apoia em elementos extraídos da linguagem teatral. Esta tradução fez o possível para preservar esses traços (Figueiredo, 2019, p. 12).

Apesar de ser uma tradução direta mais recente da obra de Dostoiévski, ainda assim o tradutor aponta que existe dificuldade na manutenção do estilo do autor, principalmente se for considerado o afastamento linguístico entre a língua portuguesa e a língua russa.

Embora o enfoque desta seção seja a prática, parece válido lançar mão de referenciais teóricos para compreender a realização de uma tradução indireta. Lambert e van Gorp (2011), por exemplo, reconheciam em seu modelo para a análise de traduções a importância de considerar o contexto que leva a uma tradução, o que pode ser atestado pela afirmação abaixo:

O sistema-alvo não precisa se restringir ao sistema literário da cultura-alvo, já que as traduções de obras literárias podem também funcionar fora da literatura, graças a um sistema tradutório. Entretanto, na maioria dos casos, o sistema-alvo será (parte de) o sistema literário da cultura-alvo, ou, pelo menos, coincidirá com ele. As relações exatas entre os sistemas literários das culturas alvo e fonte devem ser examinadas; o que é, precisamente, o objetivo do nosso esquema. Tanto o sistema (literário) fonte quanto o sistema (literário) alvo são sistemas abertos que interagem com outros sistemas (Lambert; van Gorp, 2011, p. 210).¹⁸

Ademais, com base na teoria dos polissistemas de Even-Zohar (2013), é possível concluir que as análises não precisam se restringir apenas à área da literatura, pois este não é o único sistema que influencia a existência de uma tradução, ainda que literária. A possibilidade de expansão no entendimento da tradução indireta aqui se daria pela avaliação de todo o contexto por trás da construção desta tradução e determinante para sua existência, elencando pontos essenciais e notando quais os principais dentre eles para constituir uma análise. Assim, as discussões poderiam, inclusive, no caso das traduções indiretas, se distanciar da já tradicional

¹⁸ Trad.: Marie-Hélène C. Torres e Lincoln P. Fernandes

dicotomia entre “tradução aceitável” (voltada para o sistema-alvo) e “tradução adequada” (adaptada ao sistema fonte) (conforme preconizado em Toury, 1995) que, apesar de importante, acaba por vezes restringindo um estudo mais aprofundado sobre a real natureza das traduções. A fuga de discussões já enraizadas, além de tirar o foco extremo do texto-fonte, também permite que novas possibilidades sejam levantadas, levando em consideração por exemplo também o tradutor e todos os sistemas aos quais ele pertence. O próprio Even-Zohar, afirma que:

É necessário aceitar também que o estudo histórico de polissistemas históricos não pode circunscrever-se às chamadas “obras-primas”, apesar de alguns as considerarem a única maneira de se iniciar os estudos literários. Este tipo de elitismo não é compatível com uma historiografia literária, do mesmo modo que a história geral não pode mais apenas ser a narração das vidas de reis e generais. Em outras palavras, enquanto estudiosos dedicados a descobrir os mecanismos da literatura, não temos a possibilidade de ignorar que qualquer juízo de valor predominante em um dado período faz parte integral desses mecanismos. Nenhum campo de estudo, seja “científico” em sentido lato ou em sentido mais rigoroso, pode selecionar seus objetos segundo regras de gosto (Even-Zohar, 2013, p. 5)¹⁹.

No contexto acima, se as obras-primas forem compreendidas enquanto sinônimos dos textos-fonte, é possível estabelecer ricas relações com a questão da tradução indireta. Por participarem ativamente da consolidação dos Estudos Descritivos da Tradução — abordagem teórica que será retomada em outros momentos nesse trabalho por consistir em base importante do mesmo — tanto Even-Zohar (2013) quanto Lambert e van Gorp (2011) acreditam em uma análise mais aprofundada das traduções, estudando principalmente o contexto no qual foram construídas, o que é de grande valia para pensar a prática da tradução indireta e a existência desse fenômeno como um todo. Ao se estudar métodos de tradução não considerados como convencionais ou prestigiosos, como o caso das traduções indiretas, acredita-se que seria possível estabelecer um panorama maior da área dos Estudos da Tradução do que seria alcançado ao simplesmente manter uma única linha de pesquisa que enfoque apenas o que já é canonizado e tido como universalmente aceito na literatura e/ou na tradução literária. Análises que fogem desse padrão podem se deparar com sistemas completamente diferentes dos já tão difundidos na área, permitindo assim uma possível expansão dos Estudos Descritivos da Tradução e dos Estudos da Tradução em si.

As iniciativas atuais voltadas ao tópico da presente pesquisa são consideravelmente tímidas, ainda mais ao se levar em conta que a prática da tradução indireta não é algo recente, o que pode ser atestado pelo que coloca Lee:

A tradição da tradução da Bíblia é uma evidência nítida da tradução indireta, visto que a primeira versão em latim da Bíblia, a versão em latim antigo (elaborada entre 150 e

¹⁹ Trad.: Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha.

250 D.C.) foi traduzida a partir da sua primeira tradução, a Septuaginta grega. Essa Bíblia em Latim foi um produto da tradução indireta através do grego.²⁰(Lee, 2008, p. 74).

Ainda considerando textos sagrados, Accácio (2010) também menciona uma versão do Alcorão feita no século XVII para o alemão, intermediada por uma tradução do holandês, produzida com base na tradução de uma tradução, que reforça mais uma vez o quão antiga é esta prática tradutória.

Mesmo não sendo um fenômeno tradutório novo, a tradução indireta passou por uma expansão considerável (ou, talvez, quase que por uma reinvenção) em tempos recentes por conta do aumento da facilidade de acesso a produções culturais do mundo inteiro (fato vinculado principalmente ao crescimento da Internet, conforme será abordado na seção 4.1). Além disso, segundo Washbourne (2013), com a consolidação de línguas francas, tornou-se prática comum para tradutores trabalharem com estas línguas chamadas de dominantes (o inglês provavelmente sendo o exemplo mais óbvio) como língua de intermediação, o que configura a utilização de tradução indireta.

Traçar paralelos históricos, bem como investigar como a tradução indireta se desenvolve na sociedade atual e tentar estabelecer um panorama de como a subárea pode se desenrolar no futuro, são questionamentos fundamentais para se entender esse fenômeno na sua totalidade (Pieta, 2019). Mesmo que marginalizadas, essas traduções existem, têm crescido e são importantes para entender como a dominância de determinadas línguas afeta o mercado literário, a área da tradução e a própria sociedade.

²⁰ *The tradition of the Bible translation is vivid evidence of indirect translation as the first version of the Bible in Latin, the Old Latin version (composed from A. D. 150 to 250), was translated from its first translation, the Greek Septuagint. This Latin Bible was a product of the indirect translation via the Greek.*

4 A TRADUÇÃO INDIRETA COMO SUBÁREA DE ESTUDO

Quando George Steiner publicou em 1975 a sua divisão voltada aos estudos da história da tradução, foi criticado por separar a área em apenas quatro períodos de tempo distintos. Para justificar essa divisão que, de certa forma, pode parecer simplificada (mais de mil anos separam o primeiro e o segundo período, por exemplo), o autor afirmou que, apesar da riqueza de conhecimentos que os Estudos da Tradução produziram, sempre mantiveram o seu foco na discussão “tradução literal x tradução livre” (Steiner, 2006).

De fato, a quantidade de materiais produzidos ao longo do tempo sobre o assunto mencionado por Steiner pode ser considerada extensa, passando por diversos autores e contextos. Em nível nacional, ao pesquisar, por exemplo, o termo “Tradução Literal” no portal da CAPES, são obtidos o total de 2.336 resultados, tratando da temática sob diversas perspectivas.

O intuito dessas observações acerca da abundância de pesquisas voltadas à tradução literal não é diminuir a importância destas discussões tão pertinentes, visto a contribuição que trazem para a literatura, os Estudos da Tradução e outros campos de estudo (conforme ressaltado por Bassnett (2003), ao tratar do contexto internacional), mas sim apontar que existe um enfoque considerável por parte dos pesquisadores nesse tipo de estudo voltado a temáticas mais tradicionais. Com os avanços da sociedade atual, porém, e da maneira como se consomem e compartilham informações, há o surgimento de uma série de fenômenos tradutórios que geram novos questionamentos a serem considerados dentro dos Estudos da Tradução. Dentre essas novas demandas que se colocam para a academia, como apontam Rosa, Pieta e Maia (2017), encontra-se a necessidade de um olhar reflexivo sobre as traduções indiretas.

Já há na atualidade algumas iniciativas relevantes, como a *Indirectrans*²¹, um grupo de pesquisadores de diversos continentes que visam fomentar a pesquisa sobre a tradução indireta, reunindo em um site os estudos produzidos sobre a temática ao redor do mundo. Além disso, o grupo também realiza eventos com o intuito de debater a tradução indireta e divulgar esse meio de tradução, para que se possa expandir a produção sobre a temática.

Uma edição especial da revista *Target*²² (uma das publicações de maior relevância mundial na área dos Estudos da Tradução) sobre a tradução indireta foi lançada em 2022, mostrando já um aumento na visibilidade desta subárea em tempos atuais, e nela alguns pesquisadores falam em seus trabalhos justamente sobre o fenômeno da tradução indireta e a

²¹ Página disponível em: <https://www.indirectrans.com>

²² Volume disponível em: <https://benjamins.com/catalog/target.34.3>

sua relação com diferentes mídias. Davier (2022) e Valdeón (2022) abordam a relação entre a tradução indireta e o jornalismo, sendo o primeiro um estudo da prática da tradução indireta em uma agência multilinguística de notícias. Já o artigo de Valdeón trata da invisibilidade da tradução indireta no jornalismo e a dificuldade de identificar esse tipo de tradução na área, falando também sobre a quantidade de línguas utilizadas em fontes jornalísticas e nas adaptações culturais que acontecem quando essas informações são traduzidas. O'hara (2022), por sua vez, discorre sobre a relação da tradução indireta com a localização de jogos eletrônicos, mencionando o inglês como língua intermediadora na tradução de jogos de origem japonesa e chinesa, e abordando como essas traduções afetam o produto final. Jin, Zang e He (2022) produzem um estudo sobre a utilização da tradução indireta na dublagem e legendagem de filmes estrangeiros lançados na China, detalhando os efeitos dessas traduções. Em seus artigos, Pochhacker (2022) e Bravo (2022) tratam sobre a tradução indireta utilizada dentro de um contexto de interpretação linguística em tempo real, sendo o primeiro um estudo do estado da arte sobre a temática. O artigo de Bravo discorre sobre a tradução indireta nas interpretações dentro da União Europeia que utilizam de dois ou mais intérpretes para que todos possam falar a sua língua materna, trazendo uma análise desse formato de interpretação.

Mesmo a edição da revista *Target* apresentada acima sendo bastante recente, denotando a recente expansão da tradução indireta enquanto subárea de pesquisa, o fenômeno das traduções com base em línguas francas em si, enquanto prática, já é uma prática antiga (apesar de haver sido acentuada pela globalização). Como explana Venuti (2019, p. 321), “as estatísticas sobre tradução desde a Segunda Guerra Mundial indicam a dominação opressora das culturas de língua inglesa”. Com base nesta afirmação, seria possível dizer que as traduções indiretas acompanharam as línguas francas através da história.

Um fato que pode ser destacado ao considerar a tradução indireta é que, apesar do crescimento na utilização desse tipo de abordagem tradutória em diferentes mídias, os estudos sobre ela não têm ainda acompanhado a expressividade desse aumento, mesmo diante de iniciativas bem-vindas como o volume mencionado da revista *Target*. Em contraponto ao termo “tradução literal” abordado anteriormente e à sua grande quantidade de resultados, ao se pesquisar pelo termo “tradução indireta” no portal da CAPES são encontrados menos de 20 — mais exatamente 12 no momento da escrita do presente trabalho — resultados entre as publicações nacionais que abordam o assunto. Mais importante do que destacar a relativa ausência desse tipo de estudos na área da tradução, é destacar também motivos que podem tornar pesquisas sobre traduções indiretas relevantes em um contexto atual, não só mundial, mas também nacionalmente.

Hoje, dentro dos Estudos da Tradução, as traduções indiretas ainda são muitas vezes vistas de uma maneira marginalizada, como apontado por Hanes:

Não seria talvez acertado classificar a tradução indireta como sempre comumente aceita, uma vez que ela atualmente tende a gozar de baixo prestígio em diversos contextos, mas o seu relevante papel histórico e a sua paradoxal posição marginalizada na academia não podem ser contestados (Hanes, 2019, p. 18).

Essa resistência em se abordar o assunto no âmbito acadêmico acontece por diversas razões, sendo aparentemente a principal a visão predominante de que traduções indiretas perderiam muito conteúdo se comparadas às traduções diretas, justamente por não derivarem da versão original. Além disso, muito se fala sobre como as ideias originais do autor são alteradas, por conta de passarem por um número maior de pessoas (Cardozo, 2011).

Presumidamente, as chamadas traduções diretas ocupam uma posição de maior prestígio enquanto objeto dentro dos Estudos da Tradução, visto o seu caráter criador e de inovação, trazendo um sentido de pureza para aquela obra, pureza essa que supostamente seria deturpada pelas traduções indiretas. Em contrapartida, Cardozo (2011, p. 432) aponta:

É preciso levar em consideração que a relação que lhe é constitutiva não é pura, única, unívoca e inaugural. Traduções diretas e indiretas, ambas são o resultado de um esforço relacional que é sempre plural e que, ao inscrever-se numa rede de relações já em construção – menos como horizonte de recepção do que como forma de vida –, perpetua essa rede de relações na mesma medida em que a transforma.

Dado o exposto, pode-se dizer que ambas as traduções diretas e indiretas partem de um ponto similar, visto que toda tradução é realizada com base em algo existente, afastando assim o conceito de que uma obra é pura ou intocada. Essa aproximação dos dois conceitos pode ser importante para que não sejam tratados como polos opostos, mas maneiras diferentes de se traduzir.

Em alinhamento com esse pensamento, Accácio (2010) também argumenta a favor das traduções indiretas, dizendo:

Se confrontarmos a questão da fidelidade e proximidade às ideias do autor numa tradução direta (TD) e TI, perceberemos que possivelmente nos dois momentos houve um distanciamento, em graus diversos. Desse modo, esse afastamento acontecerá de qualquer forma, pois “se não for a língua que está servindo de ponte, serão os olhos do tradutor, o ideário da época, as condições de trabalho ou tudo isso junto” (Ibid.), os quais estão presentes tanto na TD quanto na TI (Accácio, 2010, p. 101).

Nesses casos, acabam muitas vezes sendo ignorados os prováveis benefícios trazidos pelas traduções indiretas, que potencialmente poderiam ser mais bem explorados caso houvesse mais estudos na área.

4.1 TRADUÇÃO INDIRETA, LÍNGUAS FRANCAS E A EXPANSÃO DA INTERNET

Pieta (2019) afirma que, quando tratamos a tradução indireta entendendo-a segundo o seu conceito mais comum, ou seja, como a tradução de uma tradução, pressupõe-se que o processo acontece pela tradução de um material vindo de uma língua de menor circulação com intermédio de uma língua de maior circulação, uma língua franca, “a língua comum escolhida por falantes oriundos de diferentes contextos linguísticos”²³ (Jenkins, 2009, p. 200). A ocorrência de tal processo pode ser ainda mais acentuada pela recente expansão no acesso da população mundial à internet.

Segundo o estudo “*Digital 2022: Global Overview*”, em 2022 mais de 192 milhões de pessoas passaram a utilizar a internet em todo o mundo, com um aumento de 4% em relação aos outros anos. O número total de usuários compreende hoje aproximadamente 5 bilhões de pessoas (63% da população mundial).

Com o alcance da internet crescendo cada vez mais, o número de acessos a produções culturais vindas de diferentes países também aumenta. E o caso dos produtos audiovisuais serve para ilustrar muito bem este fenômeno e a sua relação com a tradução e, por vezes, a tradução indireta. O dinamismo gerado pela facilidade de acesso a esses materiais pode criar uma demanda maior por traduções, que muitas vezes precisam ser feitas em um curto espaço de tempo. Por conta dos afastamentos linguísticos existentes entre os países, acaba-se por optar por uma tradução feita através de uma língua franca, como já afirmou Pieta (2019). Serviços de streaming, como a *Netflix* por exemplo, criam uma demanda grande de traduções e legendas que precisam ser feitas rapidamente e em diversos idiomas por conta do caráter global dos lançamentos, situações nas quais, muitas vezes, o uso de uma língua intermediária como o inglês se faz necessário pelo baixo número de profissionais disponíveis para lidar com determinados idiomas. E mesmo nas situações de tradução não mercadológica como os *fansubs*, ou seja, as legendas criadas por fãs de um seriado ou programa de tv, também é observável o mesmo padrão no que toca as traduções indiretas. Muito popular no Brasil, principalmente na primeira década dos anos 2000, o site Legendas.TV conta com usuários chamados de *legenders*, que criam legendas para episódios de séries recém-lançadas e disponibilizam esses textos em formatos de arquivos que podem ser baixados gratuitamente no próprio site (Borges, 2019). E, é claro, entre o material disponibilizado, abundam os casos de traduções indiretas.

Ainda nesse sentido, nota-se recentemente uma maior utilização de tradutores

²³ *the common language of choice, among speakers who come from different linguacultural backgrounds.*

automáticos e de inteligências artificiais que performam traduções. Apesar de ainda existirem poucas produções acadêmicas que abordem o funcionamento deste tipo de tradução, pode existir uma forte relação entre a utilização deste recurso e a tradução indireta, conforme coloca Oliver (2020) ao falar sobre a utilização de línguas de intermediação em tradutores automáticos:

A ideia principal por trás desta estratégia é que queremos traduzir da língua A (língua fonte) para a língua C (língua alvo), mas não temos acesso a um sistema de tradução automático ou a materiais suficientes para treinar este sistema de tradução. Entretanto, temos acesso a um sistema de tradução automático ou materiais da língua A para uma língua B (língua de intermédio) e desta língua B para a língua C. Esta língua B é chamada de língua de intermediação e, quase sempre é a língua inglesa (Oliver, 2020, p. 119)²⁴.

Este pode vir a ser um campo proveitoso de estudos futuros na subárea dos estudos das traduções indiretas, visto que inteligências artificiais que realizam traduções, como o *ChatGPT* por exemplo, estão se tornando cada vez mais acessíveis.

4.2 TRADUÇÃO INDIRETA: ÔNUS E BÔNUS

Dadas as nuances da tradução indireta, sua posição muitas vezes marginalizada dentro dos Estudos da Tradução e a sua relação direta com línguas francas, pode ser válido realizar-se uma problematização acerca do seu papel dentro do sistema tradutório e da sociedade em si.

Apesar das traduções possuírem na visão de alguns um caráter aparentemente neutro, visto que são representações de obras já escritas por outros autores, sendo uma retransmissão deste conteúdo em uma outra língua que não a original, todo tradutor carrega em si um contexto socioeconômico e político, como trazem Blume e Peterle:

Todavia, não se pode esquecer que ao lado das questões literárias e culturais estão outras tão importantes quanto, como podem ser as questões relativas ao âmbito político, econômico e social. O estar no mundo é por si só um ato político. Optar por a ou por b, pode parecer, à primeira vista, uma escolha simples, mas por detrás desse gesto há, certamente, uma rede de relações não neutra. Um gesto, uma escolha, não é nunca um ato neutro (Blume; Peterle, 2013, p. 9).

Utilizada desde que se começou a traduzir (Accácio, 2010), a tradução indireta por um longo período acompanhou a língua vista como dominante de seu tempo. Nos primórdios, traduções da Bíblia eram feitas de maneira indireta por se considerar que algumas línguas eram mais próximas do divino (Bellos, 2011); diante da expansão cultural e econômica dos Estados

²⁴ *The main idea behind this strategy is that we want to translate from language A (source language) to language C (target language), but we don't have access to a machine translation system or enough parallel corpora to train a machine translation system. However, we do have access to a machine translation system or corpora for language A to language B (pivot language) and from this language B to language C. This language B is called a pivot language and is oftentimes, although not always, English.*

Unidos, a língua inglesa ganhou um forte status de língua franca, sendo utilizada como forma de intermédio em diferentes áreas (Crystal, 2003), podendo-se incluir também a área tradutória.

É importante, porém, destacar que a utilização de uma língua franca para uma série de traduções poderia acarretar mais ainda na consolidação da referida língua, no caso atual o inglês, como uma língua global, o que por sua vez teria o potencial de gerar uma série de malefícios, como aponta Crystal (2003, p. 15):

Talvez, uma língua global cultivaria uma classe linguística monolíngue elitista, mais complacente e arrogante nas suas atitudes para com outras línguas. Talvez, aqueles que tiverem essa língua à sua disposição – especialmente aqueles que a possuírem como língua materna – seriam mais capazes de pensar e trabalhar mais rapidamente com ela, além de conseguir manipulá-la à sua própria vantagem em detrimento daqueles que não a possuem, mantendo assim, em um pretexto linguístico, um abismo entre ricos e pobres. Talvez, a presença de uma língua global tornaria as pessoas preguiçosas em aprender outras línguas, ou até reduziria as suas oportunidades de fazê-lo. Talvez uma língua global aceleraria o desaparecimento de línguas minoritárias, ou – a ameaça final – tornaria todas as outras línguas desnecessárias.²⁵

Acredita-se aqui que a reflexão sobre os malefícios e benefícios da tradução indireta, bem como o seu impacto dentro das culturas nas quais ocorre, e suas associações enquanto agente de reforço do papel do inglês como língua franca na sociedade global, se faz necessária para entender esse fenômeno de modo mais abrangente, sendo, portanto, uma iniciativa bem-vinda dentro dos Estudos da Tradução.

Apesar de possibilitar o acesso a conhecimentos de culturas e línguas diferentes, por se utilizar principalmente de línguas vistas como dominantes, a tradução indireta pode entrar em uma questão discutida pela pesquisadora indiana Gayatri Spivak (2010) em textos como “*Can the Subaltern Speak?*” (1985). Em seus trabalhos, a autora fala sobre uma forma de opressão da cultura ocidental sobre a cultura oriental, principalmente no que se refere à literatura e ciência. Essa forma de violência epistemológica seria perpetuada pela tradução, em que, apesar de parecer neutro dentro do processo, o tradutor também contribuiria para a dominação de certos ideais. A abordagem de Spivak (2010) pode se aplicar também no caso das traduções indiretas que circulam em países como o Brasil, que, apesar de ser ocidental, ainda faz parte do sul global e está atrelado a todas as ramificações deste posicionamento; porém, por outro lado, também é uma nação que possui uma língua com posição de dominância, numericamente falando.

²⁵ *Perhaps a global language will cultivate an elite monolingual linguistic class, more complacent and dismissive in their attitudes towards other languages. Perhaps those who have such a language at their disposal – and especially those who have it as a mother-tongue – will be more able to think and work quickly in it, and to manipulate it to their own advantage at the expense of those who do not have it, thus maintaining in a linguistic guise the chasm between rich and poor. Perhaps the presence of a global language will make people lazy about learning other languages or reduce their opportunities to do so. Perhaps a global language will hasten the disappearance of minority languages, or – the ultimate threat – make all other languages unnecessary.*

4.2.1 A Violência Epistemológica e a Tradução Indireta

Em seu livro “Os Escândalos da Tradução”, de 1998, Venuti discute a relação entre tradução, cultura, economia e política, além de trazer também reflexões sobre autoria e o conceito de originalidade. O autor destaca a influência da globalização em traduções, e como essa interferência contribui para um apagamento de discursos vindos de culturas consideradas marginalizadas, consolidados principalmente pela manutenção de línguas francas vindas de culturas dominantes:

O status da tradução na economia global é particularmente constrangedor para os principais países de língua inglesa, os Estados Unidos e o Reino Unido. Tal status chama a atenção para as condições questionáveis de sua hegemonia, sua própria dependência da dominação do inglês, do intercâmbio cultural desigual que envolve a exploração do mercado editorial estrangeiro, da mídia eletrônica e a exclusão e estereotipagem domésticas de culturas estrangeiras. (Venuti, 2019, p. 320).

Ainda segundo o autor, esse apagamento de discurso se dá em todos os processos da tradução “[...] na produção, circulação e recepção de uma tradução” (Venuti, 2019, p. 147). O efeito maior é sentido pela escolha de textos a serem traduzidos e na maneira pela qual se decide traduzir, que impactam diretamente nas relações sociais de uma determinada cultura, servindo principalmente para manter determinados grupos étnicos no poder e excluir outros. Essas opções tradutórias, quando muito enraizadas, ainda determinam relações diplomáticas entre nações, reafirmando assim a hegemonia de culturas que já possuem um *status* de dominante.

Lefevere comenta sobre algo semelhante, ao discorrer sobre a canonização de determinadas literaturas:

A meu ver, o processo que leva à aceitação ou rejeição, bem como da canonização ou não canonização de um trabalho literário, não é algo incerto, mas regido por fatores específicos relativamente fáceis de serem discernidos, desde que sejam percebidos a partir do momento que se afasta da interpretação como base dos estudos literários e se começa a analisar questões como poder, ideologia, instituições e manipulação²⁶. (Lefevere, 1992. p. 2).

Venuti defende uma “estrangeirização” da tradução, em que se assume o processo como algo interpretativo, podendo o tradutor ser criativo e principalmente transformador dentro da sua função. Nesse tipo de tradução ficam claras as diferenças linguísticas e culturais de um material, pois elas são nítidas ao leitor (em contraponto às traduções domesticadoras, que

²⁶ *It is my contention that the process resulting in the acceptance or rejection, canonization or non-canonization of literary works is dominated not by vague, but by very concrete factors that are relatively easy to discern as soon as one decides to look for them, that is as soon as eschews interpretation as the core of literary studies and begins to address issues such as power, ideology, institution and manipulation.*

possuem função contrária), criando assim um distanciamento que torna visível o trabalho do tradutor e demonstra que aquele material foi produzido com base em outra língua e outra cultura.

A pesquisadora Eliana de Souza Ávila (2010) traz um pensamento similar ao de Venuti, se baseando principalmente na obra de Gayatri Spivak. Ávila fala sobre um conceito trabalhado pela pesquisadora indiana chamado de “Vulnerabilidade Tradutória”, em que o processo da tradução geraria um espaço neutro dentro das duas línguas trabalhadas, onde não existiria “controle do sujeito soberano” (Ávila, 2010, p. 27). Esse espaço, que segundo Spivak (2005) seria a “dádiva tradutória”, surge justamente pela imprevisão de uma tradução, onde a combinação de duas línguas rompe o limite da linguagem previsível. Essa vulnerabilidade pode ser, nas palavras da própria Spivak (1998 *apud* Ávila, 2010, p. 28), “uma barreira e também uma passagem”.

Para Ávila, cabe ao tradutor não se aproveitar dessa neutralidade em seu trabalho, pois estaria desconsiderando seu contexto político, social, histórico e econômico, sendo também uma maneira de reafirmar discursos vindos de culturas tidas como soberanas (Ávila, 2010). Ainda conforme a autora, toda tradução que ignora a violência epistemológica perpetuada por si não é mais tradução, e sim uma transcodificação, pois não reconhece que o sentido pretendido com aquele material já foi produzido em uma outra língua vinda de uma cultura subalternizada. Seria então responsabilidade do tradutor reconhecer os seus privilégios e tornar visíveis as diferenças culturais e linguísticas de um material.

Conforme já mencionado anteriormente, como traz Pieta (2019), a tradução indireta muitas vezes acontece com base na intermediação de uma língua dominante, tendo em vista a tradução de uma obra mais afastada culturalmente. Com base nessa informação parece viável traçar um paralelo entre esses tipos de traduções e a possível perpetuação da violência epistemológica.

Conforme já pontuado, as escolhas tradutórias afetam diretamente a sociedade de modo geral, não só no campo cultural, mas também no econômico e político. Esse fato pode ser ressaltado por escolhas motivadas por ideais capitalistas, onde se busca traduzir aquilo que é mais rentável para uma editora, acabando assim por se ter em circulação obras oriundas dos mesmos países e das mesmas culturas, contribuindo para que culturas e línguas dominantes permaneçam em foco e, conseqüentemente, apagando culturas marginalizadas. Esse problema é expandido também para outras plataformas de entretenimento para além da literatura, como séries, filmes e jogos, sendo muitas dessas mídias (pelo menos as consumidas por grande parte da população) oriundas dos Estados Unidos, tornando padrão a estética, costumes, e

pensamentos de uma cultura que muitas vezes está longe de ser similar à de quem consome esses produtos. Além disso, a tradução indireta com base em idiomas dominantes também pode causar uma outra situação de ordem linguística.

De maneira geral, línguas possuem características próprias e, mesmo que compartilhem uma origem, não são iguais entre si, sendo diferenciadas por uma série de fatores como construções lexicais e regras de gramática. Acontece que traduzir de uma língua tida como subalterna com base em uma língua dominante acaba por afetar a semiótica desse idioma fonte, como coloca Ávila (2010, p. 52):

[...] não é o esquecimento da língua materna pelos membros das culturas subalternas, mas a perda de contato com ela enquanto sistema generalizante próprio, com sua própria configuração de normalidade de acordo com epistemas próprios de ressignificação semiótica. Em outras palavras, é a perda de sua própria retoricidade enquanto recurso normativo na busca de reparar os epistemas subtraídos pela transcodificação.

Quando esse fenômeno acontece de forma contínua, a cultura subalterna corre o risco de absorver a língua dominante para si, produzindo com base nela e tendo-a como um padrão a ser alcançado. Essas escolhas tradutórias podem também marginalizar línguas tidas como “mais difíceis” ou “muito diferentes”, pois sua semiótica e forma fogem do que é visto como um padrão linguístico, afastando assim possíveis tradutores que visem trabalhar com materiais produzidos nessas línguas. Com isso, culturas inteiras podem sumir com o tempo, pois a manutenção através da escrita, leitura e fala é necessária para a sua sobrevivência.

Além das questões acima expostas, a tradução indireta pode contribuir para a violência epistemológica através dos sujeitos envolvidos em seu processo. Considerando as traduções indiretas oriundas de idiomas de pouca circulação que passam pelo intermédio de uma língua de maior circulação, é preciso mencionar que o tradutor que está produzindo o material final muitas vezes o faz sem ter o entendimento sobre a língua original do texto (ou outra mídia), ou da cultura na qual foi originalmente produzido, sendo este próprio tradutor parte de uma cultura dominante.

Em suas análises sobre os trabalhos da pesquisadora indiana Gayatri Spivak, Ávila (2010, p. 32) traz a questão do sujeito ocidental que, mesmo inconscientemente, perpetua a dominação intelectual dessa cultura: “vê-se a possibilidade, mesmo incipiente, de o sujeito soberano vir a implicar-se na violência da qual ele inevitavelmente se beneficia, agora enquanto tradutor”. Mesmo que esteja traduzindo a obra de uma cultura tida como subalterna, esse sujeito ainda está impondo a sua própria cultura dominadora, pois faz esse trabalho através de uma

ótica baseada nas suas vivências culturais e de privilégios que muitas vezes não percebe que possui.

Mesmo que o tradutor ocidental se reconheça como um sujeito soberano perpetuador de uma violência discursiva, ainda não é suficiente para que essa violência seja combatida. Uma medida que pode ser efetiva é o tradutor se tornar “ouvinte”, alguém vulnerável às diferenças linguísticas entre material de origem, texto de intermédio e produto finalizado, como cita Ávila (2010, p. 37):

Engendrar a tradução no deslocamento epistêmico do sujeito soberano potencializa um terceiro texto por meio do qual se possa nomear e tornar legível a violência epistêmica, até então supostamente invisível, das assimetrias culturais que regem a tradução.

A fala da pesquisadora concorda com as ideias de Venuti, em que o tradutor sai de uma posição supostamente neutra para se colocar como agente da tradução, demonstrando que o texto passou por alguém com uma bagagem cultural proveniente do seu meio e é passível das suas subjetividades. Essa posição dentro de uma tradução indireta poderia expor as diferenças linguísticas e culturais de um material, para que o conteúdo não se perdesse em meio à utilização de uma língua dominante como intermediadora, preservando assim a semiótica e estrutura da língua original, atuando como uma forma de resistência para que a cultura subalterna possa estar em evidência e seja também preservada.

Diante desta breve definição sobre a violência epistemológica e das considerações acerca de como ela poderia afetar a tradução indireta, se faz necessário um contraponto que possa justificar a existência desse tipo de tradução. Para tanto, parece útil adotar aqui o conceito trazido por Foucault (1980, p. 197), em que: “O epistema é o instrumento que torna possível distinguir, não o que é falso ou verdadeiro, mas daquilo que pode ser considerado como científico ou não.”²⁷. Dada esta característica, pode-se considerar a tradução indireta como um epistema dentro dos Estudos da Tradução. E, com base na sua posição de relativa marginalização, pode-se dizer que as próprias traduções indiretas sofrem uma forma de violência epistemológica dentro da própria área de estudos à qual pertencem, principalmente quando comparadas à sua contraparte, as traduções diretas, que gozam de um maior prestígio na sua utilização e em seus estudos.

Essa violência epistemológica sobre as traduções indiretas pode ocasionar uma série de problemas, entre eles, o que alguns pesquisadores como Pieta (2014) chamam de

²⁷ *The episteme is the 'apparatus' which makes possible the separation, not of the true from the false, but of what may from what may not be characterised as scientific.*

“*undertheorization*”. Ou seja: por sofrer um certo preconceito, acaba-se que não existem muitos estudos sobre a tradução indireta no Brasil e no mundo, sendo poucas as pesquisas sobre a temática com um viés mais voltado à teorização desta subárea.

4.2.2 A Democratização do Acesso ao Conhecimento

Existe um ponto de suma importância a ser destacado ao se pensar as características e possibilidades da tradução indireta, que é justamente a sua capacidade de utilização como ferramenta para tornar acessíveis os textos provenientes de diferentes línguas e culturas. Esse efeito é sentido em especial quando o material traduzido indiretamente se trata de algo produzido em um idioma de baixa difusão, como afirma Pieta (2014, p. 24):

Não fosse pelas TIs, algumas literaturas clássicas do mundo vindas de culturas periféricas não seriam disseminadas em línguas de baixa difusão ou, no mínimo, suas divulgações seriam bem mais tardias. Pegamos por exemplo, o caso dos clássicos russos em português: se estas obras não tivessem sido traduzidas com intermédio do francês, elas apenas estariam disponíveis para leitores falantes de português no final dos anos 90. Assim, TIs são o mais eficiente e, às vezes, o único meio de inclusão para obras vindas de culturas periféricas²⁸.

Com base no exemplo daquela autora, as traduções feitas de maneira indireta através de textos intermediadores podem servir para aproximar culturas distintas, muitas vezes afastadas por suas línguas. Essa aproximação possibilita a difusão de ideias vindas de culturas subalternas, expandindo assim o seu alcance e servindo como uma maneira de resistência contra a ideologia tão expansiva de culturas dominantes. Pieta (2014) inclusive explana que, para alguns países orientais, como a China, essa tradução indireta é vista com um certo prestígio, pois demonstra que existe um esforço proveniente de outras nações de se comunicar com a língua chinesa.

Uma vez que o motivo predominante da utilização de traduções indiretas é a falta ou dificuldade de se conseguir tradutores de línguas específicas, a tradução indireta é realmente capaz de ser um atenuante quando se trata da democratização do acesso a informações e materiais. Nesse caso, mais especificamente, a tradução indireta tem o potencial de diminuir custos de tradução:

²⁸ *To begin with, had it not been for ITr, certain world literature classics from peripheral cultures would not have been disseminated in languages of so-called weak diffusion (or, at the very least, their inclusion would have been delayed). Take, for instance, the case of the Portuguese reception of Russian classics: had they not been translated via French, they would have become available to the Portuguese-reading public only as late as the 1990s. ITr is therefore the most efficient, and sometimes the only, means of inclusion for cultural products from peripheral cultures.*

TIs podem ser lucrativas para editoras, visto que, como já anteriormente mencionado, traduzir de línguas centrais tende a ser mais barato do que traduzir de línguas periféricas, oferecendo assim uma maneira das editoras economizarem recursos (Pieta, 2014, p. 25)²⁹.

Essa diminuição nos custos poderia, portanto, servir de incentivo para que editoras buscassem mais materiais provenientes de culturas de menor acesso, tornando-as conhecidas para o grande público e colocando em foco autores de outras nacionalidades que não as de países já dominantes nas mídias de entretenimento.

²⁹ *ITr can be profitable for publishers. On the one hand, as already mentioned, translating from central languages tends to be less costly than translating from peripheral languages, thus offering the publishers an opportunity to economize on translation expenses.*

5 A TRADUÇÃO INDIRETA NO BRASIL

Este capítulo apresenta de forma breve alguns aspectos sobre a tradução no Brasil, primeiro conceituando-a sob uma perspectiva mais geral e, posteriormente, trazendo a visão de alguns autores nacionais sobre a tradução indireta em si. A abordagem destes conceitos parece importante se tratando da área dos Estudos da Tradução, pois expõe que o pensamento nacional sobre traduções em geral e especificamente sobre traduções indiretas pode ser diferente de conceitos estrangeiros abordados anteriormente. Trata-se aqui também sobre as motivações do uso das traduções indiretas no Brasil, além da maneira pela qual editoras no país lidam com elas.

5.1 A ARTE DE RECRIAR: UM BREVE PANORAMA SOBRE O CONCEITO DE TRADUÇÃO NO BRASIL

Pode ser pertinente para este trabalho, visto à sua temática, entender o conceito da tradução na visão de estudiosos brasileiros. Britto (2012) menciona que:

Traduzir – principalmente traduzir um texto de valor literário – nada tem de mecânico: é um trabalho criativo. O Tradutor não é necessariamente um traidor; e não é verdade que as traduções ou bem são belas ou bem são fiéis; beleza e fidelidade são perfeitamente compatíveis (Britto, 2012, p. 18).

A expressão “trabalho criativo”, colocada por Britto, é um dos pontos-chave para se entender a visão geral da tradução no Brasil. Como posto acima, a discussão da área tradutória acerca de tradução fiel *versus* tradução adaptada também existe no país, porém aos olhos do autor existe um meio termo entre as duas que é guiado por uma postura criativa do tradutor. Britto ainda complementa:

Uma vez posta em xeque a ideia de que um texto tem uma ideia estável, não há como o trabalho da tradução como produção de um texto em outro idioma que diga exatamente a mesma coisa que o texto original; se tal sentido estável não existe, o tradutor não tem por que, nem como, ter acesso a ele para recuperá-lo em outro idioma. Assim alguns teóricos passaram a afirmar que a distinção entre original e tradução não passa de um preconceito: se é impossível determinar o sentido estável de um original e é impossível que uma tradução diga a mesma coisa que ele, segue-se que a original e tradução são textos diferentes, e não há por que hierarquizá-los, colocando o original acima da tradução por ser mais autônomo (Britto, 2012, p. 21).

Seguindo esta linha de pensamento, a hierarquia entre a obra “original” e a obra traduzida seria quebrada, justamente por serem obras diferentes, ainda que uma delas exista com base na outra. Essa quebra ocorreria pela ausência de equivalência gerada pela utilização

de uma outra língua para se traduzir que não possui as mesmas estruturas que a língua utilizada na composição do texto fonte, demandando uma reestruturação completa do material (aqui entrando o conceito do tradutor criativo), criando-se assim um texto completamente novo.

Ao discorrer especialmente sobre a tradução poética, Campos (2011) se alinha em pensamento com Britto, quando afirma:

Então, para nós, tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma, porém recíproca. Quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação. Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma (propriedades sonoras, de imagética visual, enfim tudo aquilo que forma, segundo Charles Morris, a iconicidade do signo estético, entendido por *signo icônico* aquele que *é de certa maneira similar àquilo que ele denota*) (Campos, 2011, p. 34).

Os irmãos Campos (Augusto de Campos e Haroldo de Campos) podem ser vistos como precursores de um movimento de tradução como obra criativa (ou como “recriação”) no Brasil. Em complemento às ideias já citadas acima, a tradução se daria não pela transposição direta de palavras e frases, mas da ideia contida em sua significação, algo que faz muito sentido na tradução poética (objeto de trabalho dos irmãos Campos) devido ao caráter altamente subjetivo deste tipo de texto, mas que pode também abranger qualquer tradução de textos literários. Campos (2012) fala sobre a não obrigação da tradução em criar um conteúdo, pois ele já foi previamente estabelecido no original, isentando assim o tradutor desta função e lhe concedendo um tom mais organizacional de transpor estas ideias para uma língua que está entre a de origem e a de chegada, chamada por Campos de língua pura, justamente por ocupar este meio-termo. Ali, o tradutor teria a responsabilidade de recriar os conceitos provenientes do original, a fim de que possam fazer sentido na língua para a qual se está vertendo (Campos, 2012).

Ainda no sentido trazido acima, em que a tradução literária é um processo criativo, Rónai (2012) escreve que:

A maioria das pessoas, quando pensa em tradução, faz ideia de uma atividade puramente mecânica em que um indivíduo conhecedor de duas línguas vai substituindo, uma por uma, as palavras de uma frase na língua A por seus equivalentes na língua B. Na realidade as coisas se passam de maneira diferente. As palavras não possuem sentido isoladamente, mas dentro de um contexto, e por estarem dentro desse contexto (Rónai, 2012, p. 21).

Conforme exposto, a tradução tende a ser um processo criativo justamente pela impossibilidade de se verter literatura de uma forma mecânica, por ter-se uma grande dissimetria entre duas línguas diferentes. Mesmo com esse processo complexo de reescrita e com uma reestruturação quase completa do texto original, muitas vezes a tradução ainda não recebe o devido valor do seu público-alvo (Rónai, 2012). Se imagina que um leitor leigo, que

não seja um acadêmico e que consuma literatura apenas como forma de entretenimento aquele leitor denominado de não profissional por Lefevere (1992), não vai necessariamente parar para analisar esta tradução, mesmo que ela seja uma recriação do original, pois para ele em muitos casos a obra que se está lendo é a própria original. Para Britto (2012, p. 26): “O tradutor literário é um profissional que atua no mercado, produzindo traduções que são destinadas a um público que deseja ler obras escritas em um idioma que ele não domina”.

Mesmo tendo uma função que se pode julgar como importante, que é a de aproximar leitores de línguas e culturas que ele desconhece, a tradução no Brasil não é uma função devidamente valorizada. Esta desvalorização, porém, não se dá somente em âmbito nacional, ou é apenas restrita ao tradutor, como cita Rónai (2012), ao compilar comentários de estudiosos sobre a função do tradutor comparando-o a outros profissionais:

Ao cantor que canta uma canção escrita por outro, ao músico que num instrumento toca uma música escrita para outro instrumento (mme. de *Stael*), ou que decifra e “reescreve” toda a partitura; ao maestro que rege composições alheias; ao escultor que tem de executar noutro material qualquer a cópia de uma estátua de mármore (Werner Winter); ao pintor que copia em óleo um pastel; ao ilustrador de um livro; ao ator que encarna os mais diversos papéis (Juliusz Zulawski); ao fotógrafo que de um quadro de museu tira uma foto colorida (Ernesto Sábato), ou bate uma chapa de uma estátua (Michael Reck) e, fazendo entrever a dificuldade de sua tarefa, a um artista plástico que tivesse de transmutar uma música em quadro ou em estátua (Maurice Baring) (Rónai, 2012, p. 26).

Em resumo, pode-se dizer que a tradução literária no Brasil, de maneira geral, é entendida pelos acadêmicos e por muitos profissionais como um processo de recriação e reestruturação do texto original que, por não existir uma equivalência absoluta entre duas línguas, necessitaria de um trabalho criativo a fim de que as ideias da obra inicial se mantenham mesmo com alterações de suas palavras, expressões e estrutura.

5.2 TRADUÇÃO INDIRETA: UMA RECRIAÇÃO TALVEZ NÃO TÃO BEM VISTA

Dado o exposto acima sobre a tradução no Brasil, levando em conta o viés criativo adotado pelos tradutores e, por outro lado, a desvalorização deste tipo de trabalho, é possível a partir daqui refletir sobre o papel que desempenha a tradução indireta dentro deste polissistema. Rónai, na década de 1980, comentou sobre o tema:

São muito frequentes entre nós as traduções indiretas, quer dizer, feitas por intermédio de uma terceira língua. Deve-se este fenômeno à quase inexistência de uma classe de tradutores. As obras-primas da literatura mundial são vertidas, geralmente, não por tradutores profissionais e sim por escritores de renome, os quais, se muitas vezes possuem amplos conhecimentos de francês, inglês e espanhol, não têm o tempo e o interesse necessários para se dedicarem ao estudo de outros idiomas de grande

expressão cultural, como o russo, o alemão, as línguas escandinavas etc. Eis por que os livros de Tolstói, de Goethe, de Ibsen etc. nos chegam, em regra geral, através da tradução de traduções (Rónai, 2021, p. 27).

Para o autor, a defasagem de tradutores especializados em línguas de menor circulação no Brasil (que saiam das línguas francas como o inglês e o francês) acarreta uma maior utilização das traduções indiretas, principalmente de obras escritas em línguas culturalmente distantes do português, como é o caso do russo. E uma breve consulta serve para atestar a atualidade desta colocação, embora tenha sido feita há décadas: ao consultar o site do Sindicato Nacional dos Tradutores (SINTRA, 2024) e buscar por tradutores e intérpretes do inglês para o português tem-se o resultado de 371 pessoas capazes de executar este tipo de serviço. Em consulta semelhante, mas alterando a língua do inglês para o francês, é possível encontrar 63 tradutores e intérpretes cadastrados no SINTRA. Na língua espanhola este número é de 168 pessoas. Porém, em busca similar, pesquisando por tradutores e intérpretes do russo para o português, o resultado é de apenas uma (01) pessoa cadastrada no sindicato capaz de exercer este tipo de trabalho. No site do SINTRA as seguintes línguas possuem cinco ou menos intérpretes e tradutores à disposição: chinês (05), coreano (02), japonês (02), turco (02), árabe (01), tcheco (01), croata (01), hebraico (01), latim (01), norueguês (01), polonês (01), servo-croata (01), e sueco (01). As seguintes línguas não possuem intérprete ou tradutor cadastrado no SINTRA: africânder, sânscrito, aymara, berbere, catalão, dinamarquês, eslovaco, esloveno, finlandês, grego antigo, galego, grego, holandês, indonésio, keshua, línguas índias, lituano, papiamento, romeno e ucraniano. Destaca-se aqui que nem todo tradutor no Brasil é cadastrado no SINTRA, mas o portal do sindicato pode ser um bom indicador para verificar a quantidade de pessoas que trabalham com determinadas línguas.

A pesquisa trazida acima, além de ir ao encontro do pensamento de Rónai (2021), também pode contribuir com algumas reflexões acerca de línguas, de tradutores e da população brasileira em si. Não surpreende que línguas com menos falantes no Brasil e, conseqüentemente, com menor circulação como o finlandês e o ucraniano não possuam tradutores ou intérpretes cadastrados no SINTRA. Assim como é previsível que línguas que não possuam mais um grande grupo de falantes como o latim ou o sânscrito possuam poucos ou até nenhum tradutor que façam parte de um cadastro oficial — mesmo que o número tão baixo e até a ausência de tradutores ainda seja surpreendente. Porém, historicamente, há no Brasil mais de 12 milhões de descendentes de árabes, representando praticamente sete por cento (7%) da população brasileira, em dados do ano de 2020 (Menon, 2020). Com a população japonesa o fato se repete, sendo o Brasil o país com maior concentração de descendentes japoneses fora do

Japão, contando com quase dois milhões de pessoas (Sampaio, 2022). Destes dois milhões de descendentes de japoneses, estima-se que aproximadamente um milhão e meio falem a língua japonesa (Pereira, 2023). Esses números tão altos não condizem com uma representatividade tão baixa de tradutores do árabe e do japonês cadastrados no SINTRA, sendo, respectivamente, dois tradutores do japonês e apenas um do árabe.

É de se imaginar, refletindo sobre os dados expostos, que um número muito pequeno de pessoas falantes de línguas que se distanciam das francas (inglês, espanhol e francês) optaram por exercer o ofício de tradutor e, se o fazem, não possuem cadastro no SINTRA. Rónai menciona: “A solução ideal, evidentemente, consistiria em formar especialistas competentes para cada língua. Mas este problema já está ligado à profissionalização do ofício de tradutor” (2021, p. 31).

Em razão do que foi dito acima, pode-se concluir que as traduções indiretas são percebidas no Brasil como um último recurso adotado para se obter uma tradução, visto a impossibilidade da tradução direta pela escassez de profissionais que trabalhem com línguas de menor influência ou circulação. Britto (2012, p. 66) expõe:

Hoje em dia, quando se trata de uma obra escrita em um idioma considerado exótico – por exemplo, o albanês – a expressão “traduzida diretamente do albanês”, estampada na folha de rosto do livro confere valor à tradução: o leitor se sente mais próximo do autor do original quando é menor o número de intermediários entre eles.

Se, conforme mencionado no capítulo anterior, as traduções diretas em geral já gozariam de pouco prestígio por se tratar de produções feitas em cima de uma obra tida como original, as traduções indiretas no Brasil teriam ainda menos prestígio. Isto se deveria ao fato do intermédio que possibilita a criação de uma tradução indireta, na teoria, afastar ainda mais a tradução do intuito original pretendido pelo autor da obra que está sendo vertida. Este fato talvez soe contraditório, tendo em vista os conceitos trabalhados sobre a tradução como forma de recriação no Brasil, porém Rónai aponta que esse afastamento se deve pela falta de confiabilidade nas traduções intermediárias, como é trazido abaixo:

Enquanto no Brasil, por falta de especialistas qualificados, persistir o sistema de *retradução*, seus inconvenientes poderiam pelo menos ser diminuídos. Muito depende da escolha da tradução intermediária. Para verter um livro sueco, norueguês, dinamarquês, ou holandês, o editor que não tem tradutor para tais línguas deverá de preferência dirigir-se a quem traduz do alemão ou, pelo menos, do inglês (Rónai, 2021, p. 29)

Pode ser notado, na citação de Rónai, que o autor utiliza o termo “retradução”, mesmo que estivesse tratando naquela parte específica de seu texto sobre as traduções indiretas, demonstrando que existe aqui também uma ambiguidade terminológica.

No ano de 1987, data de publicação original do livro “Escola de Tradutores”, de Paulo Rónai, o francês ainda era a língua franca mais utilizada como intermédio para traduções (Rónai, 2021), tendo sido substituída pela língua inglesa posteriormente. São apontados uma série de problemas envolvendo as traduções francesas, como exposto por Rónai (2021, p. 30): “Muitos tradutores, alegando exigências do gosto francês, operam modificações substanciais, principalmente grandes cortes”. Estas alterações de ideias da obra original seriam refletidas nas traduções indiretas, e talvez até acentuadas visto se tratar da recriação de uma recriação que tomou muitas liberdades frente ao texto vertido. A questão da língua francesa como intermédio também é colocada por Britto (2012, p. 65) quando afirma: “Segundo Boris Schnaiderman [...] um dos principais tradutores brasileiros da grande literatura russa, houve uma tradução francesa que reduziu o caudaloso romance de Dostoievski a um *pequeno romance policial*”.

O tradutor mencionado por Britto, Boris Schnaiderman, também discorreu sobre traduções indiretas e a questão da intermediação em uma entrevista (Schnaiderman, 2009, p. 01), comentando:

Elas são um mal, mas muitas vezes um mal necessário. Atualmente, o mundo está muito pequeno, e aparecem obras notáveis, em línguas pouco divulgadas, e temos a necessidade de ter acesso às obras produzidas nessas línguas, na Turquia, na Geórgia no Azerbaijão etc. Quem vai conhecer todas essas línguas e onde encontrar tradutores para tudo isso? No hebraico se traduz diretamente muito bem, creio eu, mas é mais difícil encontrar quem traduza do turco ou do persa, por exemplo. Então, a tradução indireta é um mal necessário, porém é muito difícil uma tradução indireta ser boa, porque, na realidade, ela inclui duas operações diferentes: uma da língua original para a língua intermediária e outra desta para a língua do tradutor. Pode ocorrer uma identificação muito grande do tradutor com o autor, coisa que sempre ajuda, mesmo em uma tradução indireta. Temos no Brasil um caso interessantíssimo, que são as traduções do Rubem Fonseca para os contos de Isaac Babel, escritor russo. A identificação do Rubem com ele foi tão grande, que embora usasse o inglês como fonte intermediária, acabou realizando uma tradução notável! Mas são exceções. Muitos dos grandes escritores fizeram péssimas traduções e a história está cheia de exemplos neste sentido.

Esta questão da língua de intermediação trazida na citação acima não é exclusiva apenas do francês, como é possível notar em um exemplo mencionado por Rónai (2021, p. 31):

Os piores casos são aqueles em que o responsável pela tradução intermediária deforma o original não por motivos estéticos, mas por motivos partidários. Ao traduzir um antigo conto italiano, ocorreu-me examinar a tradução brasileira existente. Estavam nela omitidos todos os trechos em que o autor, como quase todos os escritores da Renascença, fustiga os costumes clérigos da época. O tradutor, entretanto, era um intelectual totalmente isento de sectarismo; apenas, em vez de verter do italiano, recorreu a uma versão espanhola, a qual já fora expurgada por alguma inquisição.

Fica nítido, com base nos comentários destacados, que a tradução indireta não é algo bem aceito nacionalmente, seguindo um padrão geral deste tipo de tradução, principalmente pela utilização de intermediações para se verter obras, situação que poderia causar desvios com

relação às ideias originais do autor, e também pelo conteúdo supostamente perdido ao se recriar (ao menos) pela segunda vez um texto literário. Rónai aponta ainda que outros países estão eliminando este tipo de tradução, comentando:

Se examinarmos a indústria do livro do estrangeiro, verificaremos, no entanto, que o sistema de traduções indiretas está sendo inteiramente eliminado não somente na França, na Inglaterra, na Itália, nos países de língua alemã, senão ainda em áreas linguísticas bem menores, a Hungria por exemplo (Rónai, 2021, p. 28).

Tende-se aqui a concordar que a utilização das traduções indiretas no Brasil configuraria o que Schnaiderman (2009) chama de um “mal necessário”, pois, ainda que a quantidade de tradutores profissionais seja relativamente baixa, a demanda por materiais estrangeiros tende a apenas aumentar, uma vez que editoras buscam em outras regiões que não aquelas já com uma tradição literária vernácula consolidada — Estados Unidos e França, por exemplo — materiais que possam gerar lucro em território nacional. Para o leitor geral que visa apenas entretenimento ao ler um livro — principalmente o público infanto-juvenil — é indiferente se aquela versão foi feita de forma direta ou indireta, em virtude de possivelmente acreditarem estar lendo a obra original de um autor de renome, conforme já exposto anteriormente.

Este tipo de tradução, abordada por Britto (2012) e com base nos trabalhos do teórico checo Levý, é chamada de tradução ilusionista, algo que, como o próprio nome aponta, causaria no leitor a ilusão de estar lendo o material original (Britto, 2012). O leitor não profissional, como definido por Lefevere (1992), talvez não enxergue as obras expostas em uma livraria, por exemplo, como traduções, pois muitas vezes não lhe é vendida esta ideia, acreditando ele estar comprando um material escrito originalmente pelo autor, ignorando que muitas vezes este não compartilhe a sua língua. Neste tipo de situação, pode ser pertinente entender como as editoras nacionais lidam com traduções, especialmente as feitas de maneira indireta, a fim de oferecer um panorama de um ponto de vista mais comercial.

Buscando entender a relação das traduções indiretas com as editoras, tentou-se um contato direto através de e-mail com 15 daquelas consideradas como maiores editoras brasileiras, propondo uma entrevista rápida, por escrito, justamente para falar sobre a tradução indireta. O e-mail inicial incluía, além de uma apresentação breve do autor e da pesquisa aqui apresentada, seis perguntas a serem respondidas por qualquer profissional que tivesse as informações referentes a traduções dentro da editora.

As perguntas que constavam no e-mail eram as seguintes:

1. Nome e cargo do respondente (opcional).
2. A editora utiliza traduções indiretas para a publicação de livros? Se sim, com qual

frequência?

3. Geralmente, quais fatores levam à escolha de uma tradução indireta em detrimento de uma tradução direta?

4. Quais são as línguas mais comuns nos materiais de origem e qual língua é utilizada para intermediar esta tradução?

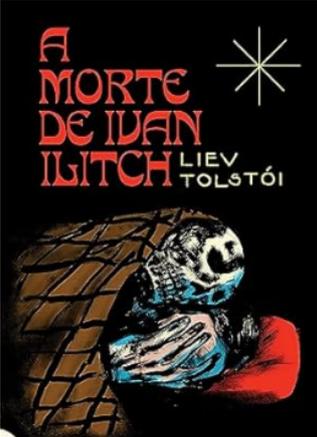
5. Os livros produzidos com base em traduções indiretas são informados como tal (na capa ou na contracapa)?

6. A editora possui um catálogo/cadastro fixo de tradutores? Se sim, para quais idiomas?

Todas estas perguntas visavam traçar um panorama interno de como as editoras nacionais trabalham com as traduções indiretas, buscando também identificar os sujeitos que realizam estas traduções, através da pergunta a respeito do catálogo fixo de tradutores. Infelizmente, a maioria das editoras não entrou em contato para tratar sobre as entrevistas, muitas vezes oferecendo apenas mensagens automáticas como forma de retorno. As duas editoras que retornaram o e-mail agradeceram o contato, mas informaram que não poderiam participar da pesquisa naquele momento.

Dada a impossibilidade da realização das entrevistas, empreendeu-se uma busca por alguns livros de origem russa — tradicionalmente traduzidos de maneira indireta, conforme dados coletados nesta pesquisa — em uma livraria online (optou-se pelo site da *Amazon*), a fim de verificar se a menção à maneira como a obra havia sido traduzida constaria nesta pesquisa do catálogo. Grande parte dos exemplares encontrados não fazia menção sequer do livro tratar-se de uma tradução, pelo menos na descrição inicial oferecida onde são resumidas as informações sobre aquela obra, até para que o leitor tenha uma noção sobre o que está comprando. Nessa breve busca, foram encontrados dois livros em que a informação sobre a tradução constava na página de venda do material, conforme aparece nas Figuras 1 e 2.

Figura 1 – Anúncio do livro “A Morte de Ivan Ilitch”



A Morte de Ivan Ilitch eBook Kindle

por **Liev Tolstói** (Autor), **Luciano Feijão** (Ilustrador), **Lucas Simone** (Tradutor, Contribuinte), & 3 mais |
 Formato: eBook Kindle

4,8 ★★★★★ 2.688 avaliações de clientes [Ver todos os formatos e edições](#)

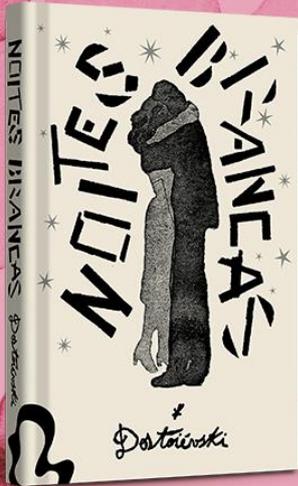
Ivan Ilitch está morto. No dia de seu velório, colegas discutem quem ficará com seu cargo no trabalho, enquanto a viúva se preocupa em conseguir uma pensão do governo. Como um homem com carreira consolidada e família exemplar chegou a esse fim? E como todos nós chegamos ao inevitável fim da vida?

A morte de Ivan Ilitch, de 1886, é uma obra fundamental que aborda um mal que o progresso não foi capaz de aplacar até os dias de hoje: a angústia de se saber mortal, ou pior, de se perceber protagonista de uma vida sem sentido.

A nova edição da Antofágica foi traduzida diretamente do russo por Lucas Simone e traz ilustrações de Luciano Feijah, além de textos complementares de Luciano Feijão, Julián Fuks, Lucas Simone e Maria Julia Kovács e apresentação de Yuri Al'Hanati.

Fonte: Amazon (2024).

Figura 2 – Lista de motivos para comprar o livro "Noites Brancas"



Por que ler esse livro?

- » É uma boa porta de entrada para a literatura russa
- » Traz temas atemporais, como amores não correspondidos e paixões da madrugada
- » Um livro romântico sem ser clichê
- » A edição da Antofágica tem **tradução direta do russo** por **Lucas Simone**, ilustrações inéditas de **Mateus Acioli** e texto da cantora **Letrux** sobre os encontros e desencontros da vida.

Fonte: Amazon (2024).

Nas imagens são abordadas duas obras de autores russos distintos, respectivamente Tolstói e Dostoiévski, sendo as duas da mesma editora. A menção sobre os livros serem traduções diretas, apesar de constar nos dois, se dá de maneira distinta, sendo a primeira na descrição do livro e a segunda em uma seção que indica os motivos para se obter a obra “Noites Brancas”, de Dostoiévski.

Com base nestas imagens, pode se tirar como conclusão de que o fato das duas versões se tratar de traduções diretas é utilizado pela editora como um chamariz para comercializar aquela edição, justificando a sua compra. Esta ideia se dá pela posição em que é mencionada a

maneira que a obra foi traduzida: logo na apresentação de informações básicas para a compra, em “A Morte de Ivan Linch”; e nos motivos que justificariam a compra do livro, na obra “Noites Brancas”. Dado o histórico de traduções russas derivadas do francês e seus possíveis desvios (Schnaiderman, 2015) — temática que será melhor elucidada mais adiante neste trabalho — a editora poderia estar apresentando aquelas versões como “mais puras”, ou sem fugirem muito da sua forma original por não passarem por um intermédio.

Uma outra situação que pode ser válida para ilustrar a maneira com a qual o mercado editorial lida com traduções indiretas é a apresentada por Hanes (2019). A autora comenta sobre uma tradução indireta da obra “*Beowulf*” traduzida para o português por Ronald Eduard Kyrmse, com intermédio de uma tradução feita do anglo-saxão para a língua inglesa pelo aclamado autor J.R.R Tolkien. Esta versão lançada em 2011 conta com uma série de paratextos, como um prefácio escrito pelo filho de Tolkien, além de comentários do autor sobre o seu trabalho tradutório (Hanes, 2019). Apesar de já existirem traduções do poema “*Beowulf*” no Brasil antes do lançamento desta versão mencionada, a tradução intermediada pelo trabalho de Tolkien acaba por ter um grande apelo comercial, não pelo poema em si, mas pela fama alcançada pelo autor de obras como “O Senhor dos Anéis” e “O Hobbit”, sendo válido para a editora mencionar que o livro se trata de uma tradução indireta realizada por ele.

Estas breves reflexões demonstram que existem motivações mercadológicas ao se mencionar ou não as traduções indiretas, justamente pelo estigma que estas traduções podem carregar, sendo elas inclusive vistas como tabu mesmo pelas editoras contemporâneas (diante da clara recusa em responder perguntas acerca do assunto).

6 APRESENTAÇÃO DO ESTADO DA ARTE

Após as reflexões previamente desenvolvidas, esta seção trará os resultados efetivamente encontrados acerca das produções acadêmicas sobre a tradução indireta no Brasil. Como já colocado na seção introdutória, optou-se por dividir a busca e posterior catalogação dos materiais em dois momentos distintos: em um primeiro momento foram encontrados e catalogados apenas os materiais que apresentaram o termo “tradução indireta” ou “traduções indiretas” como parte de seu título. Para esta pesquisa no Google Acadêmico não foi utilizada uma janela temporal, pois como se havia previsto, foram relativamente poucos os resultados encontrados, sendo 12 trabalhos no total, o que já confirmaria, parcialmente, a hipótese inicial de que há um número consideravelmente baixo de estudos que se debruçam especificamente sobre a tradução indireta no Brasil.

Em um segundo momento, foram selecionados e catalogados os materiais que apresentaram o termo exato “tradução indireta” no corpo do trabalho. Inicialmente, para esta etapa, foi estabelecido que seriam selecionados os primeiros 20 resultados para o termo “tradução indireta”, no singular, disponibilizados pelo Google Acadêmico. Após o trabalho passar pela banca de qualificação se acatou a sugestão de aumentar o escopo da pesquisa, e adicionaram-se ao corpus os resultados para o termo “traduções indiretas”, no plural, para abranger mais trabalhos. O corpus final no tocante às pesquisas em que o termo aparece de forma transversal, ou seja, no corpo do texto, ficou dividido então da seguinte forma: os primeiros 20 resultados para o termo “tradução indireta” e os primeiros 20 resultados para o termo “traduções indiretas”, ambos utilizando o Google Acadêmico como ferramenta de pesquisa e seguindo uma janela temporal de dez anos, sendo do ano de 2012 até 2022, totalizando então 40 trabalhos acadêmicos considerados nesta categoria. Optou-se por essa delimitação pelo surpreendentemente elevado número de resultados transversais encontrados contendo os termos exatos “tradução indireta” e “traduções indiretas” — sendo 499 para o primeiro, e 269 para o segundo, até o momento de escrita do presente trabalho —, um número que, se analisado em sua totalidade, impossibilitaria a conclusão desta pesquisa diante do tempo restrito disponibilizado para a escrita de uma dissertação de mestrado.

Em um primeiro momento, para a busca inicial pelas palavras-chave mencionadas acima pretendia-se coletar apenas as teses e dissertações elaboradas pelos programas de pós-graduação em Estudos da Tradução no Brasil situados na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), UnB (Universidade de Brasília), UFC (Universidade Federal do Ceará) e USP (Universidade de São Paulo) como base de análise, pelo fato desses programas possuírem um

foco específico na área sendo estudada; porém, diante dos resultados praticamente nulos ao buscar pelo termo “tradução indireta” nos portais das referidas universidades, optou-se então pela análise de materiais disponíveis no Google Acadêmico, que englobariam não só conteúdos de diferentes pós-graduações nacionais, indo além daquelas especificamente voltadas à tradução, mas também aqueles das principais revistas brasileiras na área de Estudos da Tradução e outras áreas dos estudos linguísticos e literários.

Todos os materiais encontrados nas buscas *online* foram salvos na íntegra na nuvem (em uma base de dados *online*) no dia 10 de novembro de 2023, para que assim pudessem posteriormente ser acessados, brevemente descritos e, concomitantemente, para que fosse traçado um panorama resumido dessas pesquisas, no formato de um quadro que permitisse então a comparação dos dados levantados de maneira resumida visualmente. A ideia foi que os quatro quadros desenvolvidos, dois deles para as ocorrências lidando com a menção da tradução indireta, no singular e no plural, nos títulos, e os outros dois para aquelas que tragam os termos “tradução indireta” e “traduções indiretas” no corpo do texto, seguissem o formato exposto a seguir:

Quadro 1 – Modelo para condensação dos resultados da pesquisa: tradução indireta no Brasil

Autor e ano de publicação	Tipo de publicação	Contexto em que a tradução indireta é apresentada

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

6.1 A TRADUÇÃO INDIRETA COMO TEMA PRINCIPAL (TERMO “TRADUÇÃO INDIRETA”)

Nesta seção serão apresentados os textos levantados que trazem a tradução indireta enquanto temática principal, mencionando-a já em seus títulos, dentro dos parâmetros descritos na metodologia acima, inicialmente sendo trabalhados os textos que trazem o termo “tradução indireta”, no singular. Cada um dos textos levantados será brevemente descrito e, posteriormente, um quadro com a síntese dos dados obtidos seguindo o modelo introduzido na seção anterior será apresentado para facilitação da visualização da totalidade das informações e da comparação delas. O mesmo será feito na próxima seção deste estudo, onde serão trabalhados os textos em que consta no título o termo “traduções indiretas”, no plural. Os textos são descritos abaixo na mesma ordem em que foram apresentados nos resultados disponibilizados pela ferramenta de busca do Google Acadêmico.

O primeiro estudo encontrado se trata do trabalho “O GRANDE CÁLCULO: ENSAIO SOBRE A TRADUÇÃO INDIRETA DE UM TEXTO BUDISTA TIBETANO” (Carlucci, 2013), que trata de uma tradução indireta para o português do texto “O Grande Cálculo da Doutrina que Tem a Significância de um Quarto Concílio (The Great Calculation of the Doctrine that Has the Significance of a Fourth Council)” de Dölpopa Sherab Gyaltzen, utilizando como intermédio a tradução para língua inglesa realizada por Cyrus Stearns. No texto, é feita uma reflexão teórica sobre a tradução indireta do texto de Gyaltzen, com base em áreas atreladas aos Estudos da Tradução, como a Hermenêutica, Teoria Comunicativa da Terminologia, e também apoiada pelo estudo da tradição e história budista. Esta dissertação tem como objetivo, segundo o autor: “propor uma teorização e uma metodologia de tradução indireta de textos budistas, levando em conta a historicidade do texto, o ambiente sensível, onde foi escrito e posteriormente censurado” (Carlucci, 2013, p. 10).

Já o artigo “CONTINUUM TRADUTÓRIO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRADUÇÃO INDIRETA DE TEXTOS BUDISTAS TIBETANOS PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO”, também de autoria de Carlucci (2016) é uma reflexão teórica sobre a tradução indireta de textos budistas tibetanos para o português brasileiro. Para tal, segundo o próprio autor, ele se utiliza da abordagem transcultural de Martínez-Melis e da teoria de resíduos de Lawrence Venuti (Carlucci, 2016). O artigo se propõe a analisar o *continuum* dos textos budistas que ocorreram através da tradução indireta utilizando a língua inglesa como intermediária, bem como as questões trazidas por tais traduções.

O artigo “UMA LAMPARINA PARA O CAMINHO DA ILUMINAÇÃO: TRADUÇÃO INDIRETA E COMENTADA DE UM TEXTO BUDISTA TIBETANO”, de Menezes (2017), é uma tradução indireta comentada do texto budista tibetano “Byang chub lam gyi sgron ma”, de Atīsa Dīpaṅkara Śrījñāna, utilizando como intermédio a tradução em inglês “A Lamp for the Path to Enlightenment”, de Ruth Sonan. Para a base teórica da tradução são utilizados autores como Meschonnic, Carlucci, Fletcher e Della Santina. O artigo busca aliar teoria e prática tradutória, e segundo o autor surge devido à escassez de trabalhos relacionados à tradução desse tipo de texto (Menezes, 2017).

Diante do constante uso da tradução indireta para atingir mercados editoriais com obras literárias originalmente produzidas em sueco, uma língua menos difundida (Leal, 2017), a dissertação “LITERATURA SUECA E TRADUÇÃO INDIRETA NO BRASIL: UM CASO DE *HYPNOTISÖREN*” se propõe a realizar uma tradução direta do romance policial sueco “Hypnotisören”, de Lars Kepler. Essa tradução objetiva analisar as diferenças entre as traduções já publicadas no Brasil e no Reino Unido, comparando essas três traduções em aspectos como

mudanças estruturais do texto e marcadores culturais. As comparações são feitas com base em autores como Nida, Aubert, e Lambert e Van Gorp (Leal, 2017).

O texto de Montereii (2019), “DISCUTINDO TRADUÇÃO INDIRETA E RETRADUÇÃO: PROPOSTA DE TRATADO INTERNACIONAL PARA BIBLIOTECAS E ARQUIVOS”, é uma tradução para o português da versão 4.3 da “Proposta de Tratado sobre as Limitações e Exceções aos Direitos Autorais para as Bibliotecas e os Arquivos”, de 2012. Neste trabalho é levantada uma problematização deste texto, tendo como base “reflexões teóricas acerca da tradução indireta e retradução, em diálogo com a tradução de textos jurídicos e, em concreto, de tratados internacionais” (Montereii, 2019, p.10). Apresenta-se uma análise do texto-fonte e de suas traduções em espanhol a partir da adaptação de um modelo de análise textual proposto originalmente por Nord em 2016.

Em “ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DO TRADUTOR AUTOMÁTICO YANDEX EM TRADUÇÃO INDIRETA PÓS-EDITADA DE *LA CRITIQUE DES TRADUCTIONS* DE KATHARINA REISS: LIMITES E POSSIBILIDADES”, Costa (2020) analisa a atuação de um tradutor automático denominado *Yandex* na tradução de duas seções do livro “*La Critique des traductions, ses possibilités et ses limites: catégories et critères pour une évaluation pertinente des traductions*”, de Katharina Reiss, feita de forma indireta. São apresentados o contexto da obra, a autora e uma conceituação de tradução indireta. No texto, é feito um levantamento dos erros cometidos pelo sistema de tradução automática, através de um processo de pós-edição, refletindo-se assim sobre pontos positivos e negativos desse tipo de tradução (Costa, 2020).

No artigo “TRADUÇÃO INDIRETA: UMA PRÁTICA DE DIVULGAÇÃO E ENRIQUECIMENTO CULTURAL”, Accácio (2010) traz uma reflexão sobre a utilização das traduções indiretas como maneira de propagar textos de culturas não-dominantes através de línguas francas. O texto traça um histórico da utilização das traduções indiretas na idade média e moderna, além de tratar também sobre o seu histórico de utilização no Brasil. O objetivo do artigo, segundo Accácio (2010, p. 99) é: “discorrer sobre esse tipo de tradução, cujo papel na difusão do saber foi essencial ao longo dos séculos”.

“O CAMINHO DO MEIO PARA LOUCOS: TRADUÇÃO INDIRETA DE NOVE POEMAS DE GENDUN CHOPEL” escrito por Lorenzetti Neto (2018), é um compilado de traduções de poemas de Gendun Chopel, feitas de maneira indireta utilizando como intermédio as traduções e anotações de David S. Lopez Jr. O tibetano Chopel foi um monge andarilho, sendo o primeiro exilado social do país. O autor escreve sobre as muitas andanças e vivências do monge, com uma poesia que mistura modernidade e tradição (Lorenzetti Neto, 2018).

O artigo “(RE)PENSANDO O CONCEITO DE TRADUÇÃO INDIRETA EM OBRAS LITERÁRIAS”, de Hanes (2019), reflete sobre a conceituação da tradução indireta dentro dos Estudos da Tradução, analisando três situações tradutórias diferentes, sendo elas: a tradução indireta de um nome próprio em uma obra literária; a tradução indireta de “Beowulf” no Brasil; e uma tradução indireta entre um livro e uma *Graphic Novel*. O texto tem como finalidade: “explorar o conceito tradicional de tradução indireta e, com base em três exemplos isolados, pensar sobre a possível flexibilização do que poderia ser classificado sob tal rótulo” (Hanes, 2019, p. 18).

Conforme previsto na metodologia desta pesquisa, visando facilitar a visualização de dados de maior relevância, algumas informações sobre os trabalhos brevemente introduzidos acima foram condensadas no quadro que segue:

Quadro 2 – Trabalhos que abordam a tradução indireta como temática principal (termo “tradução indireta”)

Autor e ano de publicação	Tipo de publicação	Contexto em que a tradução indireta é apresentada
Carlucci (2013)	Dissertação de mestrado	Tradução comentada de texto budista tibetano intermediada pelo inglês
Carlucci (2016)	Artigo	Reflexão sobre a tradução indireta de textos budistas que se utilizam da língua inglesa como mediadora
Menezes (2017)	Trabalho de conclusão de curso	Tradução comentada de texto budista tibetano intermediada pelo inglês
Leal (2017)	Dissertação de mestrado	Tradução direta comentada de um romance policial sueco, analisando as diferenças entre as versões produzidas de maneira indireta
Montereis (2019)	Trabalho de conclusão de curso	Análise do impacto das traduções indiretas na tradução de documentos regulatórios para bibliotecas e arquivos
Costa (2020)	Trabalho de conclusão de curso	Análise do desempenho de um tradutor automático frente a uma tradução indireta
Accácio (2010)	Artigo	Propagação de textos de culturas não dominantes através da utilização da tradução indireta
Lorenzetti Neto (2018)	Artigo	Tradução indireta de poesias de Gendun Chopel, monge tibetano
Hanes (2019)	Artigo	Reflexão sobre a conceituação da tradução indireta através da análise de três diferentes obras

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

6.2 A TRADUÇÃO INDIRETA COMO TEMA PRINCIPAL (TERMO “TRADUÇÕES INDIRETAS”)

Assim como na seção anterior, esta também pretende compilar os trabalhos encontrados em busca no Google Acadêmico, apresentar uma breve introdução a estes materiais e condensar estas informações em um quadro conforme apresentando anteriormente, porém aqui serão expostos os trabalhos em que o termo “traduções indiretas”, no plural, consta no título do texto.

Através do TRABALHO “TRADUÇÕES DIRETAS E INDIRETAS DO RUSSO: DIVERGÊNCIAS, PARTICULARIDADES E DESDOBRAMENTOS”, Saeger (2016) analisa três traduções (duas para o português e uma para o francês) do texto em russo “Os Gêneros do Discurso”, de Mikhail Bakhtin. São apontadas e analisadas diferenças entre as traduções diretas e indiretas de trechos mais significativos da obra, através de uma perspectiva linguística, descritiva e funcional. Objetiva-se analisar o impacto de uma tradução indireta comparada a uma tradução direta (Saeger, 2016).

O texto “TRADUÇÕES INDIRETAS VS. TRADUÇÕES DIRETAS: O CASO DE OBRAS RUSSAS EM PORTUGUÊS”, escrita por Reis (2010), é uma análise de traduções diretas e indiretas para o português de obras de Tolstói e Dostoiévski, tendo como base a teoria dos polissistemas de Even Zohar e os estudos descritivos da tradução de Toury (Reis, 2010). Visa-se analisar a imagem e o impacto de tais obras na literatura brasileira, a partir de comentários de teóricos e estudiosos da literatura, além de oferecer um comparativo entre a imagem resultante das traduções diretas em comparação com as traduções indiretas.

“SOBRE TRADUÇÕES INDIRETAS, RECEPÇÃO E CELEBRIDADE”, escrito por Cruz (2007), é uma tentativa de se estabelecer uma posição teórico-metodológica para o estudo de traduções indiretas de uma forma que essas não sejam previamente tratadas como inferiores às traduções diretas. O texto se propõe a analisar as traduções dentro de contextos literários que levaram a suas criações, não apenas pelo viés de transposição de formas linguísticas (Cruz, 2007). É analisada também a questão da recepção de traduções estrangeiras dentro da literatura.

O Quadro 3 traz a condensação dos dados apresentados nesta seção:

Quadro 3 – Trabalhos que abordam a tradução indireta como temática principal (termo “traduções indiretas”)

Autor e ano de publicação	Tipo de publicação	Contexto em que a tradução indireta é apresentada
Saeger (2016)	Trabalho de conclusão de curso	Análise de diferentes traduções, feitas de maneira direta e indireta, da obra “Os gêneros do Discurso”, de Mikhail Bahktin

Reis (2010)	Dissertação de Mestrado	Análise de traduções diretas e indiretas de obras de Tolstói e Dostoiévski para o português
Cruz (2007)	Artigo	Estudo de uma posição teórico-metodológica que não trate as traduções indiretas como sendo inferiores às traduções diretas

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

6.3 TRADUÇÃO INDIRETA COMO TEMA TRANSVERSAL (TERMO “TRADUÇÃO INDIRETA”)

Nesta seção serão apresentados os textos levantados como corpus que trazem o termo “tradução indireta” não necessariamente como temática principal, mas que a mencionam no corpo do seu texto, conforme os parâmetros descritos na metodologia da presente pesquisa. Cada um dos textos levantados será brevemente descrito, além de ser apresentada uma contextualização para a utilização do termo “tradução indireta” em todos os materiais analisados. Posteriormente, um quadro com a síntese dos dados obtidos seguindo o modelo introduzido na seção anterior será apresentado para facilitação da visualização da totalidade das informações e da comparação delas. Os textos são descritos abaixo na mesma ordem em que foram apresentados nos resultados disponibilizados pela ferramenta de busca do Google Acadêmico.

Na tese de doutorado “A TRADUÇÃO E SUAS REDES: A LITERATURA ÁRABE TRADUZIDA NO BRASIL ENTRE 1981 E 2020”, Santos (2022a) se propõe a discutir sobre a tradução de literatura no Brasil e todas as pessoas e entidades que participam desse processo, como tradutores, autores e editoras. Esse estudo se justificaria pelo fato de que “o universo oriental tem sido amplamente disseminado de forma generalista e, principalmente, estereotipada” (Santos, 2022a, p. 11). A tese discorre também sobre como estudar o conceito de rede de tradução pode expandir o diálogo dentro desta área de estudo. No trabalho, o termo “tradução indireta” aparece para falar sobre obras de origem árabe que não foram traduzidas diretamente desta língua, mas passaram por intermédio de uma terceira língua.

O artigo “*NATYA SHASTRA*: UM PROJETO DE TRADUÇÃO” traz a tradução da obra “*Natya Shastra*”, texto antigo de origem indiana, escrito originalmente em sânscrito, que fala sobre dramaturgia, função do ator, produção de espetáculos e sobre teatro em geral (Pimentel, 2020). Além da própria tradução, o artigo busca também reflexões teóricas acerca da tradução com o objetivo de contribuir para a formação de novos tradutores. O termo “tradução indireta” aparece diversas vezes no corpo do texto ao longo do artigo, inicialmente apontando que a tradução em questão seria feita de maneira indireta, citando: “a edição da obra que servirá de

base para a nossa tradução é a tradução do sânscrito para o inglês realizada por Adya Rangacharya em 1984. Trata-se, portanto, de uma tradução indireta” (Pimentel, 2020, p. 85). O termo também é utilizado para a conceituação desta prática de tradução durante o artigo.

Na dissertação “INVESTIGANDO ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO DO JAPONÊS: UM ESTUDO DE LEGENDAS OFICIAIS E AMADORAS DO ANIMÊ *ONE PIECE*”, Cordeiro (2020) conduz uma análise das diferentes estratégias de tradução e legendagem empregadas por tradutores amadores e profissionais do anime *One Piece*, criado originalmente por Eichiro Oda. Este levantamento passa tanto pelos *fansubs*, com grupos como o *Kaizoku Fansubs*, quanto pela legendagem de serviços de streaming que possuem o direito de distribuição do anime, como o *Crunchyroll* (Cordeiro, 2020). Aqui, o termo “tradução indireta” pauta praticamente todo o trabalho, aparecendo diversas vezes ao longo do texto e sendo inclusive temática de um dos capítulos, intitulado “Da tradução indireta enquanto tradução de tradução: definindo concepções”. Isto pode ser atrelado ao fato de que um dos serviços de *fansubs* analisados se utiliza da tradução indireta para produzir suas legendas, como comenta a autora:

O corpus é composto pelas legendas amadoras nos pares japonês-inglês, do grupo *Kaizoku Fansubs*, e inglês-português, do grupo *ShaKaw*, em que o inglês cumpriu papel de língua mediadora. Logo, a legenda da *ShaKaw* se caracteriza por ser uma tradução indireta (Cordeiro, 2021, p. 2020).

O texto “SOBRE A LITERATURA RUSSA EM TRADUÇÃO NO BRASIL: ENTREVISTA COM DENISE REGINA DE SALES”, de Branco e Magalhães (2021), traz uma entrevista com a professora, tradutora e pesquisadora Denise Regina de Sales, tradutora do par linguístico russo-português cujo currículo inclui obras de autores renomados como Fiódor Dostoiévski, Anton Tchékhov e Ivan Turguêniev (Branco; Magalhães, 2021). Em um determinado ponto da entrevista é feita a pergunta “Você já fez tradução indireta, de segunda mão? Poderia dar-nos exemplos?” (Branco; Magalhães, 2021, p. 11), e, após discorrer sobre a utilização da tradução indireta no Brasil e a sua relação intrínseca com obras russas, a entrevistada responde que produz algumas traduções indiretas da língua evenque (nômades que vivem na região fronteira da Rússia com a Mongólia e a China) com intermédio do russo, por não falar o idioma.

Em “AS TRADUÇÕES E AS ADAPTAÇÕES PARA O INGLÊS *DE ALI BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES* NOS SÉCULOS XVIII E XIX”, de Costa (2019), há uma reflexão acerca do histórico editorial da obra “Ali Babá e os Quarenta Ladrões” e suas diversas adaptações e readaptações após a publicação da sua tradução em inglês no século XVIII (Costa,

2019). Já no início do texto, o termo “tradução indireta” é mencionado para indicar que a tradução para o inglês foi feita com base em uma tradução em francês — produzida por Galland, tradutor francês tido como precursor das traduções orientais na Europa —, o que tornaria as outras traduções que vieram a seguir indiretas. O autor comenta em duas partes distintas do texto sobre as traduções produzidas de maneira direta e aquelas produzidas através de traduções indiretas.

O trabalho “AS TRADUÇÕES INDIRETA E DIRETA DE *KINKAKUJI*, DE YUKIO MISHIMA, PARA A LÍNGUA PORTUGUESA”, de autoria de Tanaka (2018), objetiva a análise de duas traduções para o português da obra “*Kinkakuji*”, escrita por Yukio Mishima e publicada em 1956, sendo um dos romances de origem japonesa mais aclamados no mundo (TANAKA, 2018). O trabalho visa identificar diferenças nas traduções para o português feitas de maneira direta — por Shintaro Hayashi em 2010 — e na tradução indireta — realizada por Eliana Sabino em 1988 com base em uma tradução em inglês de Ivan Morris. Como é de se imaginar pelo título, a tradução indireta é um dos temas principais do estudo, aparecendo em grande parte do trabalho para contextualização do tema, conceituação deste modo de tradução e comparação com tradução direta da referida obra. Vale ressaltar ainda que, embora por limitações da ferramenta de busca o título não tenha sido identificado como associado à tradução indireta, ela é parte central da pesquisa e mesmo de seu título.

No trabalho de conclusão de curso “NO APAGAR DAS LUZES DA *ANTIGONICK* DE ANNE CARSON: CONSIDERAÇÕES SOBRE RETRADUÇÕES E TRADUÇÕES (IN)DIRETAS” de Pessoa (2019), a busca pelo termo exato entre aspas limitou novamente os achados: neste texto é produzida uma tradução para o português brasileiro da obra “*Antígona*”, escrita por Sófocles, tradução indireta esta intermediada por uma tradução em inglês feita por Anne Carson. Além da tradução em si, busca-se debater “a tradução de traduções poéticas” (Pessoa, 2019, p. 8), devido ao status de fama alcançado pela referida obra. Aqui, a tradução indireta aparece relacionada ao termo “retradução”, pois o autor discute no corpo do trabalho “quanto à definição do que seria traduzir *antigonick* para o português: se uma tradução indireta de Sófocles ou uma tradução direta de Carson” (Pessoa, 2019, p. 8). Assim como no caso do trabalho de Tanaka, a tradução indireta também é tema principal da pesquisa, inclusive aparecendo no título, porém devido à maneira como foi escrita acabou não sendo classificada pela ferramenta de busca do Google Acadêmico.

Em “A TRADUÇÃO DE VIDEOGAMES: *METAL GEAR SOLID 3*”, Santos (2022b) fala sobre o processo de tradução do jogo “*Metal Gear Solid 3*”, criado por Hideo Kojima e lançado em 2004. Segundo o autor se trata de “um jogo clássico que ainda é aclamado tanto por

críticos e fãs” (Santos, 2022b, p. 7). Originalmente, o jogo foi lançado em japonês, mas a tradução produzida durante o trabalho é feita com base na versão em inglês, caracterizando assim uma tradução indireta. O termo aparece em uma série de momentos no corpo do texto, principalmente para a conceituação sobre esse modo de traduzir e para oferecer um comparativo entre as traduções nas três línguas (japonês, inglês e português).

No artigo “AS (IN)FIDELIDADES NAS TRADUÇÕES SHAKESPEARIANAS BRASILEIRAS DE *SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO* E AS POSSÍVEIS PERDAS DE CONTEÚDO”, Oliveira (2014) busca, como o título deixa claro, analisar traduções da obra shakespeariana “Sonhos de uma Noite de Verão”, se propondo também a fazer:

[...] um pequeno retrato do estudo da tradução, desde os seus primórdios até vertentes mais recentes, abordando quais aspectos influenciaram no desenvolvimento deste campo de estudo e quais fatores contribuíram para que ele se se torna cada vez mais abrangente e mais necessário. Após breve relato histórico, são abordadas as definições de traduções diretas – quando se traduz direto da fonte original – e indiretas – quando a base da tradução já é um texto já traduzido (Oliveira, 2014, p. 91).

Aqui “tradução indireta” aparece como subtítulo de uma seção do artigo, para tratar sobre o conceito deste tipo de tradução e para justificar que o autor não a considera como uma vilã na área da tradução, sendo segundo ele uma aliada para a disseminação de conhecimentos (Oliveira, 2014).

O artigo “A NORMA DO MONOLINGUISMO NA TRADUÇÃO DO TEXTO MULTILÍNGUE. O CASO DAS TRADUÇÕES PORTUGUESA E BRASILEIRA DE *MÄN SOM HATAR KVINNOR*”, de autoria de Molina e Camargo (2022), propõe “uma análise comparativa entre as traduções portuguesa e brasileira do romance *Män Som Hatar Kvinnor*, de Stieg Larsson, com foco nas opções de tradução do léxico escrito em uma língua diferente do sueco original” (Molina; Camargo, 2022, p. 196) No artigo é feita uma reflexão acerca das diferenças destas duas traduções, partindo do princípio de que as duas foram realizadas de maneira indireta, sendo que a tradução portuguesa utilizou uma versão produzida em inglês como intermédio, enquanto a brasileira utilizou-se de uma tradução feita em francês. Neste caso o termo “tradução indireta” aparece em diversos momentos, principalmente por, como fica claro já na leitura do objetivo acima citado, tratar-se de uma das temáticas centrais do trabalho.

Em “UM EDITOR DUBLÊ DE TRADUTOR: ENTREVISTA COM MARCOS MARCIONILO”, Silva-Reis e Amorim (2016) entrevistam Marcos Marcionilo, tradutor e sócio-editor da Parábola Editorial. Entre perguntas sobre a história da tradução no Brasil, sua relação com as editoras e o papel do tradutor na sociedade, o termo “tradução indireta” aparece na seguinte pergunta: Qual sua opinião sobre as traduções indiretas e sobre as editoras que ainda

fazem este tipo de publicação? O senhor já fez alguma tradução indireta?” (Silva-Reis; Amorim, 2016, p. 227). O entrevistado menciona que abomina a prática da tradução indireta, chegando a mencionar que editoras que a fazem não deveriam existir e, se publicassem este tipo de tradução, deveriam informar o leitor para que este possa escolher um material mais confiável para leitura.

No texto “*CRIME E CASTIGO EM REFLEXOS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS TRADUÇÕES DIRETA E INDIRETA*”, de Américo e Barbosa (2018), tem-se um comparativo de duas traduções da obra “Crime e Castigo”, de Dostoiévski, sendo uma indireta — produzida por Rosário Fusco em 1949, com base em uma tradução francesa — e uma tradução direta, feita por Paulo Bezerra e publicada em 2001 (Américo; Barbosa, 2018). Para os autores a tradução indireta da obra seria “um amaneiramento geral do texto original na versão indireta, bem como cortes e alterações de estilo e paragrafação” (Américo; Barbosa, 2018, p. 353). Dada a temática, o termo “tradução indireta” aparece durante todo o andamento do texto, com destaque para o título de uma seção do artigo intitulada “Crime e Castigo, polifonia e tradução indireta”, em que é exposta a conceituação desta prática tradutória, além do termo ser citado em diversos momentos a fim de comparar as duas traduções trabalhadas no texto. Este artigo é mais um exemplo de trabalhos que têm a tradução indireta como temática principal, mas que, devido a maneira em que o título foi escrito, acabaram não entrando nos critérios de pesquisa da seção em que são tratados os textos que trazem “tradução indireta” no título.

O trabalho “A POLIFONIA CONTEMPLADA COMO CONSTRUTORA DO INTERMINÁVEL SABER POR MEIO DO ATO TRADUTÓRIO NA TRADUÇÃO COMENTADA E ANOTADA DO *SRI RAMANUJA GITA BHASYA*”, escrito por Guimarães (2012), é uma tradução comentada da obra “*Sri Ramanuja Gita Bhasya*”, texto filosófico-espiritual escrito originalmente em sânscrito. O trabalho busca principalmente “demonstrar e analisar a polifonia como construtora do saber por meio de atos tradutórios” (Guimarães, 2012, p. 11). Em um primeiro momento, o termo “tradução indireta” aparece para indicar que a tradução produzida pelo autor foi feita de maneira indireta, tendo com intermédio uma versão em inglês indiano realizada por Svami Adidevanada. O termo aparece algumas vezes no decorrer do texto, mas o texto indireto é prevalentemente chamado pelo autor de “tradução interlingual indireta”.

Em “O PROLIFERAR DOS OUTROS: TRADUÇÃO E XAMANISMO”, Castro (2016) apresenta:

[...] uma análise teórica da tradução para o espanhol do texto "Apontamentos para uma poética xamânica do traduzir" do escritor e tradutor Álvaro Faleiros (2012), assim

como das traduções indiretas para o espanhol da seleção de cantos xamânicos marubo: “Raptada pelo raio” (Kaná kawã), “Pajé Flor de Tabaco” (Rome owe romeya) e “Origem da vida breve” (Roka), compendiados no trabalho etnopoético de Niemeyer Cesarino em: Quando a terra deixou de falar. Cantos da mitologia Marubo (Castro, 2016, p. 176).

O estudo se propõe a analisar as imagens dos cantos xamânicos e a conceituar e contextualizar as traduções analisadas. O termo “tradução indireta” aparece para indicar que as traduções dos cantos xamânicos foram feitas no espanhol de maneira indireta, inclusive constando como título em uma das seções do trabalho, intitulada “Tradução indireta comentada ao espanhol de seleção de cantos xamânicos marubo”. Também aparece para oferecer uma comparação entre as três línguas trabalhadas na dissertação.

Na entrevista “OLEG ALMEIDA DISCUTE TRADUÇÕES DO RUSSO PARA O PORTUGUÊS” Oleg Almeida, poeta, ensaísta, tradutor e sócio da União Brasileira de Escritores do Brasil, conversa com Rossi e Lelis sobre a questão das traduções russas no Brasil. O termo mais utilizado para se referir a traduções feitas de maneira indireta é justamente no plural, como “traduções indiretas”, porém o termo no singular aparece na seguinte pergunta: “Como você define *tradução direta* e *tradução indireta*?” (Almeida; Rossi; Lelis, 2017, p. 112), à qual o entrevistado responde apontando que uma tradução indireta seria para o leitor que não se preocupa com a fidelidade de conteúdo de uma tradução, apenas com a temática trazida naquela obra. “Tradução indireta”, no singular, também é utilizado na entrevista para falar sobre as traduções do russo para o português intermediadas pelo francês.

Em “*LE AVVENTURE DI PINOCCHIO: OS PARATEXTOS DAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS NO SÉCULO XXI*”, Inacio (2016) visa analisar diferentes traduções da obra “Pinóquio” de Carlos Collodi — sendo elas de 2005, 2009 e 2015 — não através da tradução em si, mas de seus paratextos, se baseando em autores como Genette (2009) e Torres (2011). A autora cita, no resumo do trabalho, que os textos-fonte utilizados nas traduções não são claramente mencionados, e é aqui que o termo “tradução indireta” aparece, para indicar que essa prática é utilizada nos materiais analisados. O termo também aparece para indicar que uma das traduções pode ter sido feita de maneira indireta, citando:

algumas questões relacionadas à tradução chamam a nossa atenção, como por exemplo, o fato de acreditarmos que esta é uma tradução indireta feita por meio da língua inglesa, apesar de ser anunciado na contracapa que se trata de uma tradução feita diretamente do italiano [...] (Inacio, 2016, p. 180).

No artigo “ENTRE O INSUPORTÁVEL E O MONSTRUOSO: UMA ANÁLISE SOBRE DUAS NARRATIVAS DE *A METAMORFOSE*”, Macedo (2016) apresenta a análise de duas traduções e paratextos da obra “A Metamorfose” de Franz Kafka, sendo uma delas a

tradução de Marcelo Backes para a editora L&PM Pocket e a outra a tradução de Celso Donizete Cruz para a Hedra. Conforme cita o autor, o objetivo do trabalho não é definir qual das duas é a melhor tradução da obra, sendo o estudo “um olhar atento para o modo como as escolhas dos tradutores podem alterar os sentidos (e a intensidade destes) produzidos” (Macedo, 2016, p. 177). O termo “tradução indireta” aparece brevemente no artigo, apenas para apontar que as primeiras traduções de “A Metamorfose” que começaram a circular no Brasil foram feitas de maneira indireta, iniciando em 1956 com a publicação de uma tradução intermediada pela versão em língua inglesa, feita por Breno Silveira para a editora Civilização Brasileira (Macedo, 2016).

No texto traduzido “FANSUBS: TRADUÇÃO AUDIOVISUAL EM UM AMBIENTE AMADOR”, publicado no periódico nacional *Cadernos de Tradução* com tradução de William Henrique Cândido Moura, os autores Cintas, Sánchez e Moura (2021) discorrem sobre *fansubs*, definindo-os como “um tipo diferente de legendagem realizada por tradutores amadores” (Cintas; Sánchez; Moura, 2021). O texto lida com os processos que envolvem o *fansubbing*, a sua legalidade e ética, as características deste tipo de tradução, e discute também o impacto deste fenômeno na internet. Ao longo do texto, o termo “tradução indireta” aparece como sendo algo negativo dentro do *fansubbing*, havendo inclusive uma seção específica do artigo em que são apontados erros da tradução para o espanhol dos materiais fonte em japonês utilizando como intermédio a língua inglesa.

Em “NÍSIA FLORESTA E *DIREITOS DAS MULHERES E INJUSTIÇA DOS HOMENS*: UMA TRADUÇÃO EM BUSCA DO ORIGINAL”, Oliveira e Martins (2012) conduzem uma investigação sobre a autora Nísia Floresta Brasileira Augusta e sua obra “Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens”, sendo ela mal interpretada durante muito tempo, conforme explicam as autoras:

considerada por muito tempo uma tradução livre de *A Vindication of the Rights of Woman* de Mary Wollstonecraft, de 1792, feita a partir de uma versão francesa. No entanto, mais de um século e meio depois, a historiadora Maria Lúcia Pallares-Burke, ao realizar um estudo comparativo do suposto original com sua tradução (1996), constatou que: (i) no texto de Nísia Floresta não existem elementos suficientes que permitam considerá-lo uma tradução da obra de Wollstonecraft; (ii) *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* é, na verdade, uma tradução de *Woman Not Inferior to Man*, texto de autor(a) que se esconde sob o pseudônimo de Sophia e que foi, em grande parte, plagiado do livro *De l'Égalité des Deux Sexes*, de Poulain de la Barre (Oliveira; Martins, 2012, p. 25).

O termo “tradução indireta” é utilizado aqui para indicar que a tradução da obra de Sophia realizada por Nísia Floresta foi feita de maneira indireta, com base em uma versão traduzida para o francês intitulada “*La Femme n'est pas inférieure à l'homme*”.

No texto “A LITERATURA COREANA NO BRASIL: QUADRO ATUAL E DESAFIOS”, Park (2019) faz um levantamento sobre as traduções e produções acadêmicas de língua coreana produzidas atualmente no Brasil, indicando que são muito escassas devido a “problemas cada vez mais graves do mercado editorial brasileiro, a inexistência de tradutores qualificados e uma teia conflitante de fatores” (Park, 2019, p. 4). O termo “tradução indireta” é utilizado em algumas partes do texto para falar sobre o método principal de tradução utilizado nacionalmente para obras coreanas, que derivam principalmente da língua inglesa.

Após esta breve apresentação dos textos levantados, apresenta-se o Quadro 4 com a condensação dos dados encontrados.

Quadro 4 – Trabalhos que abordam a tradução indireta como temática transversal (termo “tradução indireta”)

Autor e ano de publicação	Tipo de publicação	Contexto em que a tradução indireta é apresentada
Santos (2022a)	Tese	Ao tratar sobre a rede de tradução de obras de origem árabes no Brasil e dos participantes deste processo, a expressão “tradução indireta” é utilizada em alguns momentos do texto para falar sobre obras que não foram traduzidas para o português diretamente do árabe
Pimentel (2020)	Artigo	Ao trazer a tradução da obra “Natya Shastra”, texto indiano sobre teatro, “tradução indireta” aparece para indicar que a tradução em questão está sendo realizada com intermédio de uma versão em inglês, e também para conceituar esse método tradutório durante o trabalho
Cordeiro (2020)	Dissertação	Em uma análise sobre diferentes práticas na tradução e legendagem do anime <i>One Piece</i> , a tradução indireta é apontada como o método utilizado por um dos grupos de <i>fansubbing</i> considerados na dissertação, o qual realiza as traduções do japonês para o português com a língua inglesa como mediadora
Branco e Magalhães (2021)	Entrevista	Em entrevista com a pesquisadora e tradutora Denise Regina de Sales é perguntado se ela faz uso da tradução indireta, ao que ela responde afirmativamente, dizendo que utiliza traduções indiretas da língua evenque (dos nômades que vivem na região fronteira da Rússia com a Mongólia e a China) com intermédio do russo, por não falar aquele idioma
Costa (2020)	Artigo	O autor discorre sobre o histórico editorial da obra “Ali Babá e os Quarenta Ladrões” nos séculos XVIII e XIX, mencionando que muitas das traduções foram feitas de maneira indireta com intermédio de uma tradução publicada em inglês. O texto trata das versões diretas e indiretas desta obra

Tanaka (2018)	Dissertação	A fim de analisar a tradução direta e indireta da obra <i>Kinkakuji</i> , de Yukio Mishima, o autor utiliza o termo durante todo o trabalho, tanto para a contextualização do tema quanto para fazer a comparação das duas traduções em si
Pessoa (2019)	Trabalho de conclusão de curso	Com base na tradução da obra “ <i>Antígona</i> ” de Sófocles para o português, produzida com o intermédio de uma versão em inglês, são discutidos os conceitos de retradução e de tradução indireta, a fim de apontar se a referida tradução é direta (sendo uma retradução) ou indireta
Santos (2022b)	Trabalho de conclusão de curso	O trabalho é uma tradução indireta do jogo “ <i>Metal Gear Solid 3</i> ” de 2004, feito com base na versão americana do jogo. Por se tratar deste tipo de tradução, o termo em apreço aparece em uma série de momentos do trabalho principalmente para conceituação e comparações de traduções.
Oliveira (2014)	Artigo	Ao analisar possíveis perdas de conteúdos de traduções da obra shakespeariana “ <i>Sonhos de uma Noite de Verão</i> ”, o autor separa uma seção do artigo para explicar que a tradução indireta não pode ser considerada vilã na área dos Estudos da Tradução
Molina e Camargo (2022)	Artigo	A tradução indireta é apontada como o método utilizado para produzir duas traduções — tanto para o português europeu, quanto para o português brasileiro — de uma obra sueca, sendo estas duas versões comparadas durante o artigo. O termo aparece em diversos momentos do texto, inclusive para a sua conceituação
Silva-Reis e Amorim (2016)	Entrevista	Em entrevista com Marcos Marcionilo, tradutor e sócio editor da editora Parábola, é perguntado se este utiliza tradução indireta em sua editora e se o próprio já realizou este tipo de tradução, sendo respondido que ele abomina a prática e condena editoras que a fazem
Américo e Barbosa (2018)	Artigo	O trabalho é um comparativo entre as traduções direta e indireta da obra “ <i>Crime e Castigo</i> ” de Dostoiévski, sendo o termo “tradução indireta” utilizado para nomear uma seção do trabalho e para oferecer o efeito de comparação entre as duas traduções
Guimarães (2012)	Dissertação	Em uma tradução comentada da obra “ <i>Sri Ramanuja Gita Bhasya</i> ”, texto filosófico-espiritual indiano, o autor utiliza o termo “tradução indireta” para indicar que a tradução apresentada no trabalho foi feita de maneira indireta, intermediada por uma versão escrita em inglês indiano
Castro (2016)	Dissertação	Ao traduzir e analisar cantos xamânicos, a autora menciona “tradução indireta” para indicar que a versão produzida foi intermediada por uma tradução em espanhol destes. O termo também é utilizado para oferecer uma comparação entre as traduções nas três línguas
Rossi e Oliveira (2021)	Entrevista	Em entrevista com o poeta e tradutor de obras russas Oleg Almeida, lhe é perguntado sobre as suas definições de tradução indireta e tradução direta, e ele responde

		afirmando que a primeira é para o leitor que não se preocupa com a fidelidade da tradução, apenas com a temática da obra em si. O termo também aparece para falar sobre traduções do russo para o português intermediadas pela língua francesa
Inacio (2016)	Artigo	Ao analisar paratextos de traduções da obra “Pinóquio”, de Carlos Collodi, a autora percebeu que o material de origem das traduções muitas vezes não fica claro, citando que a tradução indireta é utilizada em muitos casos. A autora também aponta que uma das traduções analisadas pode ter sido feita de maneira indireta, mesmo que a contracapa desta obra indique se tratar de uma tradução direta do italiano
Macedo (2016)	Artigo	Ao analisar duas traduções publicadas no Brasil da obra “A Metamorfose”, escrita por Franz Kafka, o autor aponta que o texto chegou ao Brasil na década de 1950 através de uma tradução indireta intermediada pela versão em língua inglesa
Cintas, Sánchez e Moura (2021)	Artigo	Ao tratar da utilização de <i>fansubs</i> para a tradução de <i>animes</i> japoneses, os autores afirmam que a tradução indireta carrega uma série de problemas, sendo apontada inclusive uma série de erros em traduções para o espanhol que se utilizam da língua inglesa como intermediadora
Oliveira e Martins (2012)	Artigo	O artigo trata sobre a obra “Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens” de Nísia Floresta. Por muito tempo esta obra foi mal interpretada como sendo a tradução de “ <i>A Vindication of the Rights of Woman</i> ”, posteriormente sendo descoberta como sendo uma tradução indireta da obra “ <i>Woman Not Inferior to Man</i> ”
Park (2019)	Artigo	No levantamento sobre as traduções e produções literárias coreanas no Brasil apresentado pelo artigo, a tradução indireta aparece como o principal meio pelo qual essas obras chegam no país

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

6.4 TRADUÇÃO INDIRETA COMO TEMA TRANSVERSAL (TERMO “TRADUÇÕES INDIRETAS”)

Nesta seção serão apresentados os textos levantados como corpus que trazem em seu corpo o termo “traduções indiretas”, no plural, conforme os parâmetros descritos na metodologia da presente pesquisa. A exemplo do que foi feito acima, cada um dos textos levantados será brevemente descrito, além de ser apresentada uma contextualização para a utilização do termo “traduções indiretas” em todos os materiais analisados. Posteriormente, um quadro com a síntese dos dados obtidos seguindo o modelo introduzido na seção anterior será apresentado para facilitação da visualização da totalidade das informações e da comparação

delas. Os textos são descritos abaixo na mesma ordem em que foram apresentados nos resultados disponibilizados pela ferramenta de busca do Google Acadêmico.

No trabalho “DISCURSIVIDADES EM *O COMETA É UM SOL QUE NÃO DEU CERTO*”, Leite (2022) aborda a obra infanto-juvenil “O Cometa é um Sol que Não Deu Certo” de Tadeu Sarmiento, tendo como foco “analisar trechos da obra que materializam a retomada de outros enunciados e o posicionamento valorativo e responsivo” (Leite, 2022, p. 76). A análise proposta se apoia no conceito bakhtiniano de enunciado concreto e no signo ideológico de Volóchinov (Leite, 2017). O termo “traduções indiretas” aparece apenas em um momento do artigo, para indicar que, apesar de existirem traduções indiretas da obra com intermédio do francês, a versão analisada é fruto de uma tradução direta do russo feita por Sheilla Grillo.

No artigo “SINAIS DE PONTUAÇÃO E BNCC: REFLEXÕES DIALÓGICAS”, Silva (2019) busca discutir os sinais de pontuações presentes na Base Nacional Comum Curricular, seguindo a conceituação Bakhtiniana abordada em “Dialógica do Discurso”. É válido citar que o trabalho não compreende o texto na sua totalidade, conforme menciona o autor:

Ao colocarmos a palavra pontuação, encontramos 24 ocorrências para esse vocábulo, das quais nos limitamos a analisar, conforme as coerções limitativas deste artigo, as primeiras ocorrências a respeito da pontuação, que correspondem à parte introdutória do conteúdo (Silva, 2019, p. 63).

Quanto ao termo “traduções indiretas”, ele aparece em apenas um momento do artigo, citando que obras que tratam sobre a teoria dialógica da linguagem, como Bakhtin, Volochinóv e Medvedev, chegaram no Brasil através de traduções indiretas e diretas.

O trabalho “O CONCEITO DE ANALOGIA SOB A ÓTICA DE MARCO TERÊNCIO VARRÃO” visa discutir como Varrão (116–27 a.C.), baseado em outros autores como Cleantes e Aristófanes de Bizâncio, adaptou a controvérsia grega entre anomalistas e analogistas para o primeiro trabalho latino sobre teoria gramatical, expondo também nesta obra a sua opinião sobre o tema (Carvalho, 2013). No artigo, o termo “traduções indiretas” aparece quando o autor fala sobre as traduções que a palavra analogia recebe em traduções diretas e indiretas do grego, muitas vezes com o sentido de “regularidade”, enquanto anomalia recebe o sentido de “irregularidade”.

Em “A RECEPÇÃO DE TRADUÇÕES DE PSICANÁLISE: UM ESTUDO DE CASO DAS TRADUÇÕES DO LIVRO *EL GRAFO DEL DESEO* DE ALFREDO EIDELSZTEIN”, de Barbosa (2019), busca-se entender o papel do tradutor e a recepção das traduções da obra “*El Grafo Del Deseo*”, de Alfredo Eidelsztein, através de uma análise paratextual destas traduções. O trabalho visa também “apresentar hipóteses sobre essas discussões e contribuir

para que, de alguma forma, os tradutores se apropriem dos próprios trabalhos” (Barbosa, 2019, p. 05). O termo “traduções indiretas” aparece no texto para indicar que as traduções da obra trabalhada utilizadas para consulta foram feitas de maneira indireta, através da intermediação da tradução castelhana.

A dissertação “PARACELSO – PIONEIRO, PLURAL, POLÊMICO: TRADUZIR PARA RESGATAR UMA PERSONALIDADE HISTÓRICA MARGINALIZADA”, escrita por Wagner (2019), traz a tradução comentada de um tratado médico escrito por Paracelso, figura responsável pela individualização de diversas áreas do conhecimento, porém marcado por polêmicas e que teve sua influência diminuída através do curso da história (Wagner, 2019). O termo “tradução indireta” é utilizado no trabalho para indicar que os textos de Paracelso no Brasil são muito escassos, se resumindo a traduções indiretas, por isso o autor se propõe a realizar na dissertação uma tradução direta do alemão.

O artigo “A CRÍTICA DE TRADUÇÕES NO BRASIL: UM OLHAR SOBRE OS TRABALHOS DE AGENOR SOARES DE MOURA E GABRIEL PERISSÉ” apresenta “o trabalho de críticas de traduções desenvolvido por Agenor Soares de Moura e Gabriel Perissé, destacando suas contribuições para o desenvolvimento dessa atividade no Brasil” (Alves, 2013, p. 01). O autor justifica a necessidade de um trabalho sobre esta temática indicando que a prática da crítica de traduções no Brasil é muito escassa, sendo ainda menor o número de produções acadêmicas que abordem este tema. A respeito do termo “traduções indiretas”, ele aparece em dois momentos distintos do texto, para apontar a opinião de Moura e Perissé — críticos tradutórios abordados no trabalho - sobre as traduções indiretas.

Em “AS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E A QUESTÃO DA TRADUÇÃO DE LITERATURA JAPONESA PARA A LÍNGUA INGLESA: UM PROJETO POLÍTICO-IDEOLÓGICO ESTADUNIDENSE”, Carlos Neto (2017) discorre sobre as principais obras japonesas traduzidas para a língua inglesa, pautando a análise em autores como Venuti e Calveti, abordando principalmente “a questão do poder da prática tradutória como formadora de identidades culturais e criadora de representações domésticas no público leitor” (Carlos Neto, 2017, p. 72). O termo “traduções indiretas” é utilizado no começo para indicar que as traduções intermediadas pela língua inglesa são uma ferramenta de manutenção do status de poder desta língua, posteriormente indicando que muitas traduções de obras japonesas chegaram aos países latinos através de traduções indiretas.

O trabalho “MAR DE HISTÓRIAS E O CONCEITO DE *BILDUNG*”, escrito por Villela (2018), se propõe a analisar a obra “Mar de Histórias: Antologia do Conto Mundial” compilado que reúne obras de diferentes origens e línguas traduzidas por Paulo Rónai e Aurélio

Buarque de Holanda. A análise se dá pela correlação do compilado de contos com o conceito alemão de *Bildung*, sendo pautado por três aspectos: como conceito orientador do projeto; como base da descrição panorâmica do compilado de contos; como auxílio de *Bildung* de outros autores e tradutores (Villela, 2018). No artigo, o termo “traduções indiretas” aparece para indicar que o recurso foi utilizado por Rónai e Buarque, sendo trazido no texto dados que indicam a quantidade de obras traduzidas diretamente e obras traduzidas indiretamente.

No artigo “UM DIA DE FOME EM CRISTIÂNIA: TRADUÇÃO DAS PRIMEIRAS PÁGINAS DO ROMANCE *SULT*, DE KNUT HAMSUN”, Zwick e Zwick (2021) contemplam as interferências feitas por Carlos Drummond de Andrade na sua tradução da obra “Fome”, de Knut Hamsun. O trabalho também se propõe a apresentar uma tradução direta das primeiras partes da obra, em contraponto à tradução feita por Drummond, realizada para o português com intermédio da tradução francesa. O termo “traduções indiretas” aparece no artigo para indicar que, na opinião dos autores, apesar das traduções indiretas possibilitarem um maior acesso de leitores a obras de línguas diferentes, ainda causam mais distorções no conteúdo do autor original do que as traduções feitas de maneira direta.

O texto “HIPÓTESES PARA UMA POÉTICA EM INTERFACE COM A GEOPOLÍTICA”, escrito por Cunha e Ferreira (2020), é um prefácio para o compilado de ensaios “Mundo Poética: Geopolíticas do Literário”. Nele, os autores discorrem sobre a literatura comparada em um contexto global, trazendo:

buscamos salientar que muitos fenômenos considerados como domésticos ou únicos, quando analisados do ponto de vista das literaturas nacionais, ganham uma ressonância poderosa com o mundo como um todo, se observados contra o pano de fundo das Relações Internacionais (Cunha; Ferreira, 2020, p. 48).

O termo “traduções indiretas” aparece quando os autores falam sobre o conceito de norma tradutória de Toury, utilizando o exemplo de que alguns anos atrás, no Brasil, as traduções indiretas que utilizavam o francês e o inglês como intermédio eram consideradas aceitáveis, porém esse status está se modificando atualmente. Os autores comparam esse cenário nacional com Portugal, em que as traduções indiretas são uma norma para obras de origem não europeia.

No trabalho “O CONCEITO DE PONTUAÇÃO PELA PERSPECTIVA DE DOCENTES DOS ANOS INICIAIS”, Silva e Sousa (2019) expõem uma problematização sobre concepções que alguns professores dos anos iniciais da rede pública possuem sobre conceitos de pontuação. O trabalho é dividido em duas partes, sendo a primeira uma exposição da conceituação de pontuação com base em diversas publicações, enquanto na segunda parte é colocada uma entrevista sobre pontuação com seis professores do sistema público de ensino em

uma cidade do interior de São Paulo. O termo “traduções indiretas” aparece para indicar que obras de autores que pautam o artigo, como Bakhtin e outros autores russos vieram para o Brasil através de traduções indiretas.

Em “AS RETRADUÇÕES DE *TRAUER UND MELANCHOLIE* PARA O PORTUGUÊS: O LÉXICO FREUDIANO SOB O OLHAR DA LINGUÍSTICA DE *CORPUS*”, Rebechi e Andretto (2015) produzem uma análise comparativa de cinco retraduições da obra “*Trauer and Melancholie*”, de Sigmund Freud, sob a ótica dos princípios da Linguística de Corpus, sendo eles “listas de palavras, palavras-chave e linhas de concordância” (Rebechi; Andretto, 2015, p. 126). O termo “traduções indiretas” aparece em dois momentos: inicialmente para indicar que uma das justificativas para se buscar traduções diretas do alemão é a insatisfação geral com as traduções produzidas de maneira indireta, que alterariam o sentido original do texto. O termo também aparece para indicar que a insatisfação mencionada se dá pelo tecnicismo empregado nas traduções indiretas da obra de Freud.

O trabalho “TRADUÇÕES DA BÍBLIA DAS LÍNGUAS ORIGINAIS ÀS EDIÇÕES BRASILEIRAS: UMA HISTORIOGRAFIA”, escrito por Pacheco (2021), traz uma análise histórica das traduções da Bíblia no Brasil, conceituando também a composição desta obra e uma biografia dos primeiros tradutores nacionais da Bíblia. O texto contempla também:

as versões não brasileiras de João Ferreira de Almeida e de Antônio Pereira de Figueiredo, as revisões e recensões dessas versões feitas no Brasil, e, em seguida, lista as traduções brasileiras indiretas e diretas em português, sem deixar de fora as traduções parciais, traduções em línguas indígenas e releituras da Bíblia em gênero literário (Pacheco, 2021, p. 07).

Como pode ser observado na citação, o termo “traduções indiretas” é utilizado para demonstrar que estas traduções também estão presentes na investigação proposta pelo trabalho, além de aparecer em outros momentos para se referir a estas traduções. Além disto, “Traduções Indiretas” também é título de uma das seções do estudo, justamente onde são apresentadas as traduções feitas desta forma.

Na tese “A LITERATURA LATINA NO BRASIL: UMA HISTÓRIA DE TRADUÇÕES”, Fernandes (2017) produz um estudo descritivo, com base nas teorias de Even-Zohar e Toury, sobre as traduções de livros impressos de literatura latina publicados no Brasil de 1808 até 2014. O catálogo contempla as seguintes informações:

as obras traduzidas, seus autores, seus tradutores, as editoras que as publicaram, a data da primeira edição, se as edições eram bilíngues ou não, se estavam vinculadas a alguma coleção e se eram traduções indiretas, bem como as reedições de cada tradução (Fernandes, 2017, p. 11).

O termo “traduções indiretas”, conforme citação, aparece inicialmente para indicar que esta maneira de traduzir é uma das informações mencionadas no catálogo de obras proposto pela autora. O termo é título de uma das tabelas do trabalho e é utilizado em uma série de momentos para indicar que provavelmente o número de obras traduzidas indiretamente é maior, porém pelo descrédito desta forma de se traduzir a informação acaba sendo ocultada em algumas obras.

Em “A PROPÓSITO DA TRADUÇÃO DA NOVELA *A DÓCIL*, DE DOSTOIÉVSKI”, Bianchi (2021) contextualiza a recepção no Brasil da obra “A Dócil”, escrita por Dostoiévski. O artigo busca também apresentar características marcantes na escrita do autor que, para retratar os males que a protagonista sofre após um acontecimento inesperado, utiliza de diversos recursos sintáticos como partículas expletivas, repetições, travessão, reticências, itálico, dois pontos e diminutivo, fato que constitui uma grande dificuldade para o tradutor que deseja reproduzir o estilo do autor no português. O termo “traduções indiretas” aparece no texto para demonstrar que muitas versões de obras russas chegaram ao Brasil de forma indireta, principalmente intermediadas por traduções francesas, que desagradavam Dostoiévski.

O artigo “O QUE DIZEM OS PARATEXTOS DE LIVROS TRADUZIDOS? O CASO DE CINCO OBRAS PUBLICADAS NA FRANÇA COM SUBVENÇÃO DO PROGRAMA DE APOIO À TRADUÇÃO E À PUBLICAÇÃO DE AUTORES BRASILEIROS NO EXTERIOR”, de autoria de Amaral e Ferreira (2022), trata sobre o Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior, desenvolvido pela Fundação Biblioteca Nacional. No trabalho são analisados índices morfológicos (entre outros paratextos) de cinco obras brasileiras feitas com o apoio do programa, bem como a visibilidade destas obras (Amaral; Ferreira, 2022). Pode-se encontrar o termo “traduções indiretas” em dois momentos do texto, sendo utilizado para levantar a hipótese da utilização deste tipo de tradução através da análise dos referidos paratextos, como é possível observar na citação abaixo:

Porém unicamente com as informações da capa, contracapa e folha de rosto ainda não é possível afirmar com certeza que Edyr Augusto escreveu seu livro em português, afinal Belém poderia ser uma tradução indireta de uma obra escrita em espanhol da Argentina, por exemplo. Apesar de, atualmente, traduções indiretas não parecerem ser tão comuns entre línguas latinas, essa é uma dúvida que poderia surgir e ela só desapareceria ao acessar a folha de copyright, ao final do livro, na qual se encontra a informação “A edição original dessa obra foi publicada pela Boitempo Editorial, São Paulo, Brasil” (Amaral; Ferreira, 2022, p. 8).

O texto “UMA REFLEXÃO SOBRE A NÃO TRADUÇÃO: O CASO DE *TUTUNAMAYANLAR* DE OĞUZ ATAY”, escrito por Pinto (2013), busca entender as causas da obra “*Tutunamayanlar*”, de Oğuz Atay, nunca ter sido traduzida para a língua inglesa, visto

a sua importância e o interesse crescente em traduções de obras de origem turca, impulsionado por fatos como o prêmio Nobel de Literatura de 2006, concedido ao autor Orhan Pamuk, além da Turquia ter sido celebrada como “*Convidada de Honra*” na Feira Literária de Frankfurt de 2008 (Pinto, 2013). O termo “traduções indiretas” aparece aqui indicando que a tradução da obra para o inglês poderia estimular traduções indiretas para países que não possuem muitos tradutores do turco.

Em “TRADUÇÃO DE POESIA ENTRE PORTUGUÊS E CHINÊS: PESQUISA E CATALOGAÇÃO HISTORIOGRÁFICA NA UNIVERSIDADE DE MACAU”, Sâmara e Schmaltz (2013) desenvolvem um levantamento historiográfico de livros de poesias chinesas traduzidos para o português e vice-versa, como base teórica nas oito perguntas de D’hulst (Abi-Sâmara; Schmaltz, 2013). O termo “traduções indiretas” aparece apenas uma vez no artigo, para apontar que apenas “Alberto Caiero”, de Fernando Pessoa, foi uma tradução direta do português para o chinês, sendo outros dois títulos traduções indiretas intermediadas pelas versões em língua inglesa.

O artigo “PLAUTO BRASILEIRO: BREVE HISTÓRIA DAS TRADUÇÕES DA COMÉDIA PLAUTINA NO BRASIL”, de Rodriguez e Alvarez (2020), apresenta um estudo historiográfico das traduções produzidas ou publicadas no Brasil das obras do autor de comédias romano Tito Mácio Plauto, datando do século XIX até o ano de 2019. Além de ser uma pesquisa quantitativa, o trabalho busca também discutir as traduções e os percursos dos tradutores de Plauto no Brasil, apresentando um panorama do que se estudava sobre o autor na época de desenvolvimento do estudo. O termo “traduções indiretas” aparece em apenas um momento do artigo, em nota de rodapé, citando que o trabalho não considerou montagens teatrais, mencionando: “Aqui não estamos considerando montagens teatrais propriamente ditas, que efetivamente devem ter se valido de traduções já publicadas, ou partiram de traduções indiretas” (Rodriguez; Alvarez, 2020, p. 126).

No trabalho “ENTREVISTA COM ÁLVARO FALEIROS”, Nunes e Timo (2015) entrevistam o tradutor, pesquisador e professor de Literatura Francesa da Universidade de São Paulo (USP), Álvaro Faleiros. Ao falar sobre a tradução do livro “Lance de Dados”, do poeta Stéphane Mallarmé, Faleiros comenta sobre a tradução de um determinado termo em francês. “Traduções indiretas” aparece quando Faleiros menciona nesta resposta o trabalho de uma série de outros tradutores, citando Sérgio Medeiros, que produz traduções indiretas “pautadas nos projetos dos antropólogos, mas sem necessariamente lidar com o tipo de rigor metodológico, alcance epistemológico típico da antropologia” (Nunes; Tino, 2015, p. 135).

Após esta breve apresentação dos textos levantados, segue abaixo o quadro elaborado

para condensação dos dados encontrados.

Quadro 5 – Trabalhos que abordam a tradução indireta como temática transversal (termo “traduções indiretas”)

Autor e ano de publicação	Tipo de publicação	Contexto em que a tradução indireta é apresentada
Leite (2022)	Artigo	Na análise da obra “O Cometa é um Sol que Não Deu Certo”, de Tadeu Sarmiento, a autora cita que apesar de existirem traduções indiretas produzidas com intermédio da língua inglesa, a versão analisada é uma tradução direta do russo.
Silva (2019)	Artigo	Tratando sobre a pontuação na parte introdutória da BNCC, o autor menciona que teóricos que pautam o artigo, como Bakhtin, Volochinóv e Medvedev foram traduzidos para o português através de traduções indiretas e diretas.
Carvalho (2013)	Artigo	Em um estudo tratando do primeiro trabalho latino sobre teoria gramatical, escrito por Varrão, o termo “traduções indiretas” aparece para falar sobre as traduções do grego das palavras analogia e anomalia, sendo definidas muitas vezes respectivamente como “regularidade” e “irregularidade”.
Barbosa (2019)	Trabalho de conclusão de curso	Ao falar sobre a recepção das traduções e o papel do tradutor na obra “ <i>El Grafeo Del Deseo</i> ”, de Alfredo Eidelsztein, a autora usa “traduções indiretas” para indicar que as traduções analisadas no trabalho foram produzidas de maneira indireta com intermédio da tradução castelhana.
Wagner (2019)	Dissertação	O autor se propõe a traduzir um tratado médico escrito por Paracelso. Devido à escassez de textos do autor no Brasil, sendo estes muitas vezes traduções indiretas, o autor ressalta que sua tradução se dá de forma direta do alemão.
Alves (2013)	Artigo	Tratando sobre a temática da crítica de traduções, o autor analisa o trabalho dos críticos Agenor Soares de Moura e Gabriel Perissé, utilizando o termo “traduções indiretas” para expor a opinião destes sobre esta temática.
Carlos Neto (2017)	Artigo	Analisando as principais obras japonesas traduzidas para o inglês americano e a questão da manipulação literária como formadora de identidades culturais, o autor menciona que as traduções indiretas são utilizadas para manter o status de poder da língua inglesa, indicando que muitas obras japonesas chegam a países latinos através de traduções intermediadas pelo inglês.
Villela (2018)	Artigo	Estudando a obra “Mar de Histórias: Antologia do Conto Mundial”, de Rónai e Holanda, e a sua relação com o conceito de <i>Bildung</i> , o autor utiliza o termo “traduções indiretas” para apontar quais contos do compilado foram traduzidos de maneira direta e quais através de traduções indiretas.

Zwick e Zwick (2021)	Artigo	Ao buscar possíveis interferências de Carlos Drummond de Andrade na tradução da obra “Fome”, de Knut Hamsun, os autores produzem uma tradução direta das primeiras páginas desta obra, pois para eles as traduções indiretas alterariam o sentido indicado pelo autor do original.
Cunha e Ferreira (2022)	Prefácio	No texto inicial de um compilado de artigos sobre a literatura comparada e geopolítica, os autores utilizam o termo quando falam sobre normas tradutórias, demonstrando o exemplo do Brasil, em que não muito antigamente as traduções indiretas eram bem-vistas, o que tem se modificado no cenário atual.
Silva e Sousa (2016)	Artigo	Em uma exposição sobre como alguns professores dos anos iniciais da rede pública conceituam pontuação, os autores indicam que obras que compõe sua base teórica, como Bakhtin por exemplo, chegaram ao Brasil através de traduções indiretas.
Rebechi e Andreetto (2015)	Artigo	Os autores propõem uma análise comparativa de cinco retraduições da obra “ <i>Trauer and Melancholie</i> ”, de Freud, utilizando o termo “traduções indiretas” para indicar a insatisfação geral com este tipo de retraduições e a necessidade de traduções diretas.
Pacheco (2021)	Trabalho de Conclusão de Curso	Investigando as traduções da Bíblia feitas para o português, conceituando a obra e oferecendo uma biografia dos primeiros tradutores da Bíblia no Brasil, o termo “traduções indiretas” é utilizado para indicar versões da obra feitas desta forma, sendo inclusive título de uma das seções do trabalho.
Fernandes (2017)	Tese	Ao compilar livros impressos de literatura latina publicados no Brasil de 1808 até 2014, a autora utiliza “traduções indiretas” para indicar que esta é uma das informações presentes na catalogação, apontando que muitas obras não fazem uso deste termo pelo seu descrédito
Bianchi (2021)	Artigo	Contextualizando a recepção da obra “A Dócil”, de Dostoiévski, no Brasil e apresentando recursos utilizados pelo autor para retratar a narrativa, o termo “traduções indiretas” é utilizado pela autora para retratar que muitas das traduções do russo chegavam ao Brasil através de traduções intermediadas pelo francês.
Amaral e Ferreira (2022)	Artigo	Nas análises de paratextos de traduções produzidas pelo Programa de Apoio à Tradução e à Publicação de Autores Brasileiros no Exterior, o termo é utilizado para discutir se foram utilizadas traduções indiretas em algumas obras.
Pinto (2013)	Artigo	Investigando as causas do livro “ <i>Tutunamayanlar</i> ”, de Oğuz Atay, nunca ter sido traduzido para a língua inglesa, é indicado que esta tradução poderia estimular países que não possuem tradutores do turco a produzirem traduções indiretas com intermédio desta versão em inglês.
Sâmara e Schmaltz (2013)	Artigo	Em um estudo historiográfico sobre livros de poesias escritos em chinês e traduzidos para o português (e vice-versa) é apontado que, das obras de Fernando Pessoa,

		apenas “Alberto Caiero” possui uma tradução direta para o chinês, sendo outros dois títulos feitos através de traduções indiretas do inglês.
Rodriguez e Alvarez (2020)	Artigo	Tratando das traduções das obras de Plauto, famoso escritor romano de comédias, os autores comentam em nota de rodapé que o levantamento não compreende adaptações teatrais de Plauto, sendo elas derivadas de livros publicados ou de traduções indiretas.
Nunes e Timo (2015)	Entrevista	Em entrevista com Álvaro Faleiros — professor, pesquisador e tradutor — o mesmo menciona alguns projetos de tradução, incluindo o de Sérgio Medeiros, que produz uma série de traduções indiretas de projetos antropológicos.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

7 ANÁLISE DOS DADOS LEVANTADOS

Visto que a seção anterior se propôs a apresentar um resumo das produções acadêmicas brasileiras que utilizam o termo “tradução indireta” ou “traduções indiretas”, tanto no título em si quanto no corpo do texto — seguindo os critérios já previamente descritos neste trabalho — este capítulo trará uma análise aprofundada dos textos previamente expostos, relacionando-os a fim de discutir algumas questões acerca da tradução indireta no Brasil e melhor compreender a produção acadêmica conectada com esta subárea.

Para a realização das análises optou-se por dividi-las em dois momentos, seguindo os moldes do que foi já realizado no levantamento dos dados apresentados, ou seja, sendo o primeiro momento uma análise dos materiais em que os termos pesquisados aparecem no título das pesquisas, e em um segundo momento uma análise dos textos em que “tradução indireta” e “traduções indiretas” constam no corpo das produções acadêmicas trabalhadas. Não houve separação nas análises dos termos no singular e no plural, pois não há alteração de sentido entre eles.

7.1 ACHADOS NO TÍTULO

O primeiro ponto a ser analisado aqui é a diversidade dos materiais que fazem parte do escopo da pesquisa, sendo três dissertações de mestrado, incluindo Carlucci (2013), Leal (2017) e Reis (2010); quatro trabalhos de conclusão de curso, a saber, Menezes (2017), Monterei (2019), Costa (2020) e Saeger (2016); e cinco artigos, sendo eles Carlucci (2016), Acácio (2010), Lorenzetti Neto (2018), Hanes (2019) e Cruz (2007). Essa diversidade dentro do gênero textual acadêmico pode demonstrar que, apesar de ocorrer de uma maneira ainda tímida, a tradução indireta tem sido foco recente e relativamente constante de trabalhos na área, em diferentes níveis (graduação e pós-graduação). É válido destacar que, dos trabalhos aqui analisados, cinco são provenientes da Universidade de Brasília (UnB), que possui uma já tradicional graduação em tradução e uma pós-graduação específica em Estudos da Tradução, tradição que talvez justificaria este certo destaque nas pesquisas relacionadas à tradução indireta.

Além da variedade de trabalhos mencionada, pode ser importante para esta análise apontar especificamente para a questão do período de tempo em que essas produções foram publicadas. Tem-se uma janela temporal com duração total de apenas 13 anos, visto que o texto mais recente data de 2020 e o mais antigo é do ano de 2007. Dentro de uma visão acadêmica,

esse espaço temporal é relativamente curto, ainda mais levando em consideração que, como mencionado anteriormente, a área dos Estudos da Tradução teve um foco maior enquanto área de pesquisa já a partir da década de 1960. O próprio campo teórico que norteia a metodologia de análise desta pesquisa, os Estudos Descritivos da Tradução, tiveram um crescimento exponencial particularmente durante a década de 1990, com diversos dentre os seus textos seminais datando já a partir da década de 1970. Como, então, a pesquisa mais recente sobre tradução indireta no Brasil disponibilizada *online* data apenas do ano de 2007, tempo considerável após o início da disponibilização de conteúdos via internet no país? A resposta pode estar na própria temática do artigo em questão.

O artigo “Sobre Traduções Indiretas, Recepção e Celebridade” trata justamente sobre a recepção das traduções indiretas que, segundo Cruz (2007):

parecem desfrutar de uma posição desconfortável, ou melhor, não há um verdadeiro desfrute, pois elas, se não julgadas simplesmente inaceitáveis, só são acolhidas em último caso, sempre com um certo receio, um certo pesar, apresentadas como mal necessário, único modo de aceder a um original qualquer (Cruz, 2007, p. 1).

Diante dessa citação, que corrobora o que outros autores já mencionados neste trabalho também colocam sobre a posição marginalizada das traduções indiretas, como no caso de Hanes (2019), supõe-se que não haviam muitas produções prévias sobre esta temática pelo status secundário que ela possuía dentro dos Estudos da Tradução nacionais (é válido lembrar que esse estilo tradutório também já foi muitas vezes chamado no Brasil de “tradução secundária” ou “tradução de segunda-mão”, algo que poderia contribuir para a manutenção desse status excludente). É notável, porém, que as produções sobre a tradução indireta tiveram um crescimento relativo na última década, talvez por uma mudança gradual nesse status, acompanhando o fenômeno no resto do mundo, como comenta Pieta (2014, p. 17)³⁰ ao considerar o cenário global: “Entre 2009 e 2011 [...] pelo menos treze artigos e monografias com foco na tradução indireta foram publicados”.

Apesar da diversidade dos escritos analisados, pode ser colocado como contraponto que essa variedade não se repete nos gêneros textuais abordados nestes trabalhos acadêmicos, já que a maioria dos textos trabalhados pelos autores em questão são literários. Têm-se, por exemplo: Carlucci (2013, 2016), Menezes (2017) e Lorenzetti Neto (2018) com textos budistas tibetanos; Leal (2017) com um romance policial sueco; Reis (2010) e Saeger (2016) com a tradução de obras literárias russas.

³⁰ *between 2009 and 2011 (the timespan for which bibliometric data is analysed) at least thirteen papers and monographs focusing on indirect literary transfer were issued.*

Essa falta de diversidade temática também é sentida no que se refere às mídias abordadas neste primeiro grupo de textos levantados, pois não se tem menção à ocorrência da tradução indireta no Brasil senão em materiais impressos e literatura, mesmo com o fenômeno ocorrendo frequentemente em outros meios, tais como filmes e jogos eletrônicos (Pieta, 2014). A exceção aqui pode ser o trabalho produzido por Costa (2020) em que, apesar de se tratar também sobre a tradução de uma produção textual, aborda-se a análise de desempenho de uma ferramenta tradutória eletrônica.

Com relação às línguas abordadas nos trabalhos, pode ser observada a frequência com que o inglês aparece como língua intermediadora, sendo utilizada para traduzir textos de monges tibetanos nos textos de Carlucci (2013, 2016), Lorenzetti Neto (2018) e Menezes (2017); para a análise de traduções indiretas de textos russos em Reis (2010); como texto-fonte dos exemplos levantados em Hanes (2019); e em comparações de traduções diretas e indiretas de uma obra sueca por Leal (2017). Essa presença frequente do inglês não surpreende, pois a sua influência como língua franca nas questões que envolvem a tradução indireta já foi estabelecida previamente e tratada nesta pesquisa. Porém, é válido aqui indicar e posteriormente analisar esta influência do inglês especificamente no meio acadêmico brasileiro.

Crystal menciona que:

O inglês é o meio de comunicação de grande parte do conhecimento mundial, principalmente em áreas com ciência e tecnologia. O acesso a esse conhecimento é função da educação. Quando investigamos o porquê de tantos países nos últimos anos terem tornado o inglês como língua oficial ou o escolhido como língua estrangeira principal, o motivo mais relevante é sempre educacional (Crystal, 2003, p. 110).³¹

Aquele autor ainda acrescenta que: “a visão dominante é certamente de que uma pessoa faria contato com os pensamentos e pesquisas mais recentes sobre um assunto mais facilmente ao aprender inglês, ao invés de qualquer outra língua” (Crystal, 2003, p. 111)³². É nítido que a área acadêmica, assim como uma série de outras áreas no Brasil, acompanha a tendência mundial e é fortemente influenciada pela língua inglesa, pois ela é a língua franca utilizada como intermédio na troca e acesso a informações provenientes de outros lugares e culturas não falantes de português, o que vem, por fim, a ser determinante para a execução de traduções indiretas em nível nacional.

³¹ *English is the medium of a great deal of the world's knowledge, especially in such areas as science and technology. And access to knowledge is the business of education. When we investigate why so many nations have in recent years made English an official language or chosen it as their chief foreign language in schools, one of the most important reasons is always educational.*

³² *the dominant view is certainly that a person is more likely to be in touch with the latest thinking and research in a subject by learning English than by learning any other language.*

Além da questão da utilização do inglês na área acadêmica como um todo no país, vale aqui apontar e refletir também sobre o outro lado: as outras línguas tratadas nos trabalhos mencionados, sendo elas o tibetano, o russo e o sueco. Estas línguas, apesar de distintas, compartilham de uma característica comum, a saber, um afastamento linguístico com o português, o que muitas vezes dificulta a realização de traduções diretas nas mesmas (Washbourne, 2013). Isso claramente poderia explicar a utilização da língua inglesa como intermédio nas traduções indiretas, uma vez que ele é a língua estrangeira incentivada por todo o Brasil em diferentes esferas educacionais e culturais, e, portanto, almejada e adquirida por parte considerável da população. Leal (2017) discorre sobre a tradução indireta enquanto forma de universalização de acesso, ao afirmar:

No entanto, por mais que a tradução indireta possa ser criticada pelo público leitor e pelo público intelectual, sem ela não teríamos acesso à produção literária de países cujas línguas não são amplamente difundidas, pois para que essas literaturas consigam alcançar o mercado editorial mundial elas precisam ser traduzidas para línguas de maior penetração, como o inglês, francês ou alemão (Leal, 2017, p. 25).

Tendo em mente este aspecto, parece inevitável apontar a relação de dominações culturais, em que se tem uma cultura vista como central ou dominante, utilizando de uma língua franca amplamente difundida, e uma cultura periférica ou dominada, com uma língua pouco acessível e pouco difundida para outras pessoas que não os próprios membros desta cultura.

Este protagonismo dado para uma cultura pouco difundida através de uma língua mediadora mais influente pode ser visto também nos trabalhos sobre o budismo tibetano de Lorenzetti Neto (2018), Menezes (2017) e Carlucci (2013, 2016), com destaque para este último pela recorrência na abordagem do tema (além de ser também citado como orientador no trabalho de conclusão de curso de Menezes (2017)). A tradução de textos religiosos é parte importante da expansão de uma religião, e é algo que aconteceu também com o budismo a partir do momento em que esta prática passou a se difundir no Ocidente. O que não acompanhou esse crescimento, porém, são os estudos acadêmicos voltados a essa prática tradutória, como aponta Carlucci (2016), sendo produzidos muitas vezes apenas em contextos anglo-americanos por pesquisadores praticantes do budismo, intérpretes de monges ou ex-monges que lecionam em faculdades de língua inglesa (Carlucci, 2013). Existe a prática da tradução dos textos budistas tibetanos, como é o caso da tradução de Stearns do texto de Dölpopa, mas não existe uma reflexão teórica acerca desta tradução.

A escassez de pesquisas teorizando a tradução de textos budistas também se repete em um contexto nacional, sendo atenuada somente pela presença das próprias traduções de textos tibetanos aqui elencadas. Essa falta de material, como aponta Carlucci (2013), ocorre devido a

um fato importante para o presente estudo: quase não existem traduções diretas de textos budistas tibetanos para o português brasileiro, sendo a sua maioria produzida de maneira indireta.

Reforçou-se, ao longo dessa pesquisa, a hegemonia do inglês como língua franca dominante; entretanto, existe um atenuante diferente quando se trata da utilização da língua inglesa como intermediadora na tradução indireta de textos budistas tibetanos:

O fato de grande parte dos textos serem traduzidos via língua inglesa também é um reflexo da forte presença do budismo indo-tibetano nos países de língua inglesa, em especial, nos EUA, após a invasão chinesa do Tibete” [...] essa utilização da língua intermediadora demonstra as muitas faces da tradução indireta, deixando claro que elas não ocorrem apenas por fatores linguísticos, mas também por fatores socioculturais e políticos (Carlucci, 2016, p. 63).

No caso dos textos budistas tibetanos, as traduções indiretas podem ser tratadas também como ferramenta de manutenção e conservação linguística, tal qual já indicou Washbourne (2013), sendo trazida aqui uma situação apontada por Carlucci (2016) em seu artigo:

Assim como na Ásia, muitos originais em sânscrito de textos clássicos do budismo se perderam ou sobrevivem apenas em fragmentos ou por meio de traduções tibetanas e chinesas que servem de fonte para outras línguas, inclusive para back translations em sânscrito, na tentativa de preencher lacunas de textos incompletos ou recriar os textos que se perderam (Carlucci, 2016, p. 63).

Além dos diversos fatores apontados para a utilização da tradução indireta na tradução dos textos budistas tibetanos, Carlucci ainda aponta uma motivação baseada no próprio budismo, sendo a manutenção de um *continuum* tradutório, definido por ele no trecho que segue:

Fazendo um paralelo com a ideia de que no budismo não há uma alma ou uma personalidade fixa que se transfere de vida e vida, mas um continuum mental (*citta*), formado por tendências (*samskāras*), como explica Brum (1992, p. 25). Tais tendências são resquícios das experiências do continuum mental em nascimentos anteriores que permanecem latentes e interagem com as causas e condições do novo nascimento que podem despertá-las ou não. Sugerimos, portanto, que se considerarmos o texto traduzido como um continuum tradutório, significando que aquilo que é traduzido, embora não seja exatamente o mesmo texto “original”, nem a tradução-fonte, carrega tendências que podem se manifestar mediante estratégias de tradução que visam evidenciá-las (Carlucci, 2016, p. 66).

Passando a um novo tópico entrelaçado com o que se vem discutindo até aqui, os resultados levantados pela presente pesquisa parecem também indicar forte correlação entre a tradução indireta e estudos cujo enfoque são traduções comentadas. Os trabalhos de Carlucci, Menezes e Carlos Neto são apenas alguns exemplos de traduções comentadas que foram listadas durante o levantamento de dados, tendo-se encontrado também: a tradução comentada

do romance policial sueco “Hypnotisören”, de autoria de Leal (2017); e aquela da obra “La Critique Des Traductions” através de um tradutor automático *Yandex*, no estudo desenvolvido por Costa (2020). Partindo do ponto de vista dos Estudos Descritivos da Tradução, este tipo de estudo (voltado especificamente a apresentar traduções comentadas) pode ser importante para um enriquecimento da teorização da tradução indireta, por trazer reflexões tanto sobre o texto-fonte quanto sobre o texto-alvo. Sobre este tipo de análise, Lambert e van Gorp (2011, p. 216) argumentam, ao explanar a aplicação de seu quadro metodológico para a descrição de traduções:

Nunca podemos “comparar” textos simplesmente justapondo-os. Precisamos de um quadro de referência para examinar os elos positivos e/ou negativos entre T1 e T2, e examiná-los do ponto de vista tanto do T1 como do T2. Esse quadro de referência não pode ser identificado com o “texto-fonte”. Em vez disso, ele é uma combinação de categorias tiradas tanto do texto-fonte como do texto-alvo e pode ainda ser enriquecido com perguntas que surgem a partir dos sistemas fonte e alvo.³³

Ao trabalhar o contexto por trás de uma tradução indireta comentada e até ao se levantar pontos relevantes durante esta tradução, se está refletindo sobre os muitos sistemas envolvidos no processo tradutório, corroborando assim com os pensamentos que baseiam os Estudos Descritivos da Tradução e contribuindo para que se possam traçar paralelos e padrões entre estas traduções, em um esforço para compreensão do quadro mais amplo, que Lambert e van Gorp chamariam de contexto sistêmico.

Alguns dos trabalhos levantados trazem discussões que contemplam métodos tradutórios, tratando sobre as diferenças entre a utilização de traduções diretas e indiretas, sendo eles: Saeger (2016) e Reis (2010), ao abordar traduções de obras russas; e Leal (2017), que faz uma comparação entre a tradução indireta e direta de uma obra policial sueca. Ao ler os trabalhos, chama-se a atenção aqui para alguns comentários sobre as traduções indiretas das referidas obras, como por exemplo:

Um amigo meu, em particular, me relatou que já havia lido Dostoiévski em edições antigas, claramente traduções indiretas, e não gostou. Anos depois, mesmo convencido de que não gostava do estilo do autor, decidiu ler uma tradução diferente do mesmo livro. No fim, comentou que, comparando as duas traduções, quase não se pode dizer que se trata do mesmo livro ou sequer do mesmo autor, tamanhas eram as diferenças de linguagem e de estilo (Saeger, 2016, p. 9).

E também:

[...] tive como colega de trabalho um imigrante ucraniano que, em seus tempos de estudante em Odessa (mesma cidade onde viveu, quando criança, o professor Boris Schnaiderman, por sinal), também fora leitor de Tolstói e, durante algumas conversas

³³ Tradução de: Marie-Hélène C. Torres e Lincoln P. Fernandes.

que tivemos, mencionou que as traduções de algumas obras de escritores russos para o português haviam-lhe soado bastante estranhas (Reis, 2010, p. 14).

Vale destacar ainda a citação a seguir:

O interesse em traduzir o romance diretamente surgiu após a autora deste trabalho estudar a língua em seu país de origem em 2013 e observar que, embora a literatura policial sueca seja amplamente conhecida no Brasil (principalmente depois do fenômeno de Stieg Larsson), esses romances raramente são traduzidos diretamente aqui, ressaltando a importância de um estudo como este. Decidimos traduzir e estudar este romance devido ao sucesso da série e dos autores no cenário europeu e das diversas modificações que o texto publicado sofreu em sua tradução britânica, já que com a comparação entre as traduções direta e indireta conseguimos identificar com clareza as diferenças causadas pelos dois processos (Leal, 2017, p. 13).

Fica evidente que, quando a tradução indireta é tratada nas três situações, ela é vista de uma maneira de certa forma negativa — principalmente nos dois primeiros comentários — concordando com os levantamentos trazidos até aqui nesta pesquisa acerca da opinião prevalente sobre as traduções indiretas no cenário nacional. Dado este fato, parece necessário entender mais a fundo o que motivou os autores citados a produzirem estas traduções diretas, ou estas análises das diferenças entre traduções indiretas e diretas.

Primeiramente, para entender as produções em apreço, é interessante destacar a diferença entre as obras trabalhadas nos escritos de Saeger (2016) e Reis (2010) e na contribuição de Leal (2017). Nos primeiros, têm-se trabalhos de autores russos já renomados, como Dostoiévski e Tolstói, obras canonizadas em uma série de sistemas literários. Do outro lado, tem-se um famoso romance policial sueco que, apesar de não fazer parte do cânone desta literatura, alcançou sucesso local e mundial, sendo considerado um *best-seller*.

Quando se trata da primeira situação, segundo os autores, a tradução direta em contraposição às traduções indiretas seria uma forma de “reparação histórica” pelo longo período em que as literaturas russas ficaram restritas a um nicho específico pelo distanciamento linguístico e pela dependência nacional de uma língua franca intermediadora (no caso das traduções do russo, muitas vezes era utilizado o francês). Essas traduções indiretas perderiam muito o sentido da primeira versão, como é comentado por Saegers (2016, p. 10):

A tradução direta preserva detalhes e nuances de linguagem, do estilo e do pensamento do autor — características essas que, por vezes, se perdem nas traduções indiretas feitas sob a mediação de outras línguas, que as atenuam ou mesmo as suprimem. Consequentemente, é possível que a imagem de um autor e de suas respectivas obras, construída por traduções indiretas, sofra alterações assim que traduções diretas começam a circular.

Reis (2010, p. 15) concorda com este pensamento, colocando:

Como já mencionado, a tradução direta tem, entre seus pressupostos, a preservação de detalhes e nuances de linguagem, estilo e pensamento do autor, características essas

que, por vezes, se perdem em meio às traduções indiretas feitas sob a mediação de outras línguas, que as atenuam ou mesmo as suprimem. Consequentemente, é possível que a imagem de um autor e de suas respectivas obras, construída por traduções indiretas, sofra alterações, na medida em que começam a circular traduções diretas.

Fica claro que, para os dois autores que trabalham com as obras russas, a tradução indireta não teria espaço diante da possibilidade de uma tradução direta, visto que esta traria uma carga desnecessária da própria língua intermediadora proveniente de uma vivência diferente da cultura russa, modificando assim o sentido do texto fonte.

Por outro lado, trazendo à tona a situação do texto de Leal (2017), tem-se uma situação diferente pelo próprio caráter da obra traduzida, tratando-se de um romance aclamado mundialmente pelo público e com um grande volume de vendas. Apesar do trabalho trazer uma série de diferenças entre as versões direta e indireta — o que implicitamente poderia significar uma predileção da autora pelas versões diretas em detrimento das indiretas —, não é observada ao longo do texto uma crítica clara às traduções indiretas. É citado, inclusive, que esse tipo de tradução se justificaria por questões mercadológicas e pela urgência gerada pelas editoras:

No mundo globalizado em que vivemos, onde o acesso à informação é imediato, a tradução indireta ainda é, paradoxalmente, uma prática bastante comum. Podemos acrescentar que a tradução de segunda mão se tornou uma necessidade do mercado editorial. No universo dos romances policiais suecos, podemos citar os escritores pioneiros Maj Sjöwall e Per Wahlöö, publicados recentemente pela editora Record a partir da tradução em língua inglesa; Camilla Läckberg, publicada pela editora Planeta e traduzida também a partir da tradução em língua inglesa, e o fenômeno mundial Stieg Larsson, cuja trilogia Millennium foi publicada pela Companhia das Letras em 2009 a partir das traduções francesas (com exceção do quarto livro, publicado em agosto de 2015, escrito por David Lagercrantz e traduzido diretamente do sueco por Guilherme Braga e Fernanda Sarmatz Åkesson) (Leal, 2017, p. 12).

Pode se presumir que, para a autora, a tradução indireta seria um meio de propagação para literaturas oriundas de línguas de baixa circulação, pois ela também afirma: “foi por meio da tradução indireta que os leitores brasileiros tiveram o primeiro contato com literaturas distantes como a russa, a alemã, a escandinava e a oriental” (Leal, 2017, p. 12).

A abordagem de Leal abre portas para notar algo que, posteriormente, é visto em outros estudos levantados: a consideração da tradução indireta não necessariamente como algo negativo por parte de alguns pensadores brasileiros.

Após considerar as contribuições para a área da tradução que trazem as traduções indiretas comentadas, é proveitoso também destacar as produções aqui analisadas que têm como foco justamente a teorização das traduções indiretas, sendo elas: o estudo sobre a recepção das traduções indiretas, produzido por Cruz (2007); a relação entre culturas dominantes e tradução indireta, de Accácio (2010); e a conceituação da tradução indireta através da análise de obras distintas, feita por Hanes (2019). Com base nos Estudos Descritivos da Tradução, essas

reflexões de cunho mais teórico acerca da tradução indireta são importantes para a subárea, inclusive para auxiliar na desconstrução dessa prática como algo necessariamente inferior. Como bem define Toury (1995):

Do ponto de vista dos Estudos Descritivos da Tradução, a tradução indireta não é uma doença a ser evitada, como tem sido a atitude mais comum. Tal abordagem apenas reflete a projeção enganosa de uma norma prevalente atribuindo valor superior ao original final, no plano das premissas teóricas (Toury, 1995, p. 129)³⁴.

Ao se abordar uma subárea com uma teorização tão escassa, principalmente em um cenário nacional, são abertos caminhos para que outras pesquisas possam contribuir para esta teorização. Com isso, perguntas pertinentes como “a partir de qual língua/tipo de texto/período (etc.) se está traduzindo? Ela é permitida/proibida/tolerada/preferida? Quais são as línguas intermediadoras permitidas/proibidas/toleradas/preferidas?”³⁵ (Toury, 1995, p. 129) poderiam ser respondidas, contribuindo assim para uma tentativa de identificação das normas que envolvem este tipo de tradução, não com um caráter limitante, mas para que padrões possam ser identificados e estudados mais a fundo.

Os dados levantados durante esta pesquisa podem trazer algumas reflexões acerca das perguntas colocadas acima, pelo menos no cenário brasileiro. Dentro do questionamento sobre a partir de qual língua se está traduzindo, verificou-se que as principais línguas que passam por traduções indiretas são aquelas afastadas culturalmente do português brasileiro, como o tibetano nos textos de Carlucci (2016) e Menezes (2017), a língua sueca trazida por Leal, e a língua russa com Saeger (2016) e Reis (2010). No tocante à aceitação destas traduções indiretas, se trouxe que, apesar de serem julgadas como necessárias por aproximar línguas e culturas tão afastadas do Brasil (Accácio, 2010), ainda assim alguns pesquisadores têm a visão de que estas traduções poderiam trazer alterações significativas em relação ao material fonte, por passarem por uma tradução intermediária, como apontou Saeger (2016, p. 19): “se o *translato* é uma oferta secundária de informação, a tradução indireta é uma oferta terciária: é uma oferta de informação sobre uma oferta de informação sobre uma oferta de informação”.

Em relação às línguas pelas quais estas traduções são intermediadas, notou-se uma certa predileção por dois idiomas de grande difusão, sendo o inglês e o francês, este último em específico para traduções de obras com origem russa. Se tratando da aceitação destas línguas

³⁴ *From the point view of DTS this would mean that second-hand translation is not some kind of disease to be shunned, as has long been the dominant attitude. Such an approach only reflects a fallacious projection of a currently prevalent norm, ascribing uppermost value to the ultimate original, onto the plane of theoretical premises.*

³⁵ *In translating from what source languages/text-types/ periods (etc.). is it permitted/prohibited/tolerated/preffered? What are the permitted/ prohibited/tolerated/preffered mediating languages?*

como forma de intermediação, percebeu-se que o francês muitas vezes é malvisto por quem estuda as traduções indiretas do russo, devido a alterações feitas nas traduções por conta da cultura tradutória francesa (Reis, 2010).

7.2 ACHADOS COMO TERMO TRANSVERSAL

Ao se analisar os trabalhos que mencionam os termos “tradução indireta” e “traduções indiretas” no corpo do seu texto, o primeiro ponto a ser destacado é a variedade de línguas trabalhadas, incluindo Santos (2022a) tratando sobre traduções do árabe; Pimentel (2020) e Guimarães (2012) que trazem análises de obras escritas originalmente em sânscrito; Cordeiro (2020), Tanaka (2018), Moura (2021) e Carlos Neto (2017) que têm a língua japonesa como sua temática; Camargo (2022) com a língua sueca; Schmaltz (2013) trabalhando com traduções para a língua chinesa; e Leite (2022), Bianchi (2021) e Américo e Barbosa (2018) com a língua russa.

As informações apresentadas evidenciam como línguas minoritárias no Brasil aparecem relacionadas às traduções indiretas, muito provavelmente pela já mencionada facilidade oferecida pelas traduções intermediadas por línguas com mais circulação no Brasil, como o inglês e o francês. Este fato pode estar atrelado à pouca quantidade de tradutores de línguas que fujam daquelas tidas como francas, conforme os dados do SINTRA trazidos anteriormente nesta pesquisa, como por exemplo o número de tradutores cadastrados para o japonês — temática de quatro trabalhos analisados aqui — que é de apenas dois tradutores.

Destacando os trabalhos que possuem como temática obras na língua japonesa, especialmente nos textos de Tanaka (2018) e Moura (2021), em que diferenças entre traduções diretas e indiretas são abordadas, é exposto que as traduções feitas de maneira intermediada causam mais desvios do texto fonte quando comparadas com traduções diretas, como aponta Tanaka ao tratar sobre a tradução da obra “*Kinkakuji*” para o português: “Os resultados nos ajudaram a perceber que a tradução em inglês causa a deformação do texto original de certa forma e influi na tradução indireta em português [...]” (2018, p. 4). O mesmo problema também é citado por Moura, ao fazer comparações de traduções em *fansubs* de animações japonesas: “apresentam-se três exemplos de traduções, destacando os riscos que se corre ao realizar uma tradução indireta” (2021, p. 3), e trazendo ainda:

Os exemplos a seguir ilustram alguns erros de tradução que chegaram ao espanhol por meio dos fansubs em inglês, os quais foram nitidamente utilizados na tradução indireta para realizar a transferência linguística do original em japonês (Cintas; Sánchez; Moura, 2021, p. 21).

Vale ser apontado, porém, que a intermediação não é a única causa destas alterações, como indica o próprio Tanaka (2018, p. 3):

[...], porém a tradução em inglês não é a única razão desta deformação. Na tradução direta em português, apesar de identificarmos alguns casos de deformação, observou-se que o tradutor teria se preocupado com a manutenção do estilo de escrita do autor do texto original, além do sentido textual.

Esta ideia de alterações de sentido causadas por distanciamentos linguísticos mencionada pelo autor concorda com uma afirmação de Rónai (2021, p. 22), de que: “Só se poderia falar em tradução literal se houvesse línguas bastante semelhantes para permitirem ao tradutor limitar-se a uma simples transposição de palavras ou expressões de uma para outra”. Demonstrando assim que a intermediação por uma terceira língua pode não ser o único alterador de sentido dentro de uma tradução, entendimento o qual, se mais difundido, seria útil para menor marginalização dos textos produzidos indiretamente.

Ainda no que se refere à variedade linguística das produções analisadas, excluindo o trabalho de Camargo (2022), que se baseia na língua sueca, é possível notar que todos os outros trabalhos mencionados são de línguas orientais, diferente das muitas vezes dominantes línguas e culturas ocidentais. A relação de materiais vindos de culturas orientais com a tradução indireta pode demonstrar que, mesmo em um passado bem recente, a divulgação destas obras no Brasil ainda acontece através da intermediação por línguas de maior circulação no país, como é o caso dos trabalhos de Pimentel (2020) e Guimarães (2012), que analisam obras vindas originalmente do sânscrito traduzidas indiretamente com intermédio do inglês. Para um dos autores, em contraponto às afirmações de que as traduções indiretas prejudicariam o texto fonte, esta forma de se traduzir enriqueceria a versão final, comentando:

o fato de se tratar de uma tradução interlingual indireta, envolvendo a presença de várias vozes tradutoras enriquece o teor da tradução e da pesquisa que contempla tal aspecto, não como uma perda [...], mas, essencialmente, como somatória no processo de construção do saber por meio da produção textual tradutória (Pimentel, 2009, p. 11).

Ainda sobre a situação das línguas orientais, Lefevere, nos anos 1990, falou sobre a questão de literaturas com esta origem, tratando especificamente sobre as literaturas islâmicas, mencionando: “de todas as grandes literaturas no mundo, a produzida no sistema islâmico é sem dúvidas a que está menos disponível para leitores na Europa e nas Américas³⁶” (Lefevere, 1992, p. 73). Santos (2022a) fala justamente sobre este apagamento em sua tese — trabalho que

³⁶ *Of all the great literatures of the world, the literature produced in the islamic system is arguably the least available for readers in Europe and the Americas.*

aborda as obras de origem árabe traduzidas no Brasil —, expondo:

Quando algo de natureza árabe se disponibiliza para além dos muros da universidade, muitas vezes essas narrativas vêm cheias de clichês: guerras, pobreza, povos bárbaros, erotismo etc. Como é de praxe naquilo que se refere a povos periféricos, o acesso às suas próprias narrativas é negado ou até mesmo filtrado. Ao mesmo tempo, o acesso às narrativas sobre eles, mas a partir de uma perspectiva hegemônica, é perversamente e repetidamente promovido, de modo a atender uma agenda imperialista de pasteurização política, social e religiosa (Santos, 2022a, p. 68).

De fato, ao se aprofundar no texto mencionado, pode se averiguar que de 1981 até 2020 — janela temporal da tese — apenas 46 obras em língua árabe foram traduzidas para o português, sendo 11 destas produzidas de maneira indireta, totalizando pouco mais de uma (01) obra traduzida por ano dentro do escopo da pesquisa, um número relativamente baixo. A autora ainda justifica essa lacuna:

podemos concluir que, ainda que a presença da literatura árabe nas estantes brasileiras venha crescendo ao longo dos últimos anos, essa mudança tem dependido mais de esforços isolados do que de uma política editorial de peso para modificar as relações de poder que permeiam o nicho literário nacional. Prova disso é a carência de uma formação específica de tradutores do árabe para o português brasileiro, o que justifica a necessidade de descendentes de árabes se engajarem nesse processo (Santos, 2022a, p. 153).

Enquanto o trabalho de Santos (2022a) fala sobre um apagamento ocidental de obras de origem árabe, o artigo de Lorenzetti Neto (2018) trata sobre um apagamento sistemático de traços da cultura japonesa, apresentando que os Estados Unidos se utilizaram de traduções para um projeto político-ideológico, alterando a visão ocidental sobre o Japão, impactando inclusive os países latinos que utilizavam traduções indiretas intermediadas pelo inglês americano de obras japonesas (Lorenzetti Neto, 2018). A solução adotada pelo Japão, segundo o autor, foi:

o governo japonês com seus projetos de incentivo e apoio a tradutores de língua japonesa está conseguindo aumentar, cada vez mais, o número de traduções diretas de diferentes obras de sua literatura em diversos países. Com isso, o Japão consegue ampliar o leque de autores traduzidos e, ao mesmo tempo, consegue promover as obras de acordo com a ideologia política japonesa, tentando aumentar o acesso a essas obras através das traduções (Lorenzetti Neto, 2018, p. 81).

Ainda dentro desse aspecto, tem-se o artigo de Pinto (2013) que busca entender como uma das obras turcas mais influentes do século XX — *“Tutunamayanlar”*, de Oğuz Atay — nunca fora traduzida para o inglês. Um dos motivos, segundo o autor seria:

as escolhas que editores fazem, muita das vezes baseadas em fatores comerciais, ou seja, em temas que enfocam um estereótipo tipicamente turco, como de conflitos étnicos, o papel da mulher na Turquia, o Islã e a dicotomia Ocidente versus Oriente os “cega” para autores que tratam de temas mais universais (Pinto, 2013, p. 301).

A perpetuação do estereótipo ocidental de uma cultura tipicamente oriental seria,

portanto, um dos principais motivos da não publicação de uma obra importante dentro do cenário da literatura mundial.

É visto, com base nas situações retratadas, que as traduções indiretas e as línguas utilizadas como intermédio podem atuar como fortes agentes políticos nas manutenções de culturas dominantes e dominadas, principalmente por meio do mercado editorial. As produções analisadas que abordam línguas minoritárias podem demonstrar que estas línguas estão inseridas de certa forma no meio acadêmico, porém relacionadas com traduções indiretas, algo que reforça a ideia da ainda necessária intermediação por línguas francas devido ao ainda altamente presente afastamento cultural atrelado a estas produções.

Além da variedade linguística presente nos trabalhos analisados, vale salientar também a variedade de obras distintas que são temas das produções acadêmicas que compõem o escopo desta pesquisa. Como esperado, existem diversas análises de obras já canonizadas na literatura mundial, com autores como Shakespeare, Dostoiévski e Franz Kafka, porém algo que chama a atenção é a presença no corpus de estudos que fogem da literatura como mídia. Têm-se Pimentel (2020) falando sobre teatro; Cordeiro (2020) e Cintas, Sánchez e Moura (2021) falando sobre traduções de legendas de *animes* japoneses; e Santos (2022b) com a tradução do jogo eletrônico “*Metal Gear Solid 3*”, também de origem japonesa.

Apesar de diferentes entre si, as pesquisas citadas acima compartilham o fato de mencionarem o termo “tradução indireta” no corpo de seus textos e de trabalharem com língua de baixa circulação, como o sânscrito e o japonês. Além disso, dois destes trabalhos são traduções comentadas — ambas utilizando o inglês como língua de intermédio —, sendo eles os textos de Pimentel (2020) e Santos (2022b). Pode ser apontada ainda, uma semelhança na motivação destas traduções, Citando Pimentel:

O projeto que apresentamos aqui tem como principal objetivo traduzir esta obra para o português do Brasil. O público-alvo da tradução é composto por estudantes e professores de artes performáticas e por todos aqueles que têm interesse em estudar e pesquisar sobre artes performáticas e cultura hindu (Pimentel, 2020, p. 86).

E, segundo Santos:

Além disso, precisamos considerar jogos mais antigos que nunca receberam uma tradução. Alguns deles são considerados clássicos e são jogados até hoje, entretanto algumas pessoas precisam lidar com as barreiras criadas pelo idioma que não sabem falar. Quando isso ocorre, os jogadores geralmente recorrem a Internet para ajuda, seja ela em forma de dicas escritas por outros jogadores, vídeos de traduções feitas por fãs em mídias sociais como o YouTube ou, mais raramente, em traduções feitas modificando diretamente o código do jogo, que a comunidade de jogadores de videogames costuma chamar de fan patches ou fan mods (como os nomes sugerem, são desenvolvidos por fãs) (Santos, 2022b, p. 5).

Em ambos os casos, têm-se uma tradução justificada por se oportunizar a

disponibilização daquela obra para nichos específicos de públicos que não dominam a língua em que o produto foi idealizado originalmente e nem a língua inglesa, necessitando assim de uma tradução para o português. No caso de Pimentel (2020) a tradução teria um caráter ainda mais importante, pois:

A tradução, como produto final, servirá como base para pesquisas teórico-práticas no âmbito de um projeto intitulado *Arqueologia da Dança - Índia Antiga* coordenado pelo Professor Doutor Roberto Eizemberg e desenvolvido atualmente no Departamento de Artes Corporais do curso de Dança da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Servirá, igualmente, como base para pesquisas teórico-práticas no âmbito de um outro projeto intitulado *Filogenia das Danças Clássicas Indianas* desenvolvido no Museu Nacional da mesma universidade (Pimentel, 2020, p. 86).

Com base nas duas situações expostas, pode ser verificado o caráter da tradução indireta como democratizadora do acesso no Brasil a obras de diferentes origens que nunca foram traduzidas para o português, pois o intermédio tornou possível não só a tradução destas obras, mas também a sua análise para fins acadêmicos, gerando uma possibilidade de expandir a discussão envolvendo diferentes mídias que não a literatura. Sobre esta característica das traduções como facilitadoras do acesso a obras tidas como distantes, Britto (2012, p. 153) comenta: “O mundo está cheio de leitores interessados em obras escritas em idiomas que eles desconhecem. Como tradutores nossa tarefa é aproximar esses leitores tanto quanto possível dessas obras”. E esta tarefa continua sendo a mesma, ainda que traduzindo indiretamente.

A respeito da questão da tradução indireta como meio de compartilhamento de obras afastadas do Brasil por razões linguísticas, pode ser válido trazer para esta análise alguns trabalhos do corpus de ocorrências transversais em que esta questão fica evidente.

Nas produções de Silva (2019) e Sousa (2016), é mencionado que Bakhtin e outros autores russos que trataram sobre a teoria dialógica da linguagem chegaram ao Brasil através de traduções indiretas, recebendo apenas mais recentemente traduções diretas (Silva, 2019); a popular obra “A Metamorfose”, de Franz Kafka, chegou ao Brasil em 1956, através de uma tradução indireta feita por Breno Silveira com intermédio de uma tradução inglesa, sendo traduzido de maneira direta do alemão apenas em 1985, quase vinte anos depois do seu lançamento original no país, por Modesto Carone (Macedo, 2016); Park (2019), ao falar sobre obras coreanas traduzidas no Brasil, menciona que dos livros analisados na sua pesquisa, pelo menos a metade chegou ao Brasil de maneira indireta; o clássico árabe “Ali Babá e os quarenta ladrões” chegou ao Brasil por meio de tradução indireta em 1961, realizada por Nair Lacerda e Domingos Carvalho da Silva com intermédio de uma tradução inglesa feita por Burton (Costa, 2020).

Com base nas informações trazidas acima e considerando a expansão literária no Brasil

iniciada nos anos 1930 com o surgimento das primeiras grandes editoras nacionais (Bianchi, 2021), pode-se deduzir que a utilização das traduções indiretas abriu o caminho para que obras já canonizadas no restante do mundo pudessem vir para o país, visto que traduções diretas das mesmas obras só passaram a surgir muito tempo depois. Apesar das diferenças linguísticas gerarem uma possibilidade de desvios dos originais, a vinda de muitas obras e autores se fez possível pela intermediação de línguas já consolidadas — no caso do Brasil, a língua francesa e inglesa — como comenta Bianchi em seu trabalho sobre a tradução da obra “A Dócil”, de Dostoiévski:

E à medida do surgimento de novas gerações de tradutores e pesquisadores da literatura russa no Brasil, nossa tendência foi sendo cada vez mais de torcer o nariz para as versões realizadas a partir de uma língua de permeio, que, aliás, estão praticamente deixando de existir. No entanto, não obstante os expedientes utilizados e todos os inconvenientes que esse processo possa ter apresentado, ele cumpriu um papel essencial para a divulgação dos escritores russos principalmente entre os leitores de países periféricos, como o nosso. E mesmo nos casos em que não podia proporcionar um conhecimento do que havia de mais “característico”, de “verdadeiramente artístico” nestes escritores, ao me nos obsequiou com a concepção estética de suas narrativas todos aqueles que não conheciam o idioma russo e só assim puderam ter acesso às suas obras (Bianchi, 2021, p. 203).

Park (2019), por sua vez, comenta sobre o atual interesse nacional em traduções diretas, trazendo um comparativo com a literatura portuguesa, mencionando:

Um ponto interessante é que todas as edições portuguesas (5) são traduções indiretas, refletindo o rigor do que se pode chamar de escola brasileira de tradução, avessa a traduções indiretas, certamente uma tradição conquistada através de décadas de práticas e teorizações de extrema sofisticação e rigor acadêmico praticadas por tradutores brasileiros (Park, 2019, p. 9).

A situação mencionada por Park pode ser evidenciada pela quantidade de produções em que se realiza um comparativo entre traduções diretas e indiretas de determinadas obras. Têm-se, por exemplo, o trabalho de Zwick (2021) em que se avalia a tradução da obra norueguesa “*Sult*”, realizada por Carlos Drummond de Andrade em 1971 com intermédio de uma tradução francesa. Além de comentar sobre desvios do original para a tradução, os autores trazem também uma tradução alternativa das primeiras partes da obra, feita de uma maneira direta, justificando suas escolhas tradutórias. Há ainda o trabalho de Castro (2016) em que o caminho reverso é feito: a língua portuguesa é utilizada como intermédio para traduzir cantos xamânicos dos povos Marubo (localizados na fronteira entre Brasil e Peru) para o espanhol. A autora comenta sobre o processo e a dificuldade de se traduzir um conjunto linguístico tão complexo e poético, visto a rica cultura indígena da região, para uma língua tão afastada culturalmente.

Um ponto que chamou a atenção nestes trabalhos foi a postura de muitos autores em

relação à tradução indireta, não a taxando negativamente, mas adotando um caráter descritivo nas pesquisas, abstendo-se de julgar uma ou outra tradução como pior ou melhor. Para ilustrar, pode ser trazido aqui um comentário de Zwick ao elaborar sobre traduções diretas e indiretas:

Não há dúvida de que as traduções indiretas podem contribuir imensamente para a difusão de determinado autor que, de outro modo, talvez jamais tivesse leitores em certos idiomas não houvesse editores e tradutores recorrido a esse expediente. Por outro lado, também é certo que a existência de estações intermediárias na passagem de um texto a outro idioma aumenta a possibilidade da ocorrência de distorções na prosa de um autor [...] (Zwick, 2021, p. 32).

Um outro trabalho que chama atenção dentro do aspecto levantado anteriormente é o de Alves (2013), que trata sobre a crítica da tradução no Brasil, mais especificamente, sobre o trabalho dos críticos Agenor Soares de Moura e Gabriel Perissé. Apesar do foco na crítica da tradução em si, o trabalho conta com opiniões distintas das duas figuras centrais do texto sobre tradução indireta. Moura, na sua figura de crítico de traduções, se mostra contrário à prática, afirmando que estas seriam “desnatadas e dessoradas”, um texto que nem o próprio autor original reconheceria como sendo dele caso lesse uma destas traduções (Alves, 2013). Em um contraponto, Perissé considera as traduções indiretas como legítimas, desde que feitas com zelo e de maneira transparente (Alves, 2013).

Esse fomento à discussão pode ser verificado também em Américo e Barbosa (2018), que ao comentarem sobre as primeiras traduções tanto direta quanto indireta da obra “Crime e Castigo”, clássico de Dostoiévski, traz:

Existem divergências de opiniões quanto à tradução indireta. Alguns estudiosos da tradução, por exemplo, o tradutor Geir Campos, posicionam-se de forma mais severa quanto a essa modalidade [...] Os teóricos da tradução Annie Brisset (2000) e Clifford Landers (2001), assim como Rónai, apontam para o fato de que as traduções indiretas desempenham papel importante na difusão de várias obras da literatura mundial que poderiam ter permanecido desconhecidas, não fosse por essa modalidade de tradução, já que nem sempre existem profissionais capazes de verter a obra diretamente da língua original por falta de conhecimento da língua do texto original (Américo; Barbosa, 2018, p. 356).

Tanaka (2018), porém, é um pouco mais taxativo na sua comparação entre a tradução direta e indireta da obra “*Kinkakuji*”, mencionando:

Não se pretende julgar a superioridade ou inferioridade de uma das versões, mas sim comparar as duas, avaliando se a tradução direta ou indireta influenciaria na transmissão do significado, ou seja, sobre a hipótese de que a versão indireta prejudicaria a manutenção da equivalência, sendo assim, sempre preferível ser realizada a tradução direta, ou, de que a tradução direta seria mais eficaz do que a indireta, quando considerarmos a manutenção da equivalência como finalidade da tradução (Tanaka, 2018, p. 14).

Ao estabelecer-se um modelo de análise com parâmetros comparativos para as traduções

avaliadas nos trabalhos, os pesquisadores conseguem examinar de maneira mais criteriosa estas traduções, identificando padrões nas traduções diretas e indiretas de determinadas línguas. Dentro das produções verificadas, o modelo mais comum de estudo foi o cotejo, colocando as traduções diretas, indiretas e o texto original lado a lado para efeitos de comparação. Com este modelo de análise se faz possível, por exemplo, determinar como a maneira de traduzir dos franceses alterou as primeiras obras russas que vieram ao Brasil com intermédio desta língua, além de permitir refletir sobre os costumes franceses em si, que por muitas vezes omitiam e alteravam palavras e trechos de obras que não consideravam “morais”, no popular movimento tradutório das *belles infidèles*. Pode ser verificado também — apesar de muitas vezes menores — alterações de sentido em traduções diretas, principalmente em línguas com estruturas diferentes do português, como a língua japonesa e a russa. Lambert e Van Gorp, ao tratar sobre a análise teórica de tradução com base na teoria de sistema tradutório, comentam sobre a importância de se estabelecer critérios nas análises de um estudo, dizendo:

A principal vantagem do esquema é que ele nos permite ignorar um número de ideias tradicionais profundamente enraizadas relativas à “fidelidade” e até mesmo à “qualidade” tradutória (uma determinada tradução é boa ou ruim?), as quais essencialmente priorizam o texto-fonte e inevitavelmente são normativas.³⁷ (Lambert; Van Gorp, 2011, p. 212).

Indo além das produções que oferecem uma comparação entre traduções indiretas e outras traduções, chama a atenção também, assim como no caso dos textos em que a tradução indireta aparecia nos títulos, a diversidade de gêneros de materiais encontrados para o corpus em que ela surge transversalmente, nem sempre se colocando a tradução indireta como um dos assuntos norteadores do trabalho, mas mencionando-a em algum momento do texto. Dentro das quarenta produções estudadas, têm-se: 24 artigos; cinco dissertações; quatro entrevistas; quatro trabalhos de conclusão de curso; duas teses; um (1) prefácio.

Esta variedade demonstra que, apesar das hipóteses iniciais, a tradução indireta está presente em diversas frentes acadêmicas, aparecendo em todos os níveis da formação superior, indo dos cursos de graduação até o doutorado. É singular também o fato dos termos “tradução indireta” e “traduções indiretas” aparecerem em trabalhos que fogem da área dos estudos acadêmicos sobre a tradução em si. É o caso, por exemplo, do trabalho de Sousa (2016) que aborda a conceituação de pontuação por professores dos anos iniciais. Também é o caso do prefácio de Ferreira (2022), que, apesar de falar sobre normas tradutórias, ainda é excepcionalmente um texto sobre literatura comparada e geopolítica.

³⁷ Trad.: Marie-Hélène C. Torres e Lincoln P. Fernandes.

Mesmo que o prefácio de Ferreira não seja pontualmente sobre tradução indireta, ainda assim ele traz uma discussão válida sobre esta temática. Ao falar sobre a teorização de literaturas mundiais e quais fatores decidem o que pode ser canonizado ou não, Ferreira menciona a importância que autores como Toury e Even-Zohar tiveram para os Estudos da Tradução, justamente pela questão das normas que regem o que é aceitável ou não dentro das traduções em determinados lugares e épocas históricas (Ferreira, 2022). O autor traz então o exemplo da tradução indireta, indicando que no Brasil, atualmente, tem se dado preferência para as traduções diretas, enquanto em países como Portugal a norma é sempre traduzir indiretamente textos de origens não europeias, como já havia sido comentado por Park (2019) anteriormente nesta pesquisa.

Dada a variedade de gêneros de produções acadêmicas encontradas, pode ser observado que alguns trabalhos não trazem apenas uma discussão superficial sobre a temática da tradução indireta, como a menção da presença transversal do termo poderia erroneamente implicar, mas sim vários estudos aprofundados em que o tema muitas vezes pauta grande parte do trabalho. Pode ser trazido aqui, como exemplo, o trabalho de Oliveira (2014), em que a discussão sobre tradução direta e indireta é exposta a fim de se discutir possíveis perdas nas traduções brasileiras da obra shakespeariana “Sonhos de uma noite de verão”. Também pode ser mencionado o texto de Pessoa (2019), em que se propõe uma discussão entre o conceito de retradução e de tradução indireta.

Neste último, Pessoa (2019) — comentando sobre a manutenção da relevância histórica de obras através de suas traduções — cita que antes das legislações sobre direitos autorais se tornarem tão presentes, muitos autores traduziam obras de outros autores, mas as vendiam como sendo materiais originais, não como traduções. Estas traduções então, ao serem traduzidas para outras línguas devido ao status que alcançavam por muitas vezes serem produzidas por grandes escritores, se tornavam traduções indiretas, justamente por utilizarem esse material tido como obra original como intermédio (Pessoa, 2019). Este pensamento pode contrastar com a maneira como se utilizam as traduções indiretas atualmente. Como aponta Pessoa (2019, p. 26):

Tal tipo de tradução se mantém como uma prática comum e muitas vezes necessária até os dias de hoje [...] na falta de tradutores que trabalhem com duas línguas específicas e que, mais, estejam aptos ou predispostos para traduzir literatura escrita em línguas distantes daquela à qual devem verter, editoras não veem alternativa senão optar por traduções indiretas.

Em seu artigo, Oliveira (2014), também traz contrastes, comentando sobre a aceitação da tradução indireta dentro da área tradutória. Algo que particularmente chama a atenção no trabalho de Oliveira é o fato dele citar autores que já apareceram nesta pesquisa e que escrevem

sobre Tradução Indireta, como Cruz (2007) e Accácio (2010). Este fenômeno pode demonstrar que existe uma subárea sendo nacionalmente construída nos Estudos da Tradução tratando sobre a tradução indireta, em que diferentes autores estão cientes dos trabalhos um dos outros, se leem e se citam.

Ao apresentar contrastes, tanto no que se refere à utilização da tradução indireta em períodos distintos da história quanto na sua aceitação, os pesquisadores contribuem para a discussão do tema, podendo possibilitar uma melhor conceituação da tradução indireta, além de oportunizar também uma verificação de como este fenômeno se deu através da história. Por isso a importância de a tradução indireta aparecer em diferentes frentes acadêmicas, para que o seu papel, tanto na área da tradução quanto na sociedade em si, possa ser mais bem compreendido e estigmas já existentes possam ser eliminados.

Dado o variado número de produções que abordam a tradução indireta em algum ponto de seus textos, pode ser válido abordar aquelas que tratam especialmente sobre o tradutor como indivíduo, visto que se observou um número considerável de entrevistas com pessoas que atuam na área da tradução. São estas: o trabalho de Magalhães (2021) entrevistando a tradutora e pesquisadora Denise Regina de Sales; Silva-Reis e Amorim (2016) entrevistando Marcos Marcionilo, tradutor e sócio editor da editora Parábola; Rossi e Oliveira (2021) em entrevista com o poeta e tradutor de obras russas Oleg Almeida; Nunes e Tino (2015) entrevistando o professor e tradutor Álvaro Faleiros.

Das quatro entrevistas mencionadas, a tradução indireta é pauta em três delas, sendo duas destas entrevistas sobre a tradução de obras russas no Brasil, historicamente intermediadas pelo francês, até uma crescente valorização de traduções diretas do russo que se iniciou com a publicação de “Crime e castigo”, de Dostoiévski, em 2001 traduzido por Paulo Bezerra (Branco; Magalhães, 2021). Quando perguntado para Denise Regina de Sales se esta já havia feito traduções indiretas, ela responde trazendo alguns questionamentos sobre a prática no Brasil, citando:

Do ponto de vista dos Estudos da Tradução, a tradução indireta é um fenômeno comum. Segundo Gideon Toury, para entender esse fenômeno, devemos nos perguntar qual é o grau de tolerância de determinada sociedade, em determinado momento histórico, em relação à tradução indireta. Ela é aceita ou não? A informação de que a tradução foi feita indiretamente tem de ser fornecida ou não? Quais línguas são consideradas fontes legítimas para a tradução indireta? No Brasil, hoje, aceitaríamos, por exemplo, traduzir do russo um romance escrito em inglês? (Branco; Magalhães, 2021, p. 11).

Os questionamentos trazidos pela entrevistada são pertinentes no que tange a relação das editoras com obras traduzidas, em especial quando levantado o ponto da tradução oposta:

uma obra em inglês traduzida com intermédio do russo. Apesar de soar como um simples questionamento, esta pergunta pode trazer à tona uma discussão presente sobre como são vistas as línguas de baixa circulação em detrimento de línguas francas, como é o caso do inglês. O que justificaria a tradução de uma obra intermediada por uma língua tão diferente da original? Por que não se traduzir diretamente, eliminando assim possíveis perdas de conteúdos devido ao afastamento linguístico? Schnaiderman, tradutor do russo, trata sobre este afastamento em seu livro, ao falar sobre as suas primeiras traduções que não considerava mais adequadas, dizendo:

Quando o primeiro destes textos saiu, eu já estava tomando consciência das asperezas do caminho que passara a percorrer. Mas, para minha grande surpresa, a crítica o cobriu de confetes, de elogios superficiais, como “texto digno do original”, embora devido ao afastamento linguístico, ninguém, ou quase ninguém, pudesse orientar o público sobre o que seriam esses originais (Schnaiderman, 2015, p. 16).

O baixo número de pessoas que dominam o russo acaba alterando as demandas de traduções com base nesta língua. Esta situação é abordada no trabalho de Rossi e Oliveira (2021) em que o entrevistado Oleg Almeida comenta:

Os imigrantes russos não vieram em massa radicar-se no Brasil, como o fizeram, por exemplo, os expatriados italianos alemães e portugueses [...] destarte, o primeiro curso regular do vernáculo russo, o do professor Boris Schnaiderman, foi implantado, em São Paulo, somente na década de 1960 e levou anos para ganhar corpo. Até hoje em dia, apesar de o ensino acadêmico do russo ter feito avanços espetaculares, não é nada fácil encontrarmos, pelo Brasil afora, um bom tradutor deste enigmático idioma (Rossi; Oliveira, 2021, p. 111).

Oleg Almeida corrobora o que Schnaiderman afirma acima quando fala sobre as traduções indiretas, colocando que as traduções de obras russas para o português, intermediadas pelo francês, descaracterizam estas obras, permitindo aos brasileiros conhecerem os conteúdos dos principais autores russos, porém sem conseguir identificar a sua essência literária que os torna tão particulares e lhes permitiu ser canonizados na literatura mundial (Rossi; Oliveira, 2021). O pensamento é semelhante ao de Marcos Marcionilo, que ao ser perguntado sobre a prática da tradução indireta por Silva-Reis e Amorim (2016), responde:

Traduções indiretas deveriam ser proibidas por lei. Como não o são, vigoraram por tempo demais, causando prejuízos à difusão e apreensão de ideias. Ainda bem que estamos deixando para trás esse tremendo equívoco com seus efeitos deletérios para a cultura e o saber [...] Editoras que ainda perpetraram traduções indiretas e plágios de traduções, especialmente de obras da literatura universal, deveriam ser cassadas, se isso fosse possível. Na ausência disso, a prática deve ser denunciada para que os leitores de cidam se lerão essas contrafações ou se buscarão antes ver se há traduções diretas e confiáveis disponíveis (Silva-Reis; Amorim, 2016, p. 233).

Para Marcionilo, uma tradução indireta só se justificaria se esta trouxesse contribuições acadêmicas para a discussão da obra traduzida, ao passar pela intermediação de uma terceira

língua. Este pensamento, vindo do sócio editor de uma editora, pode destoar do pensamento geral da indústria em outras localidades, em que se opta pelas traduções feitas de maneira indireta, visto que estas são mais baratas, apesar de muitos leitores atualmente valorizarem uma tradução direta. Talvez, muitos tradutores que usam uma língua intermediadora para traduzir línguas distantes entendam os possíveis desvios gerados pelas traduções indiretas, mas as fazem pelas necessidades da indústria literária, pois, como afirma Schnaiderman (2015, p. 44): “O tradutor fica sempre sujeito às pressões do meio, sobretudo as pressões de quem controla a difusão dos livros”.

Esta questão da relação mercadológica com as traduções indiretas pode ser verificada no trabalho de Inacio (2016). Ao analisar paratextos das traduções brasileiras da obra “Pinóquio”, de Carlo Collodi, o autor indica que uma tradução do livro, publicada em 2015, omitiu o fato de ser indireta. Conforme aponta Inacio (2016, p. 180):

De acordo com a análise a partir dos paratextos, algumas questões relacionadas à tradução chamam a nossa atenção, como por exemplo, o fato de acreditarmos que esta é uma tradução indireta feita por meio da língua inglesa, apesar de ser anunciado na contracapa que se trata de uma tradução feita diretamente do italiano, pois são muitas as informações que atestam a nossa crença, e supomos deste modo que o texto traduzido direto do “original em italiano” seja o texto inglês publicado pela editora Andersen Press, e não o da Martins Fontes. Outro ponto pertinente é o fato de o nome da tradutora aparecer ligeiramente dentro do livro, isto é, não há informações a seu respeito, mas por outro lado, têm-se informações do tradutor inglês Geoffrey Brock, as quais são passadas por meio da nota presente na introdução de Umberto Eco.

Um dos motivos que poderia explicar essa omissão é justamente o fato da tradução indireta ser malvista no mercado editorial nacional, muitas vezes por se julgar que estas não seriam tão “fiéis”. Tanto o comentário de Marcionilo quanto o de Inácio talvez possam demonstrar que existe um grande tabu dentro das editoras para falarem sobre as traduções indiretas, o que poderia justificar o fato de nenhuma das grandes editoras brasileiras terem retornado o contato quando esta pesquisa buscou entender as suas relações com esta forma de se traduzir.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das informações apresentadas no capítulo anterior, tanto nas análises dos materiais que utilizavam o termo “tradução indireta” ou “traduções indiretas” no seu título, quanto daqueles que apresentavam um destes termos no corpo do seu texto, pode-se refletir sobre algumas situações que concernem a tradução indireta e auxiliam no estabelecimento de um estado da arte da temática na academia brasileira atual, além de permitir vislumbrar caminhos para pesquisas vindouras.

Apesar da hipótese inicial de que a tradução indireta não seria vista com bons olhos pelos pesquisadores, o que se verificou é que a maioria dos autores não a julgam como um mal dentro da área tradutória, inclusive reconhecendo o seu potencial em tornar acessível materiais de línguas afastadas da cultura nacional, como foi demonstrado por autores como Park (2019), ao discorrer sobre a tradução de obras coreanas no Brasil. Como aponta o trabalho de Villela (2018) grandes autores e tradutores brasileiros, como Rónai e Holanda chegaram a utilizar traduções indiretas para verter contos de diferentes origens culturais e linguísticas, criando assim a coletânea “Mar de Histórias”. Segundo o autor, 15% dos contos presentes na coletânea foram traduzidos de maneira indireta por Paulo Rónai, Aurélio Buarque de Holanda e outros colaboradores (Villela, 2018), podendo demonstrar assim a validade deste tipo de tradução.

Tratando de uma visão estritamente negativa da tradução indireta, verificou-se este posicionamento em seis dos trabalhos que compõe o escopo desta pesquisa, em meio aos 52 materiais analisados. Este resultado é diferente do que se esperava no início da pesquisa e pode demonstrar que existe um amadurecimento nas perspectivas que concernem a tradução indireta, como aponta o trabalho mais antigo desta pesquisa, datando do ano de 2007, em que Cruz já sugeria uma análise mais justa das traduções indiretas em que elas não fossem tidas como inferiores às traduções diretas. Esta mudança de paradigma pode indicar ainda que os Estudos Descritivos da Tradução estão avançando no cenário nacional, mesmo que de forma ainda tímida, visto que diferentes temáticas estão sendo colocadas em foco em pesquisas acadêmicas sem carregar estigmas preexistentes.

Com relação aos aspectos tidos como negativos da tradução indireta, o ponto mais citado pelos autores analisados foi a questão da perda de conteúdos que se daria quando a tradução do texto fonte passa pelo intermédio de um terceiro texto em uma terceira língua, algo que poderia prejudicar a experiência de um leitor que gostaria de ver presente na tradução características próprias do autor original da obra. Existiria então uma busca atual por traduções diretas, por essas supostamente reproduzirem mais fielmente a estilística de cada autor. Esta recente busca

por traduções diretas em um cenário nacional destoaria de países como Portugal, em que a tradução direta é praticamente uma norma tradutória a ser adotada quando se vertem literaturas que não de origem europeia, conforme já apontaram autores como Park (2019) e Ferreira (2022), citados anteriormente nesta pesquisa.

Vale apontar que se notou no corpus levantado como um todo um certo revisionismo histórico das traduções russas, que por muito tempo chegaram ao Brasil através do intermédio de traduções francesas, mas que recentemente, através de tradutores como Boris Schnaiderman, passaram a ganhar traduções diretas para o português brasileiro. Ao longo desta pesquisa se verificou um número considerável de produções em que a temática envolvia o histórico destas traduções, algumas vezes desenvolvendo comparativos entre as traduções diretas e indiretas de obras de autores consagrados, como Dostoiévski. Mesmo em trabalhos que ofereciam comparações, porém, se averiguou uma postura neutra dos pesquisadores, não sendo taxativos ao classificar uma ou outra tradução como sendo melhor ou definitiva, mas destacando diferenças substanciais entre elas.

Este tipo de posicionamento da área acadêmica em relação à tradução indireta demonstra que existe um progresso significativo na eliminação dos estigmas que por muito tempo permearam este modo de traduzir. Este fato permite uma maior teorização futura acerca das traduções indiretas no Brasil, tendo como ponto de vista diversas obras e períodos históricos, oferecendo um panorama maior para que este fenômeno possa ser estudado de uma forma mais ampla.

Chama atenção dentro dos materiais buscados o fato de mais da metade dos textos serem pesquisas relativamente recentes, sendo vinte e seis (26) estudos realizados a partir do ano de 2017. Mesmo que este levantamento não tenha levado em consideração as pesquisas realizadas em 2023, ainda assim fica evidente um interesse atual na temática. Esta possibilidade de um crescimento da tradução indireta como subárea de pesquisa fica ainda mais clara quando se observa que, dentro dos materiais coletados, a temática aparece em todas as frentes acadêmicas, passando pelos níveis da graduação, mestrado e doutorado. Somando entre os trabalhos em que os termos “tradução indireta” e “traduções indiretas” aparecem no título ou no corpo do texto, têm-se: duas teses de doutorado, oito trabalhos de conclusão de curso e oito dissertações de mestrado.

Outro fato que pode demonstrar que os pesquisadores voltados aos Estudos da Tradução estão cada vez mais interessados na subárea da tradução indireta foi a ocorrência do tema em diversas entrevistas que faziam parte do corpus desta pesquisa. Das quatro entrevistas mencionadas, a tradução indireta foi temática direta de perguntas em três delas, atestando assim

que esta temática fomenta uma série de discussões, principalmente no que se refere a tradutores que trabalham com línguas afastadas do português, como os entrevistados que traduzem do russo.

Vale ser destacado, porém, que apesar de estar mais presente na área acadêmica dos Estudos da Tradução, ainda podem ser consideradas escassas as tentativas nacionais de se teorizar a tradução indireta. Mesmo que o escopo desta pesquisa conte com doze (12) trabalhos em que a tradução indireta aparece como temática principal por constar no título destas pesquisas, e sendo um dos assuntos chave em dezenove (19) dos quarenta (40) trabalhos em que a tradução indireta é mencionada apenas no corpo do texto, ainda assim são poucas as tentativas de teorizá-la. Verificou-se que nos trabalhos onde foi dedicado um espaço para falar sobre a tradução indireta, ela foi apenas contextualizada, sendo definida em grande parte deles apenas como sendo “a tradução de uma tradução”. Ainda dentro das pesquisas analisadas, percebeu-se discussões no que se refere à utilização da tradução indireta, bem como comparativos com traduções diretas e possíveis consequências de se traduzir indiretamente, mas uma teorização em nível nacional ainda parece ser pouco considerada.

Com relação às limitações do estudo, o primeiro ponto a ser destacado aqui é o que se refere à busca de materiais para a análise promovida nesta pesquisa. Notou-se uma certa limitação na busca dos termos “tradução indireta” e “traduções indiretas” utilizando a ferramenta do Google Acadêmico, principalmente quando esta busca era referente às produções em que os termos constavam no título do texto, tendo assim a tradução indireta como temática principal. Para melhor elucidar esta questão, pode ser citado aqui o trabalho de Pessoa (2019), cujo título é “No Apagar das Luzes da Antigonick de Anne Carson: considerações sobre retraduições e traduções (in)diretas”. Ao ser colocado o prefixo “in” entre parênteses, o trabalho acabou não aparecendo na pesquisa em que se buscava os termos no título, vindo à tona posteriormente por conter “tradução indireta” no corpo do texto. Uma questão similar aconteceu no trabalho de Américo e Barbosa (2018), em que no título — “Crime e Castigo em Reflexos: uma análise comparativa das traduções direta e indireta” — se separou “traduções” e “indireta”, não entrando também nos critérios de busca feitas no Google Acadêmico, onde os termos deveriam aparecer juntos. Também no trabalho “As Traduções Indireta e Direta de *Kinkakuji*, de Yukio Mishima, para a língua portuguesa”, o buscador não considerou o termo por apresentar “traduções” no plural e “indireta” no singular.

Além disso, o número de materiais encontrados no Google Acadêmico ao se buscar os termos presentes no corpo do texto das produções foi relativamente maior do que o esperado,

não sendo possível analisar as produções na sua totalidade dentro do espaço de tempo desta dissertação.

Durante o andamento desta pesquisa não foram obtidos resultados lidando com a tradução indireta em associação com o ensino, seja de língua estrangeira ou de tradução. O fato de a tradução indireta, talvez por ser envolta em tabus, ainda ser em especial pouco abordada em sala de aula e nas formações de tradutores, acaba limitando o seu conceito e perpetuando o preconceito de sua prática para tradutores e pesquisadores da área.

Um dos possíveis caminhos para a maior popularização da tradução indireta seria conduzir entrevistas com tradutores profissionais, como as analisadas neste trabalho, porém com uma abordagem mais sistemática tratando especificamente sobre tradução indireta. Os estudos poderiam adotar inicialmente um caráter mais quantitativo, objetivando um panorama geral sobre o tema e, posteriormente, adotando questionários com aspectos mais qualitativos, justamente a fim de questionar os entrevistados acerca das suas perspectivas sobre a tradução indireta.

Um outro meio para uma melhor compreensão da tradução indireta seria a condução de estudos sobre a prática em diferentes mídias e gêneros literários. Durante as análises conduzidas nesta pesquisa se verificou uma quantidade razoável de trabalhos sobre literatura — principalmente de obras e autores já canonizados — em que a tradução indireta era abordada, porém trabalhos como os de Pimentel (2020) e Santos (2022b) demonstraram que este método de tradução está presente também em outras mídias, como os jogos eletrônicos e o teatro. As plataformas de *streaming* também atestam o quanto a tradução indireta tem se tornado prática profissional relativamente comum. Ao serem conduzidas pesquisas com focos nestas diferentes mídias, seria possível ter um quadro maior de como a tradução indireta ocorre no país, contribuindo para a discussão de questões como: quais culturas estão chegando ao Brasil por meio da tradução indireta? Quais línguas são utilizadas como intermédio para estas traduções? Quem são os sujeitos envolvidos nestas traduções? A inteligência artificial interfere de alguma forma nestas traduções? Como diferentes indústrias, que não a literária, lidam com traduções indiretas?

Estes estudos não necessitariam fugir totalmente do campo literário, podendo também abordar diferentes gêneros que não apenas os clássicos, como por exemplo a literatura infanto-juvenil, que possui um grande apelo comercial atualmente. Ainda dentro deste aspecto, uma alternativa para um melhor entendimento da tradução indireta no Brasil, seria a condução de estudos com leitores não profissionais — seguindo o conceito trazido por Lefevere (1992) — para verificar as suas percepções sobre traduções indiretas. Estas pesquisas realizariam

comparativos entre a recepção de traduções diretas e indiretas da mesma obra pelo mesmo leitor, a fim de entender questões como as alterações de conteúdo nas duas traduções e se os possíveis desvios causados pela intermediação de uma terceira língua nas traduções indiretas seriam percebidos por um leitor que não possui uma visão acadêmica sobre aquela obra. Os caminhos indicados são apenas alguns dos vários meios pelos quais os Estudos da Tradução indireta poderiam se expandir dentro da área acadêmica dos Estudos da Tradução no Brasil.

Retomando as perguntas trazidas na apresentação desta pesquisa, apesar do espaço de tempo não permitir o desenvolvimento de um panorama completo sobre os estudos acadêmicos voltados à tradução indireta no Brasil, foram possíveis algumas reflexões sobre estes questionamentos, abrindo caminho para que possam ser mais bem desenvolvidos no futuro.

Inicialmente se perguntou sobre qual tipo de tradução indireta é praticada no Brasil, e o que se averiguou é que a tradução indireta ocorre na falta de domínio da língua original do material fonte, tendo que se recorrer a línguas de maior circulação. No que tange à posição que a tradução indireta ocupa nos Estudos da Tradução no Brasil, foi visto que, apesar da hipótese inicial indicar que esta subárea seria marginalizada dentro dos Estudos da Tradução, ela se faz presente em diferentes frentes acadêmicas e apresenta potencial de crescimento como temática de futuras pesquisas. Sobre a maneira como a tradução indireta é tratada dentro da área, ainda que malvista por alguns pesquisadores, já se abrem discussões sobre o seu papel na sociedade e na literatura nacional, mesmo que ainda trabalhada em comparativos com traduções diretas em diversos casos. Sobre a sua conceituação, foi verificado um certo padrão em conceituá-la como sendo “a tradução de uma tradução”, com diversos autores trazendo contextualizações semelhantes sobre a tradução indireta em seus trabalhos.

Ao refletir-se sobre esta pesquisa, pode se concluir que o objetivo geral de mapear e analisar as produções acadêmicas sobre a subárea da tradução indireta nos Estudos da Tradução nacionais foi cumprido parcialmente, visto que o elevado número de pesquisas em que os termos “tradução indireta” e “traduções indiretas” apareciam no corpo do texto foi maior do que se esperava, não possibilitando a análise total em um tempo hábil. Dada esta circunstância, ainda assim considera-se que a pesquisa logrou êxito ao ter um panorama satisfatório sobre a tradução indireta no cenário acadêmico nacional, possibilitando trazer respostas significativas para as perguntas elencadas inicialmente. No que se refere aos objetivos específicos, a pesquisa obteve uma visão relevante dos pesquisadores da área sobre a temática, contemplando pouco mais de cinquenta pesquisadores dos Estudos da Tradução e de outras áreas. O número de materiais verificados também possibilitou uma contextualização positiva sobre a utilização da

tradução indireta do Brasil, bem como de quais tipos de obras passam por essas traduções, sendo elas em sua maioria produtos literários oriundos de línguas afastadas do português.

REFERÊNCIAS

- ABI-SÂMARA, Raquel; SCHMALTZ, Márcia. Tradução de Poesia entre Português e Chinês: pesquisa e catalogação historiográfica na universidade de Macau. **Cadernos de Literatura em Tradução**, n. 14, p. 49–60. São Paulo, 2013. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5388.i14p49-60>.
- ACCÁCIO, M. A. Tradução indireta: uma prática de divulgação e enriquecimento cultural. **Tradterm**, v. 16, 97–117, 2010. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2010.46313>.
- ALMEIDA, O.; ROSSI, A. H.; LELIS, S. Oleg Almeida discute traduções do russo para o português. **Caleidoscópico: literatura e tradução**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 109–116, 2017. DOI: [10.26512/caleidoscopio.v1i2.7101](https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v1i2.7101). Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/caleidoscopio/article/view/7101>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- ALVES, Regyane Botelho. A crítica de traduções no Brasil: um olhar sobre os trabalhos de Agenor Soares de Moura e Gabriel Perissé. **Revista Escrita**, Rio de Janeiro, n. 17, 2013. DOI: [10.17771/PUCRio.escrita.22355](https://doi.org/10.17771/PUCRio.escrita.22355).
- AMARAL, Regina Almeida; FERREIRA, Andressa Bezerra. O que dizem os paratextos de livros traduzidos? o caso de cinco obras publicadas na França com subvenção do programa de apoio à tradução e à publicação de autores brasileiros no exterior. **Revista Belas Infieis**, Brasília, v. 11, n. 1, p. 01–26, 2022. DOI: <https://doi.org/10.26512/belasinfieis.v11.n1.2022.37608>.
- AMÉRICO, Ekaterina V.; BARBOSA, Melisa T.S. Crime e castigo em reflexos: uma análise comparativa das traduções direta e indireta. **Cadernos de Literatura em Tradução**, v. 20, p. 353-369, 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5388.v0i20p353-369>.
- BARBOSA, Denise Cardoso. **A Recepção de Traduções de Psicanálise**: um estudo de caso das traduções do livro *el grafo del deseo* de alfredo eidelsztejn. 2019. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Línguas Estrangeiras aplicadas) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/27001>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- BASSNETT, Susan. **Estudos de tradução**: fundamentos de uma disciplina. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo, revisão de Ana Maria Chaves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/481150338/BASSNETT-Susan-Estudos-de-Traducao-pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- BELLOS, David. **Is That a Fish in Your Ear?** Translation and the Meaning of Everything. New York: Faber and Faber, 2011.
- BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de: Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini; revisão de Luana Ferreira de Freitas, Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Orlando Luiz de Araújo. Florianópolis: Copiart; PGET/UFSC, 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/566851487/A-Traducao-e-a-Letra-Ou-o-Albergue-Do-Longinquo-by-Antoine-Berman-Traducao-de-Marie-Helene-Torres-Mauri-Furlan-e-Andreia-Guerini-Z-lib-org>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BERMAN, Antoine. **A retradução como espaço da tradução**. Tradução de Clarissa Prado Marini e Marie-Hélène C. Torres. Florianópolis: PGET/UFSC, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2017v37n2p261>.

BIANCHI, Mária de Fátima. A propósito da tradução da novela *A Dócil*, de Dostoiévski. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 41, n. 2 p. 200–220, maio/ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2021.e7352>.

BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patricia. **Tradução e relações de poder**. Florianópolis: Ed. Copiart.; PGET/UFSC, 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/377094615/Rosvitha-Friesen-Blume-Patricia-Peterle-Organizadoras-Traducao-e-Relacoes-de-Poder>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BRANCO, Sinara de Oliveira; MAGALHÃES, Célia Maria. Sobre a Literatura Russa em Tradução no Brasil: entrevista com Denise Regina de Sales. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 01–14, 2021. DOI: <https://doi.org/10.26512/belasinfiéis.v10.n1.2021.34604>.

BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2012.

CAMPOS, Haroldo. **Da transcrição poética e semiótica da operação tradutora**. Belo Horizonte: FALE; UFMG, 2011.

CARVALHO, A. C. S. de. O conceito de analogia sob a ótica de Marco Terêncio Varrão. **Estudos Linguísticos**, São Paulo (1978), v. 42, n. 3, p. 1244–1253, 2013. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/928>. Acesso em: 10 jan. 2023.

CARDOZO, M. M. Mãos de segunda mão? Tradução (in)direta e a relação em questão. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 50, n. 2, p. 429–441, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-18132011000200012>.

CARLOS NETO, M. E. As políticas linguísticas e a questão da tradução de literatura japonesa para a língua inglesa: um projeto político-ideológico estadunidense. **Rónai: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios**, Juiz de Fora, v. 5, n. 1, p. 72–81, 2017. DOI: <https://doi.org/10.34019/2318-3446.2017.v5.23204>.

CARLUCCI, Bruno. **O Grande Cálculo**: ensaio sobre a tradução indireta de um texto budista tibetano. 2013. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/15965/1/2014_BrunoCarlucci.pdf. Acesso em: 10 jan. 2023.

CARLUCCI, Bruno. *Continuum Tradutório*: Considerações Sobre a Tradução Indireta de Textos Budistas Tibetanos Para o Português Brasileiro. **Transversal Revista em Tradução**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 54–70, 2016. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/transversal/article/view/20412/30864>. Acesso em: 10 jan. 2023.

CASTRO, Carolina Villada. **O Proliferar dos Outros**: Tradução e Xamanismo. 2016. 176 f. Dissertação (Mestrado em estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

CINTAS, Jorge Díaz; SÁNCHEZ, Pablo Muñoz; MOURA, William Henrique Cândido. Fansubs: tradução audiovisual em um ambiente amador. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 42, p. 01-26, e80264, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2022.e80264>.

CORDEIRO, Graciele de Paula Santos. **Investigando Estratégias de Tradução do Japonês**: um estudo de legendas oficiais e amadoras do animê One Piece. 2020. 218 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/7455>. Acesso em: 15 fev. 2023.

COSTA, Terezinha Sant’ana de Oliveira. Análise do Comportamento do Tradutor Automático Yandex em Tradução Indireta pós-editada de “La Critique Des Traductions” de Katharina Reiss: Limites e Possibilidades. 2020. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letra Tradução Francês) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/27996/1/2020_TerezinhaSantanaDeOlivieraCosta_tcc.pdf. Acesso em: 15 fev. 2023.

COSTA, Daniel Pacheco Padilha da. As Traduções e as Adaptações para o Inglês de Ali Babá e os Quarenta Ladrões nos séculos XVIII e XIX. **Ilha do Desterro**, v. 72, n. 2, p. 153–169, Florianópolis, maio/ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2019v72n2p153>

CRYSTAL, David. **English as a Global Language**. New York: Cambridge Press, 2003.

CUNHA, Andrei dos Santos; FERREIRA, Cinara Antunes. Hipóteses para uma poética em interface com a geopolítica. *In*: FERREIRA, Cinara; CUNHA, Andrei. **Mundopoética**: Geopolíticas do literário. Porto Alegre: Class, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213611/001117929.pdf?sequence=1>. Acesso em: 15 fev. 2023.

DOLLERUP, Cay. Relay and Support Translations. *In*: CHESTERMAN, Andrew; GALLARDO Natividad; Gambier Yves. **Translation in Context**: Selected Contributions from the EST Congress. Amsterdam: [s. n], 2000. p. 17–26. Disponível em: https://www.academia.edu/82101277/Andrew_Chesterman_Natividad_Gallardo_San_Salvador_Yves_Gambier_eds_Translation_in_Context_Selected_Contributions_from_the_EST_Congress_Granada_1998. Acesso em: 15 fev. 2023.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Teoria dos polissistemas. Tradução de Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. **Translatio**, v. 5, p. 21-21, 2013. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/translatio/article/view/42899>. Acesso em: 15 fev. 2023.

FERNANDES, Thaís. **A Literatura Latina no Brasil**: uma história de traduções. 2017. 205 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/425169216/projeto>. Acesso em: 15 fev. 2023.

FIGUEIREDO, Rubens. Prefácio. *In*: DOSTOIEVSKI, Fiódor. **Crime e Castigo**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Editora Todavia, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Power/Knowledge**: selected interviews and other writings. New York: Pantheon, 1980.

GAMBIER, Yves. Retradução, retorno e desvio. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 9, n. 5, p. 301–310. 2020. DOI: <https://doi.org/10.26512/belasinfiéis.v9.n5.2020.31480>.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, José Raimundo. **A polifonia contemplada como construtora do interminável saber por meio do ato tradutório na tradução comentada e anotada do Sri Ramanuja Gita Bhasya**. 2012. 305 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=199457. Acesso em: 15 fev. 2023.

HANES, Vanessa L. L. (Re)pensando o conceito de tradução indireta em obras literárias. **Ilha do Desterro**, v. 72, n. 2, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8026.2019v72n2p17>.

INACIO, Juliana Venera. **Le Avventure di Pinocchio**: os paratextos das traduções brasileiras no século XXI. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISAS EM ANDAMENTO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO, 9., Caderno de Artigos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://spapget.paginas.ufsc.br/files/2018/04/Caderno-de-Resumos-IX-SPA-PGET-2016.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2023.

JENKINS, Jennifer. English as a lingua franca: interpretations and attitudes. **World Englishes**, v. 28, n. 2, p. 200–207, 2009. DOI: 10.1111/j.1467-971X.2009.01582.x.

LAMBERT, J.; VAN GORP, H. Sobre a descrição da tradução. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres e Lincoln Fernandes. *In*: COSTA, W.; GUERINI, A; TORRES, M. H. C. (org.). **Literatura & tradução**: textos selecionados de José Lambert. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

LEAL, Eliane Pereira de Sousa. **Literatura sueca e tradução indireta no Brasil**: o caso de Hypnotisören. 2017. 208 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

LEE, Hyung-jin. Survival through Indirect Translation: Pablo Neruda's Veinte poemas de amor y una canción desesperada into Korean. **Journal of Language & Translation**, Seoul, v. 9, n. 2, p. 71–93, 2008. DOI: 10.22425/jul.2008.9.2.71.

LEFEVERE, André. **Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame**. Nova York: Routledge, 1992.

LORENZETTI NETO, Hugo. O caminho do meio para loucos: tradução indireta de nove poemas de Gendun Chopel. **Cadernos de Literatura em Tradução**, n. 24, p. 12–27. DOI: 10.11606/issn.2359-5388.i24p12-27. 2018. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2359->

5388.i24p12-27.

MACEDO, Ricardo Marques. Entre o Insuportável e o Monstruoso: uma análise sobre “duas narrativas” de a metamorfose. **Revista Athena**, v. 8, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/athena/article/view/1197>. Acesso em: 20 abr. 2023.

MENEZES, Ariel Daltrozo Munhoz. **Uma lamparina para o caminho da iluminação**: tradução indireta e comentada de um texto budista tibetano. 2017. 66 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em tradução – Inglês) – Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/21985/1/2017_ArielDaltrozoMunhozMenezes.pdf. Acesso em: 15 fev. 2023.

MENON, Isabela. Cerca de 7% da população brasileira tem ascendência árabe, aponta pesquisa. **Folha de São Paulo**, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/08/cerca-de-7-da-populacao-brasileira-tem-ascendencia-arabe-aponta-pesquisa.shtml>. Acesso em: 25 jan. 2024.

MONTEREI, Rafaella Carine. **Proposta de tratado sobre as limitações e exceções aos direitos autorais para as bibliotecas e os arquivos**. 2019. 99 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras/Tradução Espanhol) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/25911/1/2019_RafaellaCarineMontereitcc.pdf. Acesso em: 15 fev. 2023.

NUNES, Jakeline Pereira; TINO, Lorena Torres. Entrevista com Álvaro Faleiros. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 4, n. 3, p. 129–139, 2015. DOI: <https://doi.org/10.26512/belasinfiéis.v4.n3.2015.11357>.

OLIVEIRA, Cleiton. As (in)fidelidades nas traduções shakespearianas brasileiras de *Sonho de uma Noite de Verão* e *as Possíveis Perdas de Conteúdo*. **Building the way**: Revista do Curso de Letras, Goiás, v. 4, n. 1, 2014. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/buildingtheway/article/view/3168>. Acesso em: 15 fev. 2023.

OLIVEIRA, Anna Olga Prudente de; MARTINS, Márcia A.P. Nísia Floresta e Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens: uma tradução em busca do original. **Scripta Uniandrade**, v. 10, n. 1, jan./jun. 2012.

OLIVER, Antoni. Human translation and machine translation: specificities, uses, advantages and disadvantages. In: **Translating Diversity**. Barcelona: Linguapax Review 8, 2020. p. 131–154. Disponível em: <https://www.linguapax.org/wp-content/uploads/2020/12/LinguapaxReview2020.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2023.

PACHECO, Neemias Alencar. **Traduções da Bíblia das línguas originais às edições brasileiras**: uma historiografia. 2021. 51 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letra/Português e Literaturas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/14948>. Acesso em: 15 fev. 2023.

PARK, Yun Jung Im. A literatura coreana no Brasil: quadro atual e desafios. **Criação e crítica**, n. 24, out. 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v1i24p4-17>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/158038>. Acesso em: 24 jan. 2023.

PEREIRA, Bruno. **Conheça as 8 línguas mais faladas no Brasil**. Easy Translation Services. 21 jun. 2023. Disponível em: https://easyts.com/blog/comunicacao-linguagem/as-linguas-mais-faladas-no-brasil/#:~:text=Atualmente%2C%20estima%2Dse%20que%20o,1%2C5%20milh%C3%A3o%20de%20pessoas_ Acesso em: 25 jan. 2024.

PESSOA, Matheus Ely C. de L. V. **No apagar das luzes da Antigonick de Anne Carson: considerações sobre retraduições e traduções (in)diretas**. 2019. 167 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras – Tradução Inglês) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/24556/1/2019_MatheusElyPessoa_tcc.pdf. Acesso em: 15 fev. 2023.

PIĘTA, Hanna. **Indirect translation: main trends in practice and research**. Slovo.ru: Baltic accent, 2019.

PIĘTA, Hanna. What do (we think) we know about indirectness in literary translation? A tentative review of the state-of-the-art and possible research avenues. *In*: SALA, Ivan Garcia; ROIG, Diana Sanz; ZABOKLICKA, Božena. **Traducció indirecta en la literatura catalana**. [S. l.]: Punctum, 2014. p. 15–34. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/27791/1/15_Pi%c4%99ta-2014-What%20Do%20%28We%20Think%29%20We%20Know%20about%20In.pdf. Acesso em: 14 abr. 2023.

PIMENTEL, Janine. Natya Shastra: um projeto de tradução. *In*: JACKIEWICZ, Aleksandra; WALUCH DE LA TORRE, Edyta; BELTRÁN-CEJUDO, Gerardo; POPEK-BERNAT, Katarzyna. **La traducción literaria en el contexto de las lenguas ibéricas**. Poland: Ceeol, 2020. p. 85–101. Disponível em: <https://www.ceeol.com/search/book-detail?id=889811>. Acesso em: 15 fev. 2023.

PINTO, Marco Sirayama de. Uma reflexão sobre a não tradução: o caso de Tutunamayanlar de Oğuz Atay. **Acta Semiotica et Lingvistica**, João Pessoa, v. 18, n. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/article/view/18434/10363>. Acesso em: 15 fev. 2023.

PYM, Anthony. Translation research terms: a tentative glossary for moments of perplexity and dispute. *In*: PYM, Anthony (ed.). **Translation Research Projects 3**. Tarragona: Intercultural Studies Group, 2011. p. 75–100. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/385303210/pym-pdf>. Acesso em: 15 fev. 2023.

REBECHI, Rozane R.; ANDREETTO, Marlene D. As retraduições de Trauer und Melancholie para o Português: o léxico freudiano sob o olhar da linguística de corpus. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 18, n. 26, p. 126–157, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-88371826126157>.

REIS, Clerio Vilhena dos. **Traduções indiretas vs. traduções diretas**: o caso de obras russas em português. 2010. 143 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/16069/16069_1.PDF. Acesso em: 15 fev. 2023.

RINGMAR, Martin. **“Roundabouts routes”**: some remarks on indirect translations. *In*: MUS, Francis (ed.). CETRA RESEARCH SEMINAR IN TRANSLATION STUDIES, Conference Paper, Lund university, 2007.

RODRIGUEZ, Renan de Castro; ALVAREZ, Beethoven Barreto. Plauto Brasileiro: breve história das traduções da comédia plautina no Brasil. **Tradução em Revista** 28, Rio de Janeiro, jan. 2020. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.TradRev.48195>.

RÓNAI, Paulo. **A tradução vivida**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2012.

RÓNAI, Paulo. **Escola de tradutores**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2021.

ROSA, Alexandra Assis; PIĘTA, Hanna; MAIA, Rita Bueno. Theoretical, methodological and terminological issues regarding indirect translation: an overview. **Translation Studies**, v. 10, n. 2, p. 113–132, 2017. DOI: [10.1080/14781700.2017.1285247](https://doi.org/10.1080/14781700.2017.1285247).

ROSA, Alexandra Assis. Descriptive translation studies (DTS). *In*: GAMBIER, Yves; DOORSLAER, Luc van. **Handbook of translation studies**. Amsterdam: John Benjamins: 2010. v. 1. p. 94-104.

SAEGER, Daniel Martins. **Traduções diretas e indiretas do russo**: divergências, particularidades e desdobramentos. 2016. 103 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SAMPAIO, Fabiana. Imigração Japonesa no Brasil completa 114 anos. **Agência Brasil**, 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/cultura/audio/2022-06/114-anos-da-imigracao-japonesa-no-brasil>. Acesso em: 25 jan. 2025.

SANTOS, Lucas de Q. Carneiro. **A tradução de videogames**: Metal Gear Solid 3. 2022. 89 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Tradução Inglês) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2022b. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/36429>. Acesso em: 15 fev. 2023.

SANTOS, Sheila Cristina dos. **A tradução e suas redes**: a literatura árabe traduzida no Brasil entre 1981 e 2020. 2022. 188 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2022a. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6219>. Acesso em: 15 fev. 2023.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Diálogo**: Boris Schnaiderman. Entrevista concedida a Chulamit Terepins, Luiz Tenório de Oliveira Lima, Maria Ângela Moretzsonh, Maria Aparecida Nicoletti, Maria Elisa Pirozzi, Marina Kon Bilenky, Sonia S. Terepins, Thaís Blucher. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 43, n. 1, mar. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486641X200900010002#1a. Acesso em: 25 jan. 2024.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Tradução, ato desmedido**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2015. 216p. (Coleção Debates/D.321).

SILVA, Anderson Cristiano da. Sinais de Pontuação e BNCC: reflexões dialógicas. **Mandinga**: Revista dos estudos linguísticos, São Paulo, v. 3 n. 2, 2019. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/mandinga/article/view/314/181>. Acesso em: 15 fev. 2023.

SILVA-REIS, D.; AMORIM, L. M. Um editor dublê de tradutor: entrevista com Marcos Marcionilo. **Cadernos De Literatura em Tradução**, 2016, p. 227–238. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5388.i16p227-238>.

SILVA, Anderson Cristiano da; SOUSA, Raimunda Francisca de. O conceito de pontuação pela perspectiva de docentes dos anos iniciais. **InterteXto**, São Paulo, v. 12, n. 2, 2019. DOI: <https://doi.org/10.18554/ri.v12i2.3767>.

SINTRA. **Encontre um tradutor**. Disponível em: <https://sintra.org.br/tradutores>. Acesso em: 25 jan. 2024.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SPIVAK, Gayatri. Tradução como cultura. Tradução de Eliana Ávila e Liane Schneider. **Iha do Desterro**, Florianópolis, n. 48, p. 41–64, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/download/9833/9064/29316>. Acesso em: 18 mar. 2023.

STEINER, George. **Depois de Babel**. Tradução de Carlos Alberto Faraco. Curitiba, PR: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2006.

TANAKA, S. **As traduções indiretas de *Kinkakuji*, de Yukio Mishima, para a língua portuguesa**. 2018. 144 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2018.

TOURY, Gideon. **Descriptive translation studies and beyond**. Benjamins. Amsterdam, 1995.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução**: por uma ética da diferença. Tradução de: Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esquecia, Valéria Biondo; revisão técnica Stella Tagnin. São Paulo: Editora da Unesp, 2019.

WASHBOURNE, Kelly. Nonlinear narratives: paths of indirect and relay translation. **Meta: Journal des traducteurs**, v. 58, n. 3, p. 607, 2013. DOI: 10.7202/1025054ar.

WAGNER, J. J. T. **Paracelso – pioneiro, plural, polêmico**: traduzir para resgatar uma personalidade histórica marginalizada. 2019. 168 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8144/tde-12092019-172038/publico/2019_JoaoJoakimThorenWagner_VCorr.pdf. Acesso em: 18 mar. 2023.

WYCLIFFE GLOBAL ALLIANCE. **The history of Wycliffe**. 2022. Disponível em: <https://www.wycliffe.org/about/>. Acesso em: 14 fev. 2023.

ZWICK, L. M.; ZWICK, R. Um Dia de Fome em Cristiânia: tradução das primeiras páginas do romance Sult, de Knut Hamsun. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 22, p. 28–66 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5388.i22p28-66>.